

LAURA DE CASTRO OLIVEIRA GUERREIRO

PROJETO AMBIENTAL NO
PARQUE DA CIDADE
DONA SARAH KUBITSCHKE

Estudo de caso sobre os componentes responsáveis pelo abandono de algumas áreas.



BIBLIOTECA DE REFERÊNCIA DE ARQUITETURA E URBANISMO

ICPD Instituto CEUB de
Pesquisa e
Desenvolvimento

ISBN 978-65-87823-83-6
DOI 10.5102/978-65-87823-83-6

CEUB

Autor

Laura de Castro Oliveira Guerreiro

Coautores

Dra. Eliete de Pinho Araujo

1ª Edição

EQUIPE EDITORIAL**Reitor**

Getúlio Américo Moreira Lopes

Revisão gramatical e idioma

Serviço terceirizado

Normalização

Biblioteca Reitor João Herculino

Projeto gráfico

Laura Guerreiro

Coordenação geral acadêmica

Prof. Dra. Eliete de Pinho Araujo

Comissão técnico-científica

1. Dra. Eliete de Pinho Araujo, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil
2. Dr. Gustavo Alexandre Cardoso Cantuária, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil
3. Dra. Marta Adriana Bustos Romero, Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil

O livro foi revisado e avaliado por pares.

Grupo de pesquisa

“Cidade e habitação, novas perspectivas”

Linha de pesquisa

Cidade, infraestrutura urbana, tecnologia e projeto

Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/>

GUERREIRO, Laura de Castro Oliveira

**PROJETO AMBIENTAL NO PARQUE DA CIDADE DONA SARAH
KUBITSCHK: ESTUDO DE CASO SOBRE OS COMPONENTES
RESPONSÁVEIS PELO ABANDONO DE ALGUMAS ÁREAS.**

ISBN 978-65-87823-83-6

138 f.

Dissertação apresentada como requisito para conclusão do curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de

SOBRE OS AUTORES

Laura de Castro Oliveira Guerreiro

Arquiteta, mestre em arquitetura e urbanismo, com tema de pesquisa: Projeto ambiental no Parque da Cidade Dona Sarah Kubitscheck, estudo de caso sobre os componentes responsáveis pelo abandono de algumas áreas. Trabalha como autônoma desde 2016, com projetos residenciais e comerciais. Ingressou no projeto de iniciação científica e tecnológico no ano de 2015, onde propôs a utilização da placa piezoelétrica para a captação de energia elétrica proveniente da pressão dos passos de pessoas em locais de grande circulação no Distrito Federal, sendo indicado ao 13º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica promovido pelo CNPq. Participou do Congresso Mundial 2015 - Parques e Jardins Inteligentes em Portugal.

E-mail: laura.co.guerreiro@gmail.com

Link CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/7698812853891852>

Eliete de Pinho Araujo

Arquiteta graduada pela FAU-UFRJ (1976), Mestre em Planejamento Urbano - Tecnologia FAU - UnB (1999), Doutora em Saúde Pública, ENSP - FIOCRUZ (2008 - Capes nível 6), Pós-doutora pela Universidade da Coruña (2018). Arquiteta da Secretaria de Saúde SES-DF, Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo, FATECS-UniCEUB. Coordenadora do grupo de pesquisa Arquitetura, Qualidade Ambiental, Eficiência e Saúde, com ênfase nas linhas de pesquisa Arquitetura e suas Particularidades, Qualidade Verde, Retrofit e APO - Conforto Ambiental e Conservação de Energia e Cidade Sustentável no Terceiro Milênio. Coordenadora do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do ICPD-UniCEUB e responsável pelo grupo de pesquisa do mestrado Cidade e Habitação, Novas Perspectivas, com 2 linhas de pesquisa Cidade, infraestrutura, tecnologia e projeto e Teoria, história e projeto de habitação. Pesquisadora do grupo Prática Pedagógica e Formação de Professores. Editora da Revista da Arquitetura: Cidade e Habitação. Avaliadora de revistas nacionais e internacionais. Trabalha em publicações em parceria com profissionais internacionais de Londres, da Itália e da Espanha, com os temas: sustentabilidade, conforto, avaliação pós-ocupação, saúde, educação, projetos de arquitetura e de instalações hospitalares e prediais. Membro de comitê técnico-científico de congressos, simpósios e seminários nacionais e internacionais. Pesquisadora Ad Hoc da FAPDF e pesquisadora e orientadora de alunos de graduação, de ensino médio, de pós-graduação e de mestrado. É professora nível doutorado do Centro de Ensino Universitário de Brasília, professora de Curso de Especialização em Gestão em Saúde e Administração Hospitalar Brasília, e gerente da Pinho & Rodrigues Arquitetos Associados (www.pinhoerodrigues.com.br). Membro de bancas de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. Membro de associações e conselhos.

E-mail: eliete.araujo@ceub.edu.br

Link CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/8958239079490571>

Gustavo Alexandre Cardoso Cantuária

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1994), mestrado em Sustainable and Environmental Studies - Architectural Association School Of Architecture (1995) e doutorado em Sustainable and Environmental Studies - Architectural Association School of Architecture (2001). Em 2010 concluiu pos-doutorado na University of Cambridge, Inglaterra, no Martin Centre do Departamento de Arquitetura, na condição de professor visitante e em colaboração com Dr. Koen Steemers e financiado pela CAPES. Entre diversas pesquisas elaborados destaca-se o grupo SURE (Sustainable Urban Renewal) Africa, onde participou como pesquisador principal juntamente com Universidade de Cambridge e o Instituto Superior Técnico (IST) de Lisboa. Esta pesquisa resultou em seis livros sobre arquitetura bioclimático nos países lusófonos africanos. Atualmente mantém diversas linhas de pesquisa com a University of Cambridge e o IST com destaca para o projeto Polar Lodge, que trata de um abrigo sustentável na Antártida. Também se destaca as pesquisas sobre ilhas de calor e vegetação nos centros urbanos. É professor titular e pesquisador

pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo do UniCEUB na graduação e no Mestrado de Arquitetura e orienta alunos do programa de mestrado. É também orientador e membro de banca de TFG (trabalho final de graduação) além de professor convidado como membro externo de bancas de doutorado e mestrado. É ainda avaliador do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), órgão vinculado ao Ministério da Educação. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em sustentabilidade e bioclimatismo, atuando principalmente nos seguintes temas: conforto ambiental, arquitetura sustentável, refrescamento passivo, paisagismo urbano e integração do meio ambiente natural com o construído.

E-mail: gustavo.cantuaria@uniceub.br

Link CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/5849793524457486>

Marta Adriana Bustos Romero

Graduação pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia, USP de São Carlos (1980). Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985) e Doutorado em Arquitetura - Universitat Politècnica de Catalunya (1993), Pós-doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora Titular da Universidade de Brasília. Pesquisadora e bolsista do CNPq desde 1994, PQ nível 1 de 2006 até 2020. Coordenou a implantação do Departamento de Tecnologia (1987) e do atual curso de Mestrado (1994) e do Programa de Doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (2002). Chefe de Departamento de tecnologia 1987/88-1989/90 e coordenadora do PPGFAU em 1994. Coordenadora do primeiro Escritório Modelo - CASAS criado para elaboração de projetos de inserção social dos alunos da FAUUNB (2002). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes campos: tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo, sustentabilidade, urbanismo sustentável, bioclimatismo, desenho urbano, espaço público, e arquitetura e clima. Nesses campos, publicou e organizou os seguintes livros e coletâneas: Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano (1988, 6a ed. 2016); Arquitetura Bioclimática do Espaço Público (2001, 4a ed. 2015); Indicadores de Sustentabilidade Urbana (2007); Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística (2009, 2a ed. 2015); Tecnologia e Sustentabilidade para a Humanização dos Edifícios de Saúde (2011); Arquitetura do Lugar. Uma visão bioclimática da Sustentabilidade em Brasília (2011); Reabilitar o Urbano (2012); Revista Paranoá nº6. (2012); Anais do Congresso PLURIS2012 (2012; com V. Pazos); Universidade nos Quatro Cantos. Planos Diretores Urbanísticos dos Campi da Universidade de Brasília (2012; com C. Silva e V. Pazos); Tecnologia e Sustentabilidade para a Humanização dos Edifícios de Saúde. 2. ed. Brasília: FAU, UNB (2016; com G. Sales e E. Teixeira). Líder do Grupo de Pesquisa A Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo. Principal pesquisadora do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada a Arquitetura e ao Urbanismo LaSUS o qual iniciou em 2007. Coordena Curso de Especialização à Distância, Lato Sensu "Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística", hoje na sua 9ª edição. Coordenadora brasileira do Consórcio de Cooperação Bilateral USA/Brasil - USBUFC, Capes/Fipse 2002 - 2006 e 2008-2012. Foi coordenadora da pesquisa em parceria com a Coordenação do Sangue do Ministério da Saúde para a reabilitação ambiental de edifícios da Hemorrede do Brasil. Coordenou a elaboração dos Projetos Diretores Urbanísticos para os Campi Gama e Ceilândia da UNB.

E-mail: bustosromero@gmail.com

Link CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/0287848411905739>

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra primeiramente a Deus, que me deu forças para terminá-la,
a minha família, que me incentivou e sempre esteve presente
e ao meu namorado, que foi meu apoio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela saúde, força, determinação, capacidade, conhecimento e oportunidades que tive até hoje.

A Prof. Eliete de Pinho Araujo, pela paciência, empenho e habilidade com que me orientou durante o aperfeiçoamento e a evolução de mais uma etapa na minha vida acadêmica.

A todos os meus professores e especialmente Gustavo A. C. Cantuária, Sávio T. Guimarães e Marta A. B. Romero pelo carinho e docência que me levaram a me empenhar cada vez mais.

Aos amigos que me apoiaram, acreditaram e me deram suporte durante todo esse tempo de formação acadêmica.

A minha família maravilhosa, meu pai Norton, que sempre esteve orientando e melhorando minhas habilidades, minha mãe Cláudia, que diariamente zelava por minha saúde e conclusão de meus estudos, minhas irmãs Juliana e Camila, por me apoiarem e auxiliarem quando eu necessitava, meus avós queridos que diversas vezes me ofereciam conhecimento e amparo. A minhas primas, tias e tios por acreditarem e me apoiarem. E a todas as pessoas importantes que cercam a minha vida.

Ao meu querido André Bertoletti que esteve ao meu lado me incentivando, ajudando e apoiando na superação das dificuldades, dúvidas e anseios que esse processo de formação me exigiu.

RESUMO

A comunidade técnica da área de arquitetura tem conhecimento que as áreas verdes urbanas possuem grande valor e prestígio para as cidades. Elas exercem em sua essência bem-estar, conforto e beleza. Porém, ocasionalmente vemos algumas dessas áreas sendo alvo de descaso. As configurações urbanas exigidas para o melhor aproveitamento desses espaços, em sua maioria, não são adequadas às condicionantes locais. No Distrito Federal é possível acompanhar essa realidade dentro do território atribuído ao seu parque urbano principal, o Parque Dona Sarah Kubitschek. Conhecido popularmente como “Parque da Cidade” de Brasília, o parque é um dos principais destinos dos brasilienses para o lazer. No entanto, devido a diversos motivos, o Parque Dona Sarah Kubitschek, em algumas áreas, está atualmente enfrentando um momento de descaso tanto por parte da administração como por parte da população. O Parque da Cidade como objeto de estudo foi escolhido tanto pela sua importância dentro da cidade de Brasília como por estar localizado no Plano Piloto projetado por Lucio Costa. O projeto do parque foi planejado para ter grandes dimensões, em detrimento da área urbana do Plano Piloto em que foi inserido. O projeto reúne características do paisagismo de expressão moderna e possui atividades culturais, esportivas e de contemplação da natureza. Durante a construção do parque ocorreram várias modificações que não estavam no projeto. O autor Burle Marx rejeitou a autoria do projeto por meio de um texto publicado para o Jornal de Brasília, tamanha foi à insatisfação dele com as modificações. Apesar disso, o projeto ainda está associado a seu nome. Uma das consequências que ocorreram em virtudes dessas modificações foram áreas de baixo fluxo de pedestres, descaso da administração e desvalorização da população de Brasília. Por esta razão, a pesquisa tem como objetivo principal observar os fatores e escolhas que levaram ao descaso e pouco fluxo de algumas áreas, tendo como foco, diagnosticar cada área do parque, baseado nos conceitos bioclimáticos e de composição arquitetônica, pautados em grandes autores da área de urbanismo. Por conseguinte, pretende-se como objetivos específicos buscar: revisar a bibliografia específica na área de permanência e atrativos urbanos; pesquisar sobre a importância da vegetação urbana e suas potenciais formas de aplicação efetiva ao meio urbano; compreender os aspectos multidisciplinares e específicos das áreas da arquitetura, do urbanismo e do planejamento urbano; avaliar metodologias sobre os estudos bioclimáticos; e, por fim; aplicar processos de análise urbanísticos para o Parque Dona Sarah Kubitschek com base em análises quantitativas e qualitativas. O procedimento metodológico foi baseado em observação e descrição das condições arquitetônicas das áreas no geral para identificar as áreas que estão passando por descaso; para enfim, prosseguir com uma análise de comparação entre três áreas selecionadas, (uma que possui menos atividades para atrair visitantes; uma que apresenta mais atividades para atrair visitantes; e uma que foi planejada intencionalmente para atrair muitos visitantes, porém não conseguiu realizar esse objetivo) realizando um diário de visitas para compor uma análise quantitativa dos visitantes durante três dias, em cada área. Com base nessas análises, pôde-se entender que há uma relação entre a configuração de equipamentos arquitetônicos e os locais mais ou menos visitados, o que determina o comportamento de uso público nas áreas. Portanto, não se pode deixar de considerar que a qualidade ambiental e a configuração do desenho urbano oferecida aos visitantes em seus locais de convivência são um fator relevante na escolha de um local para o lazer. Esse estudo serve como base para futuras intervenções, à medida que facilita o entendimento para a elaboração de diretrizes e sua aplicação nos espaços de uso público.

Palavras-chaves: Parque, Urbano, Área verde, Sustentabilidade, Bioclimatismo.

ABSTRACT

The technical community in the area of architecture knows that urban green areas have great value and prestige for cities. They exercise in their essence well-being, comfort and beauty. However, we occasionally see some of these areas being neglected. Most of the urban settings needed to make the best use of these spaces are not suited to local conditions. In the Federal District, it is possible to follow this reality within the territory assigned to its main urban park, Parque Dona Sarah Kubitschek. Popularly known as "Parque da Cidade", in Brasília, the park is one of the main leisure destinations for Brazilians. However, for several reasons, Parque Dona Sarah Kubitschek, in some areas, currently faces a moment of neglect by both the administration and the population. Parque da Cidade, as an object of study, was chosen both for its importance in the city of Brasilia and for being located in the Pilot Plan prepared by Lucio Costa. The park project was planned to be large, to the detriment of the urban area of the Plano Piloto in which it was inserted. The project combines characteristics of modern landscaping and has cultural, sports and nature contemplation activities. During the construction of the park, there were several changes that were not in the project. The author Burle Marx rejected the authorship of the project through a text published in the *Jornal de Brasília*, such was his dissatisfaction with the changes. Despite this, the project is still associated with its name. One of the consequences that occurred as a result of these modifications was areas of low pedestrian flow, neglect with the administration and devaluation of the population of Brasília. For this reason, the research has as main objective to observe the factors and choices that led to the negligence and little flow of some areas, focusing on the diagnosis of each area of the park, based on bioclimatic concepts and architectural composition, based on great authors of urbanism area. Therefore, it is intended as specific objectives to seek: to review the specific bibliography in the area of permanence and urban attractions; research on the importance of urban vegetation and its possible ways of effectively applying it to the urban environment; understand the multidisciplinary and specific aspects of the areas of architecture, urbanism and urban planning; evaluate methodologies in bioclimatic studies; and finally; apply urban analysis processes to Parque Dona Sarah Kubitschek based on quantitative and qualitative analyzes. The methodological procedure was based on the observation and description of the architectural conditions of the areas in general to identify the areas that are being neglected; finally, proceed with a comparative analysis between three selected areas (one that has fewer activities to attract visitors; one that has more activities to attract visitors; and one that was intentionally designed to attract many visitors, but has not achieved this goal). prepare a visit diary to compose a quantitative analysis of visitors for three days, in each area. Based on these analyzes, it was possible to understand that there is a relationship between the configuration of architectural equipment and the more or less visited places, which determines the behavior of public use in the areas. Therefore, one cannot fail to consider that the environmental quality and the configuration of the urban design offered to visitors in their places of life are a relevant factor in choosing a place of leisure. This study serves as a basis for future interventions, as it facilitates understanding for the development of guidelines and their application in spaces for public use.

Keywords: Park, Urban, Green areas, Sustainability, Bioclimatism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Características ligadas aos conjuntos arbóreos – Densidade de árvores.....	11
Figura 2 - Planta do Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa, em 1956.....	34
Figura 3 - Planta estrutural de Brasília, de Lucio Costa, em 1957.....	35
Figura 4 – Planta atual de Brasília	35
Figura 5 – O cerrado de Brasília na seca em setembro	40
Figura 6 - Brasília na seca em setembro (esquerda) e na chuva em dezembro (direita)	42
Figura 7 - Propriedade da folha	44
Figura 8 - Tipologias de infraestrutura verde	48
Figura 9 - Direção dos ventos no período quente e úmido - Brasília	49
Figura 10 - Direção dos ventos no período seco - Brasília	50
Figura 11 - Plano de Moses para estradas cortando o Washington Square Park, 1950	52
Figura 12 - Parque Olhos D'água	57
Figura 13 - Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco	58
Figura 13 - Parque Ecológico Águas Claras	59
Figura 15 - Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	60
Figura 16 - Localização do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek em Brasília	61
Figura 17 - Zona Administrativa - projeto x construído	68
Figura 18 - Zona dos Estados - projeto x construído	69
Figura 19 - Zona do Lago - projeto x construído	70
Figura 20 - Zona Cultural - projeto x construído	71
Figura 21 - Zona Esportiva - projeto x construído	72
Figura 22 - Zoneamento do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	78
Figura 23 - Atividades do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	79
Figura 24 - Piscina de Ondas no seu auge na década de 80	85
Figura 25 - Piscina de Ondas, desativado	86
Figura 26 - Evento Cine Piscina do programa Ocupação Contém, em julho de 2019	86
Figura 27 - Divisão de área do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek - Brasília	88
Figura 28 - Área 01 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	89
Figura 29 - Área 02 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	92
Figura 30 - Área 03 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	95

Figura 31 - Área 04 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	98
Figura 32 - Área 05 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	101
Figura 33 - Área 06 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	104
Figura 34 - Área 07 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	107
Figura 35 - Área 08 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	110
Figura 36 - Área 09 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	113
Figura 37 - Área 10 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	116
Figura 38 - Área 11 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	119
Figura 39 - Área 12 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro sobre pontuação das condições dos elementos térmicos	11
Quadro 2 - Quadro sobre pontuação das condições das paradas	12
Quadro 3 - Quadro sobre pontuação das condições das atividades	13
Quadro 4 - Quadro sobre pontuação das condições das visuais	14
Quadro 5 - Quadro sobre pontuação das condições dos elementos auditivos	15
Quadro 6 - Quadro sobre pontuação das condições de segurança.....	16
Quadro 7 - Quadro sobre pontuação das condições dos equipamentos e instalações	17
Quadro 8 - Quadro sobre pontuação das condições de acessibilidade	19
Quadro 9 - Quadro sobre pontuação das condições de manutenção.....	20
Quadro 10 - Normais climáticas do Distrito Federal (1981-2010)	41
Quadro 11 - Atividades e serviços existentes no Parque da Cidade – 2019.....	81
Quadro 12 - Quadro de imagens da Área 01 do Parque da Cidade de Brasília.....	91
Quadro 13 - Quadro de imagens da Área 02 do Parque da Cidade de Brasília.....	94
Quadro 14 - Quadro de imagens da Área 03 do Parque da Cidade de Brasília.....	97
Quadro 15 - Quadro de imagens da Área 04 do Parque da Cidade de Brasília.....	100
Quadro 16 - Quadro de imagens da Área 05 do Parque da Cidade de Brasília	103
Quadro 16 - Quadro de imagens da Área 06 do Parque da Cidade de Brasília	106
Quadro 18 - Quadro de imagens da Área 07 do Parque da Cidade de Brasília.....	109
Quadro 19 - Quadro de imagens da Área 08 do Parque da Cidade de Brasília.....	112
Quadro 20 - Quadro de imagens da Área 09 do Parque da Cidade de Brasília.....	115
Quadro 21 - Quadro de imagens da Área 10 do Parque da Cidade de Brasília.....	118
Quadro 22 - Quadro de imagens da Área 11 do Parque da Cidade de Brasília.....	121
Quadro 23 - Quadro de imagens da Área 12 do Parque da Cidade de Brasília.....	124
Quadro 24 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 01	127
Quadro 25 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 02	128
Quadro 26 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 03	129
Quadro 27 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 04	130
Quadro 28 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 05	131
Quadro 29 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 06	132
Quadro 30 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 07	133

Quadro 31 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 08	134
Quadro 32 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 09	135
Quadro 33 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 10	136
Quadro 34 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 11	137
Quadro 35 - Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 12	138
Quadro 36 - Ficha de Avaliação bioclimática – Parque Dona Sarah Kubitschek.....	142
Quadro 37 - Quadro síntese das análises realizadas nas áreas do parque	169

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico de visitantes da Área 01 na sexta-feira	161
Gráfico 2 - Gráfico de visitantes da Área 01 no sábado	162
Gráfico 3 - Gráfico de visitantes da Área 01 no domingo	162
Gráfico 4 - Gráfico de visitantes da Área 09 na sexta-feira	163
Gráfico 5 - Gráfico de visitantes da Área 09 no sábado	164
Gráfico 6 - Gráfico de visitantes da Área 09 no domingo	164
Gráfico 7 - Gráfico de visitantes da Área 12 na sexta-feira	165
Gráfico 8 - Gráfico de visitantes da Área 12 no sábado	166
Gráfico 9 - Gráfico de visitantes da Área 12 no domingo	166
Gráfico 10 - Gráfico do total de visitantes da Área 01 no final de semana	167
Gráfico 11 - Gráfico do total de visitantes da Área 09 no final de semana	167
Gráfico 12 - Gráfico do total de visitantes da Área 12 no final de semana	168
Gráfico 13 - Gráfico síntese do total de visitantes nas Áreas 01, 09 e 12	169

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CAUMA - Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente

CLN – Comércio Local Norte

DF – Distrito Federal

DNMET – Departamento de Nacional de Meteorologia

GDF – Governo do Distrito Federal

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IBPC – Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural

IBRAM – Instituto Brasília Ambiental

ITDP – Instituto de Políticas de Transporte & Desenvolvimento

INMET – Instituto Nacional de Meteorologia

NB – Norma Brasileira

NBR – Norma Brasileira Regulamentadora

SIG – Setor de Indústrias Gráficas

PEC - Ponto de Encontro Comunitário

PNE – Portador de Necessidades Especiais

SEC-DF – Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal

SUMÁRIO

	LISTA DE FIGURAS	ix
	LISTA DE QUADROS	xi
	LISTA DE GRÁFICOS	xiii
	ABREVIATURAS E SÍGLAS	xiv
1.	INTRODUÇÃO	1
1.1	Tema e Objeto de Estudo	4
1.2	Problemática	5
1.3	Justificativa e Relevância	5
1.3	Objetivos	6
1.1	Objetivo Geral	6
1.2	Objetivos Específicos	6
2.	METODOLOGIA	7
4.1	Avaliação Arquitetônica	10
4.2	Avaliação Bioclimática	21
3.	REFERÊNCIAL TEÓRICO	23
3.1	Jardins, Praças e Parques – Urbanos, Privados e Públicos	25
3.2	O Parque como Patrimônio	28
3.3	Parque Urbano	30
3.4	A História da Capital Brasileira – Brasília, a Cidade Parque	31
3.5	Bioclimatismo para Espaços Urbanos	36
3.6	O Clima de Brasília	39
3.6.1	Sobre o Cerrado	42

3.7	Importância da Vegetação	43
3.8	Importância das Atividades Urbanas	51
3.9	Elementos importantes de Atração para Permanência	53
3.10	Parques do Brasil	55
3.11	Parques de Brasília	56
3.12	O Parque Dona Sarah Kubitschek	60
3.12.1	Influências para Criação do Parque	61
3.12.2	Histórico do Parque	63
3.12.3	O Projeto de Burle Marx	66
3.12.4	Importância no Meio Urbano e Legislativo	73
3.12.5	Características e Zoneamento	77
3.12.6	Atividades e Usos	78
3.12.7	Equipamentos e Mobiliários Urbanos	80
3.12.8	Conservação e Manutenção	82
4.	DESENVOLVIMENTO	87
4.1	Diagnóstico da Realidade Atual do Parque da Cidade de Brasília	88
4.1.1	Áreas do Parque	88
5.	DIAGNÓTICO E ANÁLISE	125
5.1	Avaliação Arquitetônica	126
5.2	Avaliação Bioclimática	139
6.	AS TRÊS ÁREAS SELECIONADAS	143
6.1	Escolha das Áreas	143
6.2	Diário de Visitas	143

7.	ANÁLISE DE RESULTADOS	160
6.	CONCLUSÕES	170
	REFERÊNCIAS	173
	ANEXOS	182



INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, é conhecido no meio acadêmico, técnico e popular que a presença de áreas verdes é indicadora de qualidade ambiental urbana. Quando estas são inexistentes ou não são efetivadas no ambiente urbano interferem diretamente na qualidade do mesmo. Além disso, a falta de espaços de ambientes verdes, adequados para o lazer prejudica a qualidade de vida da população. Quando áreas verdes, como parques, não existem, as cidades acabam por conferir condições impróprias para a realização de tarefas urbanas cotidianas, afetando fisicamente e psicologicamente os cidadãos.

Os parques consistem em grandes áreas naturais, semi-naturais ou artificialmente plantadas, com abundante presença de vegetação, reservados para diversão e recreação humana ou para a proteção e preservação da vida selvagem ou de habitats naturais. A palavra parque origina-se do francês *parc*, e ganhou muita popularidade a partir de porções de terra destinadas à caça que posteriormente evoluíram para parques paisagísticos situados em torno de mansões e casas de campo a partir do século XVI. Desta forma, aos poucos os parques começaram a ser caracterizados como *urbano* ou *natural*.

Para Kliass (1993, p. 19) “os parques urbanos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado à recreação”. O parque urbano como conhecemos atualmente, caracteriza-se por ser protegido por cidade, Estado/província ou pelo país que se encontra. É definido como um tipo de espaço público, livre de edificações, onde existe tipicamente grande quantidade de vegetação e áreas não pavimentadas, mas, sobretudo localizado dentro de uma região urbana. Estabelecimentos industriais e residenciais, normalmente, são proibidos, e estabelecimentos comerciais tendem a ser restritos a quiosques e vendedores ambulantes. Alguns possuem em seu interior um conjunto de atrações de caráter cultural, como museus, bibliotecas e centros culturais e educativos.

Para os habitantes das cidades, um parque pode prover lazer e recreação, além de propiciar atividades de caráter social e salubre, no meio urbano. Cidades que almejam o bem-estar e o alto nível de qualidade de vida de seus habitantes designam espaços especialmente reservados para ambientes de lazer, como a Capital do Brasil. Levando em consideração toda essa importância, o **objeto de estudo** da presente pesquisa é o Parque Dona Sarah Kubitschek, em Brasília.

O parque Dona Sarah Kubitschek, também chamado de Parque da Cidade de Brasília, configura-se como o maior parque urbano de Brasília, e está entre os maiores da América Latina. Foi fundado em 11 de outubro 1978, primeiramente nomeado como Parque Rogério Pithon Farias, filho do então governador. Porém foi renomeado como Parque Dona Sarah Kubitschek em 1997, em homenagem à primeira dama, mulher de Juscelino Kubitschek, presidente que em 5 anos construiu Brasília.

O parque é um dos tradicionais pontos de diversão em Brasília, lugar onde o público de todas as idades se encontra para se divertir, lanchar e praticar esportes. Por conseguinte, evidencia-se como uma importante área para a vida dos moradores de Brasília. O espaço oferece muitas atividades como estrutura para esportes, atividades físicas, parquinhos infantis e bosques de pinheiros. Por ter uma área tão abrangente, muitas atividades estão mais concentradas em algumas partes e outras estão distribuídas pelo espaço disponível. É possível observar que algumas zonas não possuem atividades atrativas ao público. Resultando no afastamento da comunidade nessas áreas.

Segundo Gehl (2014), “o potencial para uma cidade cheia de vida é maior quando mais pessoas se sentem convidadas para andar, pedalar, e utilizar os espaços da cidade”. Isso se aplica integralmente aos parques, que nada mais são que grandes espaços urbanos. Por este motivo, o parque e especificamente essas áreas do parque, precisam tornar-se espaços agradáveis e de qualidade para atrair pessoas que queiram estar, conviver e usufruir. Mas quais seriam os pontos a serem levados em conta no momento de criação do espaço agradável?

Quanto mais atividades um local oferece mais atrativo se torna. Atividades esportivas, culturais, alimentícias e de lazer. O conforto do visitante é outro aspecto importante a ser levado em consideração. Espaços que possuem um conforto térmico agradável atraem a maior parte do público. Diante do exposto, de maneira a abranger todas as exigências sociais e bioclimáticas, entende-se que o projeto de criação de parques deve ser muito bem pensado para não causar possíveis áreas abandonadas no futuro. A concepção do projeto é a fase mais importante para qualquer obra, onde é possível considerar diversos aspectos e vertentes com relação aos usos, atividades, destinação e os melhores materiais aplicáveis. Para os parques, um projeto, bem formulado nos princípios do bioclimatismo e de atratividade urbana, prevê ao “espaço verde” maior interesse que pode ser decisivo para o êxito da área.

Um dos objetivos com o presente trabalho é a contribuição para à produção de conhecimento sobre o parque Dona Sarah Kubitschek, e assim compor a bibliografia existente com mais informações pertinentes à comunidade pesquisadora. Estudar o projeto do Parque da Cidade de Brasília servirá para e compreender sua adequação às características físicas e ambientais do contexto local, considerando quatro aspectos básicos de estudo: a vegetação, os fatores ambientais, a acessibilidade e o mobiliário urbano.

Para a consecução dos objetivos traçados, o trabalho foi organizado em torno ao estudo físico e ambiental dos espaços livres públicos. Inicialmente foi feita uma revisão teórica para definir os conceitos relacionados ao espaço público para determinar, dentro dos princípios de desenho urbano e ambiental, os elementos que deveriam ser avaliados *in loco*. A partir dos processos de metodologia aplicados, foram obtidos dados da situação física atual do parque, como também da quantidade de visitantes em algumas áreas do parque escolhidas para o estudo.

Portanto, é importante ressaltar que o espaço público deve ser foco de estudo constantemente, pois não deve ser tratado como um projeto acabado no momento da abertura de suas atividades. Na maioria das vezes, apenas os aspectos funcionais são contemplados no tratamento do espaço público. Elementos naturais e de aspectos bioclimáticos próprios do local são negligenciados. É necessário que haja um tratamento sensorial, para conciliar os elementos construídos com a vegetação existente.

Poucos são os autores que tratam sobre o Parque da Cidade e principalmente sobre suas condições. A união de aspectos ambientais com elementos de permanência em espaços públicos é a proposta do presente trabalho, e ressalta a integração de assuntos que devem caminhar juntos para melhor atender a população.

1.1. Tema

O tema tem como princípio, a avaliação da situação de algumas áreas do Parque da Cidade que se encontram depredadas. Dois aspectos principais foram encontrados durante o período de reflexão e pesquisa, condizentes aos anos de 2018 e 2019. O primeiro condiz aos elementos de atividades fornecidos por algumas áreas. Especificamente o aspecto de infraestrutura que a área possui juntamente com a manutenção. O outro aspecto foi sobre o as questões de bioclimatismo, mais precisamente sobre uma avaliação interna e externa, para exhibir componentes que não foram levados em conta no momento de concepção do parque.

1.2. Problemática

A problemática principal é a situação das áreas em estado ermo e abandonado. O parque possui uma assiduidade de cerca de 15 mil visitantes de segunda a sexta-feira e 37 mil nos fins de semana, de acordo com a Secretaria de Estado de Turismo do Distrito Federal, a secretaria responsável pela administração do parque atualmente. Os descasos de áreas importantes e os ambientes desertos preocupam e afastam os frequentadores do local. Nem todas as áreas estão degradadas. Existem locais que se mostram ativos e funcionais, recebendo um grande número de visitantes anualmente e apresentando uma manutenção regular. Essa situação evidencia a importância do estudo dessas áreas carentes de manutenção, sendo este um dos problemas que o público do parque enfrenta.

1.3. Justificativas e Relevância

Os parques são espaços que trazem qualidade de vida aos moradores da urbe e por isso ocupam um lugar de respeito dentro do projeto urbano. De forma ecológica e atualmente, social, as questões abordadas no processo de criação de parques possuem bastante relevância para sua atratividade. Devido às extensas mudanças nas cidades e na própria população, os ambientes, em geral, acabam por assumir múltiplas funções, com a finalidade de incorporar a diversidade de práticas sociais, culturais e lúdicas. Esses fatores influenciam na mudança do sítio que afeta tanto a organização espacial como a experiência fornecida aos usuários.

O processo de avaliação sobre as condições físicas de um local já construído tem como intuito expor novas realidades a serem levantadas acerca de um novo projeto. A fim de obter espaços realmente adequados a seus usos, em todos os aspectos, os estudos reunidos podem trazer novas diretrizes e ideias de acordo com o local e a população, de forma a amparar melhor cada cultura. Ademais, o estudo de locais como o Parque Dona Sarah Kubitschek, possibilita o surgimento de modificações no âmbito da realidade em que se encontram.

Existem vários desafios no projeto de um parque, ele deve contemplar uma infraestrutura com atividades diversificadas, o conforto térmico deve ser muito bem pensado, os materiais devem ser de fácil manutenção e grande durabilidade. Os parques precisam de gerenciamento e manutenção regular e quando essas questões são negligenciadas, ele pode rapidamente entrar em estado de degradação. Por isso, é fundamental entender a atual situação em que se encontram as áreas abandonadas do Parque da Cidade de Brasília.

1.4. Objetivos

Como objetivos essa pesquisa contém um geral e outros específicos, que compõem a pesquisa de forma completa e direcionada. O objetivo geral pretende resumir e apresentar a ideia central do presente trabalho, descrevendo também sua finalidade no meio acadêmico. Os objetivos específicos delimitarão melhor o tema escolhido, e detalhará os processos necessários para realizar a pesquisa.

1.4.1. Objetivo Geral

O objetivo principal da pesquisa é observar os fatores e escolhas que levaram ao descaso e pouco fluxo de algumas áreas, tendo como foco, diagnosticar cada área do parque, baseado nos conceitos bioclimáticos e de composição arquitetônica, pautados em grandes autores da área de urbanismo. Além de levar em conta as diretrizes urbanísticas da legislação e os princípios arquitetônicos, para o melhoramento de um dos mais importantes ambientes públicos de Brasília.

1.4.2. Objetivos Específicos

Como objetivo específico pretende-se com essa pesquisa:

1. Revisar a bibliografia específica na área de permanência e atrativos urbanos;
2. Pesquisar sobre a importância da vegetação urbana e suas potenciais formas de aplicação efetiva ao meio urbano;
3. Compreender os aspectos multidisciplinares e específicos das áreas da arquitetura, do urbanismo e do planejamento urbano;
4. Avaliar metodologias sobre os estudos bioclimáticos;
5. Aplicar processos de análise urbanísticos para o Parque Dona Sarah Kubitschek com base em análises quantitativas e qualitativas.



2.

MEDOTOLOGIA

2. METODOLOGIA

A pesquisa possui um caráter de natureza básica onde pretende-se com seus resultados promover conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência. Deste modo, o método científico adotado é de cunho hipotético-dedutivo e possui como objetivo a ordenação explicativa. Os procedimentos técnicos serão baseados em pesquisas bibliográficas, pesquisa documental; e estudo de caso. A abordagem escolhida foi a qualitativa em virtude do caráter de visitas *in loco* que a pesquisa demanda e do próprio tema proposto. O parque escolhido para o estudo foi o Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek situado na capital do Brasil, Brasília. O local foi selecionado devido à sua importância e significado cultural para a cidade, por ser um dos maiores parques urbanos do Brasil, além de se apresentar como importante ponto turístico. Os procedimentos utilizados no estudo estão dispostos a seguir:

1. Visitas *in loco* para o levantamento de dados referentes às condições das áreas de atividades no Parque da Cidade, pontuando-as para definir três áreas diferentes, uma que tenha grande fluxo de pessoas, outra que tenha pouco fluxo de pessoas e uma que foi planejada exclusivamente para ter muito fluxo, porém não conseguiu realizar essa tarefa.
2. Examinar o bioclimatismo das áreas e definir a relação do parque com o entorno;
3. Fazer um diário de visitas das três áreas selecionadas, avaliando quantitativos de visitantes, atividades realizadas e um mapeamento dos principais caminhos realizados nas áreas.

Devido à extensão do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek de aproximadamente 420 há, foi realizada uma divisão de sua extensão para a melhor análise sobre suas condicionantes. A divisão teve como limite os 13 estacionamentos. Foram divididas 12 partes, uma para cada estacionamento e uma das partes englobando dois estacionamentos que por conta de suas localizações próximas não foi possível dividi-los.

A avaliação *in loco* servirá para a análise dos componentes que existem em cada área e do entorno. Será criada uma ficha baseada nos estudos de bibliografia para avaliar tanto os elementos arquitetônicos que compõem as áreas como também, os componentes bioclimáticos existentes. A avaliação bioclimática servirá para uma avaliação geral de cada área e a arquitetônica para pontuar as áreas com mais ou menos atividades que servirão de parâmetro para definir quais atraem mais público e quais atraem menos. Serão feitas análises dos pontos

presentes e ausentes e o estudo norteará a pesquisa sobre o que é disponibilizado aos usuários para atrair seus interesses e provê mais visibilidade e movimento à área.

Por fim, a partir das análises dos dados da pesquisa em campo, no quesito arquitetônico, serão selecionadas três áreas. As áreas escolhidas deverão ter as seguintes características: uma que possui menos atividades para atrair visitantes; uma que apresenta mais atividades para atrair visitantes; e uma que foi planejada intencionalmente para atrair muitos visitantes, porém não conseguiu realizar esse objetivo. Essas avaliações foram pontuadas de acordo com cada especificidade e qualidade do ponto a ser analisado, produzindo assim, um quadro com a pontuação final.

Essa pontuação serviu para selecionar as três áreas que foram estudadas no período de um final de semana, especificamente durante uma sexta, um sábado e um domingo. O fim de semana foi selecionado por ser o período onde a maioria dos assalariados não trabalha e a maior parte das empresas fecha. O público que faz exercícios aproveita os dias sem trabalho para visitar o parque e por isso, para o parque, o fim de semana representa maior movimento. A época chuvosa foi escolhida por apresentar índices de umidade mais elevados e em geral, melhores condições para exercícios e atividades no parque. Os estudos reuniram dados quantitativos de visitantes, atividades realizadas e um mapeamento dos principais caminhos realizados nas áreas.

Para pontuar os itens, cada um terá sua interpretação de mais ou menos agradável. De acordo com isso será apresentado uma pontuação que irá de 1 à 4, sendo 1 Insatisfatório, 2 mediano, 3 bom ou boa e 4 Excelente. Por fim, será composto um quadro com a somatória dos dados recolhidos e uma pontuação final. Esse processo serve para esclarecer e classificar se uma área é ou não mais atrativa, já que uma área com mais opções de atividades e características de infraestrutura mais agradáveis, acabam por atrair maior público.

2.1. Avaliação Arquitetônica

Para classificar e pontuar a avaliação arquitetônica foi criada uma série de pontos e cenários a partir de estudos baseados em White (1984), Peixoto, Labaki e Santos (1995), Jacobs (2000), Cantuária (2001), Falcón (2007), Shaftoe (2008), Romero (2011), Gehl (2014) e Speck (2016). Cada área foi estudada a partir desses pontos para criar uma tabela que classificará um espaço como sendo mais ou menos atraente para o público. Os pontos a seguir foram separados e usados para avaliar cada área a fim de justificar a escolha das melhores áreas a serem estudadas.

Alguns pontos principais foram apresentados para melhor classificar no momento das análises *in loco*, (a partir desses pontos foram divididos pequenos outros elementos para melhor avaliação) são eles: elementos térmicos; paradas; atividades; boas visuais; elementos auditivos; segurança; equipamentos e instalações; acessibilidade e manutenção. Cada um dos aspectos possui uma pontuação específica para mostrar o que é mais agradável ao público ou não.

Foram considerados dois tipos de aspectos para definir os elementos térmicos importantes para um ambiente como o parque. São eles a umidificação, em relação à presença de porção de água em lagos ou espelhos d'água, por exemplo, e o sombreamento. Para a análise desses aspectos foram observados se a área conta com a presença de água ou vegetação arbórea.

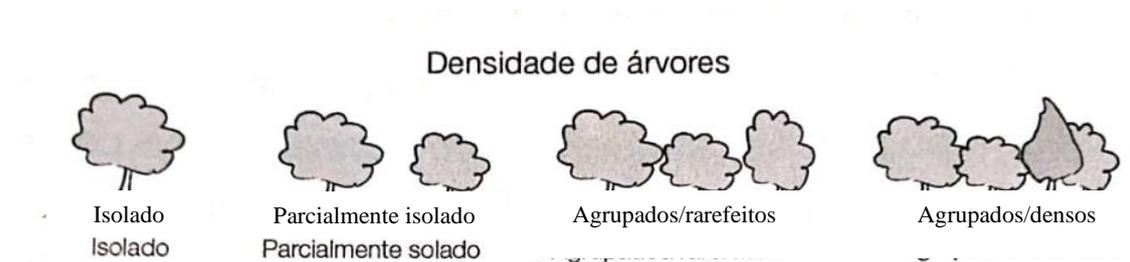
De acordo com White (1984, apud CANTUÁRIA, 2001) a presença da vegetação pode influenciar positivamente a melhorar o clima local, auxiliar o fluxo de ar, reduzir a velocidade do vento, regular a umidade, reduzir a temperatura, absorver partículas de poeira e carbono e produzir oxigênio. Por sua vez, a presença de água como, por exemplo, em espelhos d'água, propicia melhor umidade.

Romero (2015) afirma que para o tipo de clima de Brasília é necessário aumentar as superfícies de água, promover a evaporação e que de preferência a superfície com água tenha algum movimento, ou seja, coberta para o melhor resfriamento.

Peixoto, Labaki e Santos (1995, apud ROMERO, 2011) levantaram alguns fatores importantes para o planejamento do uso da vegetação nas cidades, como características ligadas ao ambiente natural, à espécie, ao ambiente construído e à densidade, disposição e

forma de conjuntos arbóreos. Para melhor pontuar o estudo foram consideradas apenas as características de densidade de árvores (Figura 1).

Figura 1 – Características ligadas aos conjuntos arbóreos – Densidade de árvores.



Fonte: Peixoto et al. apud Romero, 2011, p. 86.

O Quadro 1, a seguir classifica e pontua a situação dos elementos térmicos presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 1 - Quadro sobre pontuação das condições dos elementos térmicos.

Elementos térmicos	
Água (fornece umidificação)	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui pequena porção (até 50m ²) de água parada/em movimento
	3 – Bom/Boa: Possui grande porção (mais de 50m ²) de água parada
	4 – Excelente: Possui grande porção (mais de 50m ²) de água em movimento
Vegetação arbórea (fornece sombreamento e sensação térmica agradável)	1 – Insatisfatório: Isolado
	2 – Mediano: Parcialmente isolado
	3 – Bom/Boa: Agrupados/rarefeitos
	4 – Excelente: Agrupados/densos

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Os pontos de paradas foram considerados cruciais para serem analisados nas áreas. Tanto por sua importância geral como local de permanência, como pela sua relevância arquitetônica representando um local seguro, para os visitantes realizarem uma pausa temporária ou mais demorada (GEHL, 2014).

As paradas foram divididas em abrigos e pontos de pausas rápidas. Nas áreas foram observados se haviam pontos de paradas e qual o estado desses pontos. Esse aspecto influencia no tempo de estadia dos visitantes no local.

O Quadro 2, a seguir classifica e pontua a situação dos elementos de paradas presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 2 - Quadro sobre pontuação das condições das paradas.

Paradas	
Abrigos/proteção contra intempéries e Pontos de pausas rápidas (preferencialmente nos espaços de transição, com costas protegidas)	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins, sem costas protegidas ou assentos e cobertura (condições depredadas e desagradáveis)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas, com costas protegidas ou assentos e sem cobertura (condições pouco depredadas, porém utilizável)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis, com costas protegidas ou assentos e cobertura (condições utilizáveis e agradáveis)

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As atividades compõem um importante ponto de destaque para a avaliação. São elas que atraem o interesse principal dos usuários do parque. É importante ressaltar que um espaço urbano como um parque necessita de uma grande variedade de atividades e entretenimento para atender a maioria dos cidadãos. A obesidade está ligada ao quanto uma cidade se propõe a fornecer um ambiente propício para atrair pessoas para caminhar, se divertir e se exercitar.

De acordo com Speck (2016) se uma pessoa vive em um bairro onde se caminha mais as chances de estar obeso são de 35%, porém se ela vive em um bairro onde se caminha menos, ela possui 60% de chances de estar acima do peso. Jacobs (2000) afirma que é preciso compreender a sociedade, seus hábitos, relações e atividades para ter bons resultados na mudança de espaços urbanos. Dentro das atividades estão estabelecimentos que fornecem alimentos. Segundo Shaftoe (2008) um dos fatores necessários para o sucesso de lugares públicos e urbanos envolve a diversidade de atividades do espaço que o torna um espaço distinto e memorável. Além disso, é importante existir estímulos aos cinco sentidos como o olfato e o paladar. Espaços como lanchonetes ou restaurantes possibilitam ao público ficar por mais tempo, já que amparam necessidades de comer e se hidratar.

O Quadro 3, a seguir classifica e pontua a situação das atividades presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 3 - Quadro sobre pontuação das condições das atividades.

Atividades (fornece área para prática de atividades diversas)	
Variedade de atividades e entretenimento	1 – Insatisfatório: Apresentar de 0 a 2 atividades diferentes
	2 – Mediano: Apresentar de 3 a 6 atividades diferentes
	3 – Bom/Boa: Apresentar de 7 a 10 atividades diferentes
	4 – Excelente: Apresentar mais de 10 atividades diferentes
Quiosques (comes e bebes)	1 – Insatisfatório: Não possui ou está desativado
	2 – Mediano: Possui qualidades ruins, está depredado e funciona apenas alguns dias
	3 – Bom/Boa: Possui qualidades medianas, está depredado e funcionando normalmente
	4 – Excelente: Possui qualidades agradáveis, está em ótimas condições e em funcionamento

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A escolha de visuais que irão compor um espaço público de lazer é algo crucial para atrair o público. Se o local oferece atrações como, por exemplo, água, vegetação, floração, boa arquitetura, sem poluição e obras de arte, as pessoas sentem-se curiosas para contemplar (GEHL, 2014). Além disso, existe nas pessoas o interesse de observar a vida e as relações humanas no lugar. A pesquisa considerou importante para a avaliação substancial a presença de itens considerados mais permanentes, como a arquitetura e obras de arte.

O Quadro 4, a seguir classifica e pontua a situação das visuais presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 4 - Quadro sobre pontuação das condições das visuais.

Visuais	
Boa arquitetura (fornece proteção e atratividade para o público)	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui qualidades ruins, condições deprecadas
	3 – Bom/Boa: Possui qualidades medianas, condições normais porém não agradáveis
	4 – Excelente: Possui qualidades agradáveis, condições normais e agradáveis
Obras de arte (fornece atratividade aprazível)	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui de 1 a 2
	3 – Bom/Boa: Possui de 3 a 4
	4 – Excelente: Possui mais de 4

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Os sons agradáveis foram considerados aqueles que atraem o público de modo amplo. Nessa pesquisa os sons mais atrativos dentro do parque são os sons da própria natureza. Tanto o som do balanço das folhas das árvores ao vento como o cantar dos pássaros representam elementos auditivos atraentes para o público no geral e para ouvi-los é necessário haver silêncio no local.

Os sons desagradáveis são os que normalmente afastam o público dos espaços, seja por sua frequência ou pela altura do som. De acordo com Gehl (2014) é necessário que o nível de ruído do espaço seja baixo, para que permita as conversas. Os principais sons considerados desagradáveis presentes dentro do espaço de estudo foram os de automóveis nas vias à margem do parque.

O Quadro 5, a seguir classifica e pontua a situação dos elementos auditivos presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 5 - Quadro sobre pontuação das condições dos elementos auditivos.

Elementos auditivos	
Sons agradáveis/ Ruídos	1 – Insatisfatório: Apresenta muitos ruídos de automóveis
	2 – Mediano: Apresenta poucos ruídos de automóveis e de visitantes
	3 – Bom/Boa: Não apresenta ruídos de automóveis, apenas dos visitantes
	4 – Excelente: Não apresenta muitos ruídos, apenas sons agradáveis de pássaros, do vento e da natureza

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A segurança do local é um importante fator de escolha de um lugar para o passeio. É essencial que o espaço público possua segurança, permita circulação de pedestres e que exista a possibilidade de realizar atividades noturnas. A boa iluminação, requisito fundamental para que as pessoas se sintam seguras (GEHL; GEMZØE; KARNAES, 2008).

Além disso, Gehl (2014, p. 99) entende que a “vida nas ruas tem um impacto sobre a segurança, mas a vida ao longo da rua também tem um papel considerável”. Ou seja, quanto mais pessoas, olhos e testemunhas estiverem por perto mais difícil é para o aquele que usa da violência poder realizar seu delito. Nesse quesito se encontra o olhar do vigia, que também servirá de proteção nesses locais.

O Quadro 6, a seguir classifica e pontua a situação das condições de segurança presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 6 - Quadro sobre pontuação das condições de segurança.

Segurança	
Iluminação	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins, não é indicado atividade à noite
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas, é possível atividade à noite em poucos lugares
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis, é possível atividades a noite em muitos lugares
Locais isolados	1 – Insatisfatório: Possui lugares que passam poucas pessoas, espaços encobertos e sem vigia
	2 – Mediano: Possui lugares que passam algumas pessoas, espaços encobertos e sem vigia
	3 – Bom/Boa: Possui lugares com passagem de algumas pessoas, espaços abertos
	4 – Excelente: Possui lugares com passagem de muitas pessoas, espaços abertos e vigia
Violência	1 – Insatisfatório: Possui muitas atividades ilícitas
	2 – Mediano: Possui poucas atividades ilícitas
	3 – Bom/Boa: Possui lugares isolados sem vigia
	4 – Excelente: Não possui ou pouca

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As condições dos equipamentos também foram cruciais para a classificação. Os equipamentos e instalações presentes no local amparam as necessidades mais importantes dos visitantes. De acordo com Gehl (2014, p. 140), “quem precisa ficar por algum tempo em um espaço urbano vai se cansar de ficar de pé e vai procurar um lugar para se sentar”, e quanto mais tempo essa pessoa for passar, mais atenção ela irá ter no momento de escolher o lugar. Em geral esses lugares precisam ter mais vantagens que desvantagens. Além disso, mobiliários como lixeiras, chuveiros e banheiros complementam e agregam as necessidades básicas de permanência. A criação de espaços urbanos que são socialmente viáveis para todos implica na criação de várias opções de permanência para todo o tipo de público.

O Quadro 7, a seguir classifica e pontua a situação das condições dos equipamentos e instalações presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 7 - Quadro sobre pontuação das condições dos equipamentos e instalações.

Equipamentos e instalações	
Bancos	1 – Insatisfatório: Não possui ou está desativado
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (sem sombreamento e/ou degradados)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (com sombreamento rarefeito e/ou pouco degradados)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (com sombreamento denso e/ou sem degradação)
Lixeiras	1 – Insatisfatório: Não possui ou está desativado
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (degradados)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (pouca distribuição e sem divisão de lixo)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (muita distribuição e com divisão de lixo)
Banheiros	1 – Insatisfatório: Não possui ou está desativado
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (degradados)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (com pouca distribuição)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (com muita distribuição)
Chuveiros	1 – Insatisfatório: Não possui ou está desativado
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (degradados)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (com pouca distribuição)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (com muita distribuição)

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A acessibilidade é um assunto amplamente discutido em praticamente todas as áreas sociais. O direito de ir e vir diz respeito à uma cidade acessível com espaços que sejam mantidos em bom estado, acessíveis e adaptados às necessidades de todos contendo segurança, conforto e eficiência. A legislação de acessibilidade brasileira é uma das mais completas do mundo.

Como sendo um direito, a acessibilidade promove o exercício da inclusão, não apenas para pessoas com deficiência, mas também para pessoas com mobilidade reduzida, idosos, gestantes e outras pessoas em situação vulnerável, respeitando a participação dessa parcela da população brasileira.

Nesse estudo em particular, não será revisado se o espaço contém ou não acessos eficientes e condizentes a norma, mas sim observar se estão ou não degradados. Não se entrará no mérito do atendimento das normas, pois o estudo não pretende ser minucioso nesse aspecto. Pretende apenas observar o estado de manutenção e a presença de algumas características arquitetônicas.

O Quadro 8, a seguir classifica e pontua a situação das condições de acessibilidade presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 8 - Quadro sobre pontuação das condições de acessibilidade.

Acessibilidade (calçadas, rampas e acessos)	
Acessos	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (não conectam o local de chegada às atividades)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (não conectam todos os locais de chegada às atividades)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (conectam todos os locais de chegada às atividades)
Calçadas	1 – Insatisfatório: Não possui
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (maior parte degradada)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (algumas partes degradadas)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (sem degradação)
Rampas	1 – Insatisfatório: Não possui e/ou não atendem à todo os espaços
	2 – Mediano: Possui em qualidades ruins (maior parte degradada)
	3 – Bom/Boa: Possui em qualidades medianas (algumas partes degradadas)
	4 – Excelente: Possui em qualidades agradáveis (sem degradação)

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Um dos maiores desafios que o parque tem é sua manutenção. Falcón (2007) afirma que o que mais dispende verbas monetárias no projeto de parques não é seu projeto ou construção, mas sim seu gerenciamento e manutenção. Um projeto urbano como um pequeno parque pode facilmente superar em gastos de manutenção de algumas edificações de grande porte, pois possui no sua ambiente grande presença de vegetação. O autor destaca que a vegetação viva tem como característica a mutabilidade, e em ambiente propício ela cresce de forma acelerada. Por isso, quando não existe manutenção, um parque pode rapidamente entrar em estado de abandono.

Quando isso acontece, os parques se tornam locais de práticas ilícitas e violentas. Deste modo, a participação dos cidadãos pode ser um elemento indispensável para manter os espaços verdes bem frequentados (FALCÓN, 2007). O estudo irá avaliar de forma geral como estão as condições de manutenção da vegetação, do ambiente em si e se existe poluição e espaços degradados.

O Quadro 9, a seguir classifica e pontua a situação das condições de manutenção presentes para a avaliação de cada área do parque, de acordo com as suas características.

Quadro 9 - Quadro sobre pontuação das condições de manutenção.

Manutenção	
Poluição	1 – Insatisfatório: Não possui lixeiras e existe lixo espalhado e odor fétido
	2 – Mediano: Possui lixeiras em más condições e existe lixo espalhado
	3 – Bom/Boa: Possui lixeiras em boas condições e pouco lixo espalhado
	4 – Excelente: Possui lixeiras em boas condições, com separação de lixo e não existe lixo espalhado
Degradação	1 – Insatisfatório: Possui muita degradação na maior parte de seus equipamentos e áreas
	2 – Mediano: Possui degradação mediana na maior parte de seus equipamentos e áreas
	3 – Bom/Boa: Possui pouca degradação
	4 – Excelente: Não possui degradação

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

2.2. Avaliação Bioclimática

A ficha bioclimática foi desenvolvida a partir de estudos realizados por Romero (2015). Nela é possível organizar de forma sistemática os dados qualitativos do espaço público inserido no urbano. O observador presente nas 12 áreas definidas do Parque Dona Sarah Kubitscheck, irá recolher as informações sensoriais na ficha que auxiliará na elaboração de projetos levando em conta o ambiente do espaço.

A ficha foi aplicada no Parque da Cidade Dona Sarah Kubitscheck para a avaliação das relações que o parque possui no espaço público. Foi visado o desenvolvimento do projeto no espaço público mediante análises das variáveis que justificam uma visão arquitetônica da temática urbanística. A ficha propõe o estudo analítico de duas temáticas: o ambiente e o espaço. Estes elementos permitem o estudo das relações entre o entorno, a base e a superfície fronteira do espaço analisado.

O entorno corresponde à fração de urbano mais imediato ao local escolhido. A base condiz à implantação do local, o espaço sobre o qual se assenta o espaço público. Por fim, a superfície fronteira corresponde à ideia do espaço limite do objeto de estudo. Para Romero (2015) os projetos arquitetônicos inseridos no meio urbano afetam e impactam não somente no meio, mas também no conforto e na salubridade da população. Portanto, um bom projeto urbano demanda uma concepção específica dos espaços entre os edifícios na sua interação com o meio.

Romero (2015) divide a ficha em duas macrocategorias, sendo elas os componentes espaciais e os componentes ambientais. Na macrocategoria componentes espaciais devem ser evidenciados os acessos permitidos aos elementos ambientais e as características como continuidade da massa e condução do ar entre os edifícios na área do entorno. No componente base será descrito cada elemento presente, como vegetação, pavimentos e mobiliário urbano. Já na superfície fronteira, as qualidades da “pele” do espaço, tais como o céu, a altura e a tipologia encontrada nos edifícios ao redor do espaço analisado, devem ser observadas.

Na macrocategoria componentes ambientais, o entorno é entendido como a energia que chega ao espaço público, são observados elementos como o som e a radiação (direta, difusa e refletida). A base corresponde ao cenário visual produzido pelo local, relações entre a cor, o som e o clima e suas particularidades. A superfície fronteira é uma grande modificadora deste local, sendo esta, essencial para a observação com o intuito de relacionar a influência exercida por este componente.

Nessa ficha, os elementos espaciais e ambientais foram agrupados, entre eles existe uma correspondência pelas características do entorno, da base e da superfície fronteira. Foi constituída uma parte discursiva e uma gráfica na ficha, que permitiu uma apreciação das características do lugar e seu entorno.

Como proposta, a pesquisa pretende apresentar:

- prováveis fatos que levaram as áreas do Parque da Cidade de Brasília ao abandono ou ao sucesso;
- proposta criativa e inovadora de como melhorar os usos das áreas verdes e de recreação da população urbana e melhorar a qualidade ambiental;
- contribuição para a sustentabilidade e maior êxito de projeto para os profissionais da área de arquitetura e urbanismo e para os envolvidos com o tema.



3.

REFERENCIAL TEÓRICO

3. REFERENCIAL TEÓRICO

É necessário entender um pouco sobre o processo histórico que formou o conceito de parque que conhecemos atualmente. Os autores desse tema foram: Saldanha (1986), Benévolo (1993), Scalise (2002), Freyre (2003), Macedo e Sakata (2003 - 2010), Guimarães (2009), Zabalbeascoa (2012) e Panzini (2013), Romero (2015). Desse estudo histórico pretende-se chegar ao contexto de criação do Parque Dona Sarah Kubitschek, desde o processo de criação da cidade de Brasília, explorando as suas características e similaridades com outros parques de cidade. Foram consultadas as Secretarias de Governo do Distrito Federal, a Administração do Parque e Jucá (2009).

Para a avaliação correta sobre as características bioclimáticas presentes no parque, é necessário entender sobre os conceitos acerca do assunto. Além disso, conhecer as propriedades climáticas do local onde o Parque Dona Sarah Kubitschek se encontra para assim compreender as escolhas arquitetônicas do local. Os principais autores sobre o tema foram: Olgyay (1963), Evans e Schiller (1991), Boulaug (2002), Frota e Schiffer (2003), Corbella & Yannas (2003), Romero (2000 - 2007 - 2011 - 2015) e Brandão (2012).

Logo depois, foi realizada uma pesquisa sobre a importância da vegetação e das atividades urbanas. O conhecimento deste elemento torna-se fundamental na construção da pesquisa qualitativa, por ser um assunto pertinente para a avaliação de um dos pontos avaliados durante a pesquisa no local. Posteriormente, foram expostos quais elementos deveriam ser estudados nas áreas do Parque da Cidade. Os autores envolvidos no tema foram: Muret (1987), Jacobs (2000), Cantuária (2001), Maciel (2002), Martins (2009), Cots (2014) e Romero (2015).

Após o estudo técnico sobre as temáticas abordadas na pesquisa, a pesquisa aprofundou-se no estudo sobre os exemplos de parques existentes no Brasil e no território do Distrito Federal. Além das visitas em campo, nos parques de Brasília, foi consultado Macedo (1990), Ganem e Leal (2000), Silveira (2013), Abrão (2014) e o documento técnico do IBRAM (2013).

Por fim, apresentaram-se os dados de pesquisa acerca do objeto de estudo, o Parque Dona Sarah Kubitschek. A partir dos dados recolhidos a pesquisa pretende relatar as influências para a criação do parque, o seu histórico específico, a importância no meio urbano

e legislativo, as características e zoneamentos, as atividades e usos, os equipamentos e mobiliários urbanos e os processos de manutenção e conservação. Enfim, o estudo sobre as características do Parque da Cidade envolveu o PUOC pq, a Secretarias de Estado de Turismo e autores como Choay (1979), Costa (1999), Ganem e Leal (2000), Gideon (2004), Falcón (2007), Tanure (2007), Panzine (2013) e Araujo (2016).

3.1. Jardins, Praças e Parques – Urbanos, privados e públicos

Existe no meio urbano uma grande variedade de tipologias de espaços públicos e que utilizam de vegetação. Algumas denominações como praças, jardins públicos, parques urbanos e parques ecológicos (reservas) são alguns exemplos. Dentre elas é importante ressaltar duas para definir melhor o que é o parque urbano. Apesar de existir uma nomeação diferente para cada um desses espaços urbanos, a definição eventualmente não é exata. Por este motivo, a definição do que é o espaço, muitas vezes provém do autor do projeto ou mesmo da população. E, por conseguinte, a designação dos espaços verdes torna-se complicada.

Essa situação deu-se início nos primórdios dos espaços públicos com vegetação. De acordo com Saldanha (1986, p. 11) o jardim configura-se como “fechado, arborizado, pequeno, plantado de flores ou vegetais de adorno” sendo na sua maioria privado e de certa forma uma parte da casa particular, já a praça exprime a ideia de “espaço público, econômico, religioso ou militar”, ou seja, é sempre um espaço de grandes proporções que possibilitam a reunião de muita gente. E o parque, encontra-se no meio dos dois termos. Um pouco mais próximo dos jardins por sua vegetação e impressão bucólica, mas tão público e acessível às atividades urbanas quanto a praça.

No que diz respeito às praças, por volta do século XII, os primeiros espaços públicos, no interior das cidades, davam origem a esses logradouros como conhecemos. Nesses espaços eram realizados intercâmbios comerciais, encontros sociais e culturais, decisões sócio-políticas, entre outras atividades, caracterizando-se, como função principal, o relacionamento interpessoal. Inicialmente a ágora grega e o foro romano, eram os espaços de encontro dos habitantes, na época. Tinha como função, dentro da “pólis” a cidade grega, ou “civitas” para os romanos, ser o centro dinâmico das relações políticas (GUIMARÃES, 2009). Segundo Gomariz:

“O termo *Plaza* é Latino, originário de *platea*, que por sua vez vem do grego, do qual significava “recinto amplo e plano”. É um termo usado desde os começos do idioma, pois foi utilizado pelo anônimo autor do *cantar de Mio Çid*, a obra literária mais antiga conservada em castelhano. Sebastián de Covarrubias, em *tesoro de la lengua* (1610) escrevia sobre o vocabulário: lugar amplo e espaçoso dentro do povoado, lugar público onde se vendem mantimentos e se tem o comércio entre os vizinhos e comarcas. Antigamente, nas entradas das cidades havia *plazas*, para onde concorriam os forasteiros com seus negócios e ajustes, sem dar lugar a quem pudesse entrar e dar voltas no lugar, pelos inconvenientes que se podiam seguir; e assim naquelas *plazas* surgiam casas de pousadas e estalagens. Os juízes tinham seus tribunais às portas da cidade e estavam nestas *plazas* para fazer justiça e *emplaçar*, como era chamado o tribunal da *plaza*. [...] Sua invenção é tão antiga quanto a das cidades, e conceitualmente nossa (*Plaza*) é herdada da ágora grega e do foro dos romanos, que a conceberam para o intercâmbio não apenas de bolos e comidas, além de mantimentos em geral, mas também de idéias. A *plaza* era um lugar fértil de acontecimentos felizes, de pensamentos que mudaram o mundo. Os latinos não concebiam a vida social fora desse recinto público, assim não existia socialmente quem não fosse à *plaza* como indicado na expressão: “*decedere foro*”. [...] Uma coisa é a *plaza* e outra é a rua. A rua é feita para passar com decisão: a *plaza* não; a *plaza* é para ficar ou passear, sem pretender ir a parte alguma, apenas saborear o tempo.” (1999, apud SUN, 2008, p. 44)

No caso das cidades latino-americanas, as praças tiveram sua procedência a partir dos espaços deixados na frente dos templos, chamados de adros. Os primeiros assentamentos coloniais instalaram como norma esses núcleos e posteriormente esses lugares se tornaram as praças como conhecemos atualmente (ROBBA; MACEDO, 2003, apud MINDA, 2009). Esses locais centrais eram considerados o “coração” da cidade. A partir dessa afirmação, conclui-se que a principal característica da praça é “ser o espaço de encontro e convívio urbano por natureza” (MINDA, 2009, p. 39).

Os jardins, provenientes de hortas, configuraram-se como espaços decorativos de contemplação, ostentação, de contato com a natureza, de prazer para a arte e até mesmo funcional, como as próprias hortas ou os jardins de plantas medicinais que servem aos seus proprietários, afirma Zabalbeascoa (2012). Segundo o mesmo autor, inicialmente particulares, os jardins na antiguidade foram construídos a partir de conhecimentos e técnicas que possibilitaram a criativa formação de inúmeras tipologias que dependiam do clima, do terreno, da cultura, dos gostos dos paisagistas e do próprio espírito do lugar. Possui como

característica principal a mutação de seu espaço e visuais. Por serem objetos vivos, o ciclo que o jardim possui modifica seu interior, passando do nascimento à morte e repetindo isso infinitas vezes (ZABALBEASCOA, 2012).

O parque, por sua vez, possui um caráter de presença maior da vegetação com amplo espaço para atividades. É um espaço livre de edificações normalmente de acesso livre ao público e com poucas áreas pavimentadas. Com extrema proximidade ao jardim, o parque começou a dar nome à espaços amplos de área verde. De acordo com Panzini (2013, p. 86), “foi na época romana que parques e jardins receberam uma diversificação tipológica”, foi também em Roma que os jardins inicialmente privados eram abertos para serem desfrutados pelo público urbano. Os ambientes urbanos conhecidos como praças eram aos poucos revestidos de arborização.

“A função sanitária do verde no ambiente urbano foi lembrada pelo maior teórico de arquitetura e urbanística da época antiga, Vitrúvio, que em seu célebre tratado, *Da arquitetura*, escreveu: Portanto, visto que nos lugares abertos os humores prejudiciais ao corpo são absorvidos pelo ar [...], eu creio que nas cidades seja, sem dúvida, oportuno construir ao ar livre passeios muitos amplos e ricos em plantas ornamentais”. (PANZINI, 2013, p. 88)

Com o tempo, várias conceituações, classificações e procedimentos têm sido estabelecidos de maneira a auxiliar no entendimento e manutenção dessas categorias espaciais, sejam diretrizes ou posturas recomendadas ou normatizações, tais documentos, de caráter local, nacional ou internacional, tornam-se pertinentes para qualquer abordagem sobre o tema.

No Brasil, é possível afirmar que as categorias espaciais a serem designadas como parque natural, parque ecológico e reserva são extensas áreas delimitadas geograficamente e protegidas pelo governo responsável, tendo como referência o decreto N° 84.017, de setembro de 1979. Segundo tal documento, tais espaços são dotados de atributos naturais excepcionais e por isso configuram-se como objeto de preservação permanente e, portanto, indisponíveis no seu todo. Seu principal objetivo é a preservação dos ecossistemas naturais e destinam-se para fins científicos, culturais, educativos e recreativos (criados pelo Governo Federal). Cria um ambiente de proteção integral da flora, fauna e belezas naturais sendo que a exploração de seus recursos é proibida por lei.

3.2. O Parque como Patrimônio

Na esfera das diretrizes, as chamadas Cartas Patrimoniais, elaboradas sob a direção da Unesco, apresentam a Carta de Atenas (1931), por exemplo, que exprime que quanto mais uma cidade cresce, menos as “condições naturais” são respeitadas. Por “condições naturais” entende-se a composição dos elementos que são necessários para a vida dos seres vivos como o sol, o espaço salubre e a vegetação. Com a perda de contato desses locais, os residentes acabam desenvolvendo doenças, sensibilidades e alergias. De acordo com a Carta de Atenas (1931) “todo bairro residencial deve compreender a superfície verde necessária à organização racional dos jogos e esportes das crianças, dos adolescentes e dos adultos”.

No que diz respeito aos jardins-públicos, ou parques, a Carta de Florença, de 1981, expõe que “um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal”, sendo este o material principal, logo a paisagem formada por esses elementos é viva e como tal, perceptível e renovável. Do ponto de vista histórico ou mesmo da arte, o jardim apresenta, um interesse público. Além disso, possui um caráter de monumento e, portanto, deve ser salvaguardado, conforme o espírito da Carta de Veneza (1964). De acordo com a Carta de Florença (1981), “a denominação jardim histórico aplica-se tanto aos jardins modestos quanto aos parques ornados ou paisagísticos”. Como preservação deve haver um trabalho de proteção que exige intervenções como manutenção, conservação e restauração. A Carta de Florença (1981) expõe que eventualmente, pode-se recomendar reconstituição, porém deve-se manter a autenticidade tanto ao desenho e ao volume de partes quanto ao seu décor ou à escolha de vegetais ou de minerais que os constituem.

No que diz respeito à conservação dos parques ou jardins públicos já alçados ao status de patrimônio no Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) considera que a intervenção em tais espaços também deve se pautar em conceitos básicos presentes no campo teórico da preservação como: valores, integridade, autenticidade. Para assim garantir a proteção legal do objeto em questão, que nesse caso configuram-se como os jardins históricos e seu entorno. Delphim (2005) explicita que a conceituação dos valores inclui material, conservação, desenho, localização e o entorno, diz ainda que a soma da deterioração e das transformações ao longo do tempo, que se dão tanto pelo desgaste natural quanto pelo uso, acabam por se converter em parte do caráter histórico e do valor cultural associado ao local, ou seja, um acúmulo de obras do passado e do presente. Com relação à

integridade, o autor manifesta que esta, refere-se ao quanto o bem é completo e quanto preserva do equilíbrio entre os diversos elementos componentes originais. A autenticidade se refere à originalidade dos materiais e formas de construção que foram utilizados na época e deve-se considerar o envelhecimento e mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Para assegurar a defesa das paisagens dos jardins históricos, estes devem estar registrados, em inventários ou tombamentos. Além disso, de acordo com o autor, é necessário existir juntamente com a conservação do imóvel tombado uma área no entorno que complementa a paisagem do bem cultural. O autor afirma que tal norma:

“tem um amparo legal no artigo 18 do decreto-lei nº 2, de 30 de novembro de 1937, que restringe intervenções na vizinhança de monumentos tombados. É também uma intervenção ordenadora do Estado na propriedade privada e nos bens pertencentes à União, aos Estados e aos Municípios”. (DELPHIN, 2005, p. 31)

A manutenção do bem requer a conservação do entorno visual apropriado, no que se referem a sua forma, seus volumes, as escalas, cores, texturas, visibilidade, os materiais e outras características do lugar tombado.

O jardim no Brasil não nasceu a partir das experiências locais, conforme evidenciado por Oliveira (2005, apud DELPHIM, 2005, p.12): “foram trazidos como se fazia lá fora e foi sendo transformado à medida que se formava uma sociedade nova”. A agricultura foi decisiva para a modificação da paisagem natural existente, devastando áreas que antes eram espaços de espécies nativas. A *casa-grande-senzala*, no contexto da civilização rural açucareira, servia quase como uma cidade pequena e autossuficiente, e era que o jardim começou a ser introduzido na realidade, normalmente composto pelo pomar e plantas decorativas que serviam para enobrecer a propriedade. Com a decadência desse contexto rural e o maior desenvolvimento urbano, logo surgiram mocambos e cortiços. Dessa forma, a praça veio a substituir o engenho, como constata Freyre (2003). Também a esse respeito, Oliveira (2005, apud DELPHIM, 2005) destaca que, nessa época, essas praças e jardins eram, contudo, cercados por grades de ferro que permitiam o uso desses locais só por pessoas de uma classe e, simultaneamente, de uma raça.

3.3. Parque Urbano

O Art. 8º, § 1º, da Resolução CONAMA Nº 369/2006, considera área verde pública todo espaço de domínio público que desempenhe função ecológica, paisagística e recreativa, fornecendo uma melhor qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização.

Suas características em geral é um equilíbrio entre áreas pavimentadas e ambientes naturais. Como função apresenta uma gama de equipamentos públicos, de atividades esportivas e recreativas. Benévolo (1993) afirma que atividades recreativas devem ocorrer em espaços livres apropriados: parques de bairro ou da cidade são as áreas propícias para esse momento. Um dos princípios que diferem os parques atuais dos parques do século XIX é a oferta é a oferta de atividades de funções cotidianas coletivas de esporte e recreação, além da anterior exibição social (SCALISE, 2002).

No Brasil, os parques reproduziram padrões europeus e norte-americanos, com relação ao paisagismo e forma (MACEDO, 2010). Por terem sido encomenda da classe de elite na época, não houve planejamento de locação. O Brasil, porém, começou a apresentar suas linhas estilísticas principais. Foram elas: Linha Eclética, Moderna e Contemporânea.

Segundo Macedo (2010), a linha eclética tinha como características os espaços construídos para contemplação e passeios, com visão bucólica dos jardins românticos, era possível notar com destaque o uso de água em fontes, chafarizes, lagos e espelhos d'água e o uso da vegetação era muito bem elaborada.

A Linha Moderna apresenta princípios como: adotar uma postura essencialmente nacionalista e recusando referências ao passado, nesse pensamento houve a valorização da vegetação nativa. Atividades recreativas começaram a ser incorporadas pela inserção de equipamentos, como: playgrounds, quadras esportivas, áreas de convívio familiar e atividades culturais, como museus e anfiteatros.

Na linha contemporânea surge de novas organizações para espaços livres, as quais permitem a utilização de antigos ícones do passado. Elementos como o ecletismo, influências desconstrutivas e simbólicas, advindas de características de projetos realizados na Europa e nos Estados Unidos, são incorporadas aos desenhos paisagísticos dessa linha.

3.4. A História da Capital Brasileira – Brasília, a Cidade-Parque

A história por trás da criação do projeto do Plano Piloto de Brasília tem como objetivo mostrar as ideias e conceitos em torno dos princípios envolvidos. Permite também, mostrar que a localização onde a cidade se situa, foi previamente estudado por anos. Tais dados fornecem um contexto histórico que será importante para entender alguns princípios que serão abordados durante a pesquisa.

O plano de Lucio Costa os princípios da arquitetura moderna presentes na Carta de Atenas influenciados por Carpinteiro (1998) e Barcellos (1999). Porém, além desses princípios, existem semelhanças com as propostas de cidade-Jardim de Ebenezer Howard (1850-1928) e o conceito de unidade de vizinhança de Clarence Perry (1920), cita Barcellos (1999, apud TANURE, 2007). A “Carta de Atenas” tinha como princípio o funcionalista, que caracteriza-se como a separação em setores das atividades urbanas: circulação, habitação, trabalho e lazer. No que diz respeito ao lazer, são mencionadas três categorias de tempo livre e as suas respectivas possibilidades de deslocamentos: o lazer cotidiano, o lazer semanal e o lazer anual.

A carta propõe que o lazer cotidiano deve ser passado nas proximidades da moradia, o lazer semanal permite a saída da cidade e os deslocamentos regionais e o lazer anual, em outras palavras, férias, permitam verdadeiras viagens, fora da cidade e da região. Essa situação exposta implica na criação de reservas verdes, tanto ao redor das moradias quanto nas regiões e no país.

No que diz respeito ao projeto de Lucio Costa para a criação dos parques e áreas verdes a área prevista para o Jardim Botânico (que não foi construído) pode ter sido a origem principal da criação do Parque da Cidade. Sua posição junto a um dos principais eixos indica diferenças em relação às previsões da Carta de Atenas, esta recomenda a criação de grandes parques na periferia da cidade, e mais correspondências com as ideias da Cidade-Jardim, que tem como característica, um grande parque em posição central.

De acordo com o site do Governo do Distrito Federal (GDF) e da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal (SEC-DF), a história da Capital, considerada uma cidade parque modernista, começou anteriormente à independência do Brasil. A vontade de transferir

a sede do poder para longe dos alcances do litoral já era forte e antiga, sendo uma estratégia para a maior proteção do poder brasileiro.

A cronologia presente nos dados do site do GDF, conta que antes mesmo de nossa independência como país, José Bonifácio, um defensor da ideia de interiorização da Capital do Brasil, faz diversas indicações, recomendações e sugestões sobre o assunto e até propõe o nome da nova Capital: Petrópole ou Brasília numa Memória encaminhada à Assembleia Constituinte e Legislativa de 1823. O nome Brasília não foi ideia sua propriamente, este nome havia sido sugerido numa publicação anônima que circulou no Rio de Janeiro no ano de 1822.

Em 15 de novembro de 1889, é proclamada a República pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca. O Rio de Janeiro ficaria sendo “provisoriamente sede do Poder Federal” e ficou decretado de acordo com o Art 1º da Constituição Da República Dos Estados Unidos Do Brasil que “A Nação brasileira adota como forma de Governo, sob o regime representativo, a República Federativa, proclamada a 15 de novembro de 1889, e constitui-se, por união perpétua e indissolúvel das suas antigas Províncias, em Estados Unidos do Brasil”. O Art 2º da Constituição Da República Dos Estados Unidos Do Brasil prevê que “cada uma das antigas Províncias formará um Estado e o antigo Município Neutro constituirá o Distrito Federal, continuando a ser a Capital da União, enquanto não se der execução ao disposto no artigo seguinte”. E, por conseguinte, “fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital federal”, formalizando assim por meios do Art 3º da Constituição, a criação de Brasília (SEC-DF).

Assim, o Presidente da República, Marechal Floriano Vieira Peixoto, constitui a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, também conhecida como “Missão Cruls”, que viria a realizar estudos e demarcar a área da nova capital. Em apenas sete meses a Comissão elaborou um minucioso levantamento sobre a topografia, o clima, a hidrografia, a geologia, a flora, a fauna, recursos minerais e materiais de construção existentes na região, de cerca de quatro mil quilômetros do Planalto Central Brasileiro, fala a cronologia (SEC-DF).

Em dezembro de 1894, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil elabora o “Relatório Geral” que levou o nome de “Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil” também chamado de “Relatório Cruls”. Em 07 de setembro de 1922, o site do Governo do DF, expõe na cronologia, que, é lançada a Pedra Fundamental da Nova Capital

do Brasil no Morro Centenário, nos arredores de Planaltina, o ato configura-se como parte das comemorações do 1º Centenário de nossa Independência.

Com o golpe de Getúlio Vargas, em 1937, instituindo-se o Estado Novo e um regime ditatorial que se estende até 1945, não há qualquer referência sobre a transferência da Capital para o interior e a ideia se extingue durante esse período. Apenas quando o Brasil se redemocratiza em 1946, retornam os desejos da construção da nova Capital (SEC/DF, 2017).

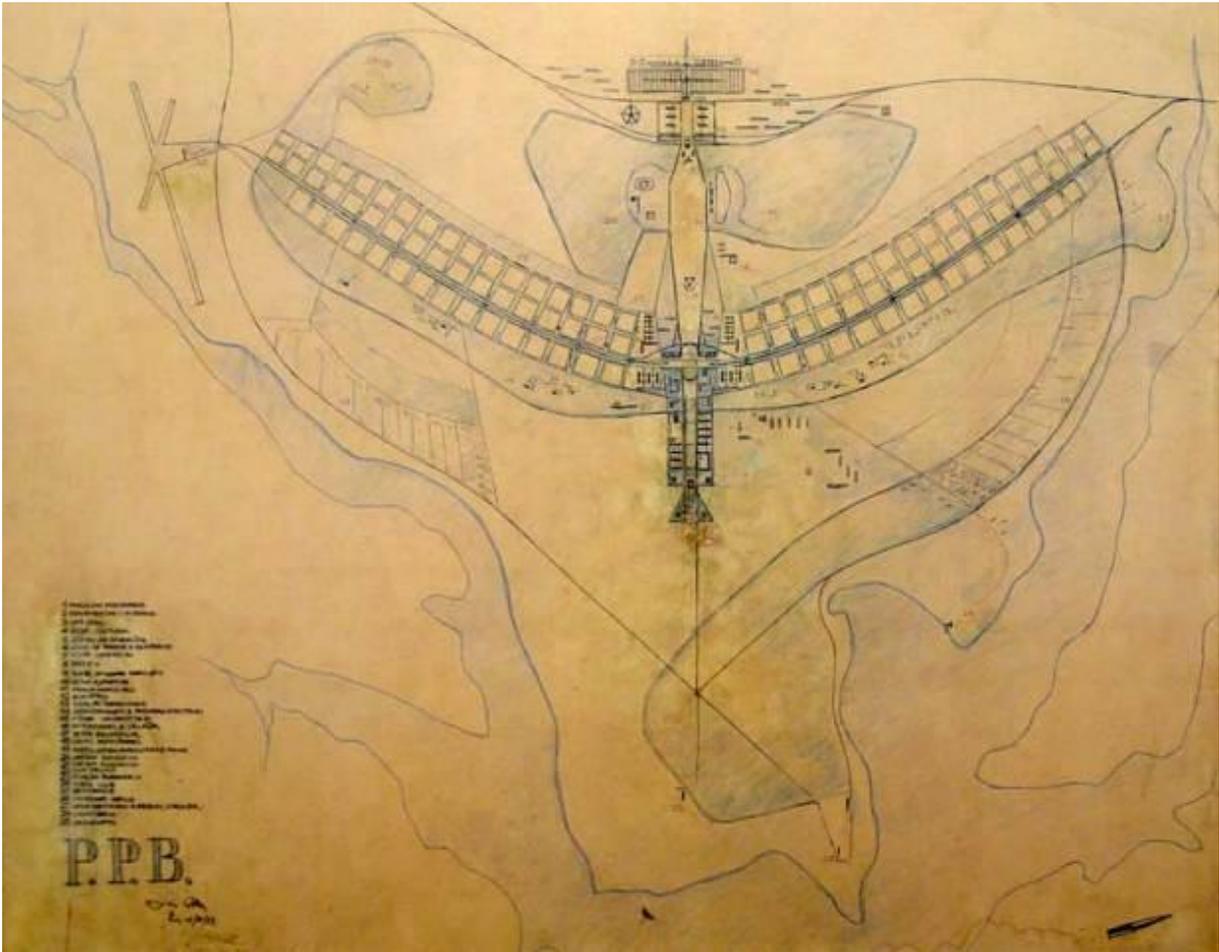
Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira assume a presidência da República com um mandato de cinco anos e define como "Meta Síntese", a construção da nova Capital do Brasil (SEC/DF). Em 18 de abril envia ao Congresso Nacional mensagem acompanhada de um projeto de Lei referente à mudança da capital, chamada "Mensagem de Anápolis". E definiu-se assim, através desta Mensagem, a mais nova organização da Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, que definiu o nome de Brasília para a nova Capital Federal.

A elaboração do Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil foi realizada pela diretoria da NOVACAP, juntamente da Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital Federal, sendo publicado no Diário Oficial da União no dia 30 de setembro de 1956.

Dos 26 projetos enviados à Comissão Julgadora do Plano Piloto da Nova Capital, em 16 de março foi apresentado o nome do autor do projeto vencedor, Lucio Costa, que definiu primeiramente o seu Projeto: "Nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz" (Figura 2). Aconteceu assim, em 21 de abril de 1960, depois de 41 meses de construção, a inauguração de Brasília, a nova Capital brasileira (SEC/DF).

Características como a integração, de forma harmônica, de um conjunto de edifícios com a natureza do sítio, agregou a Brasília à nomeação de "cidade-parque". Os princípios modernistas de Le Corbusier com a imersão do projeto no meio natural existente tornam precisa e amplia a concepção da cidade no parque. O desenho do cruzamento de dois eixos abre espaço para a volumetria de vegetação e as quadras definem livres passagens e limitam sua forma urbana pelo verde.

Figura 2 – Planta do Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa, em 1956.



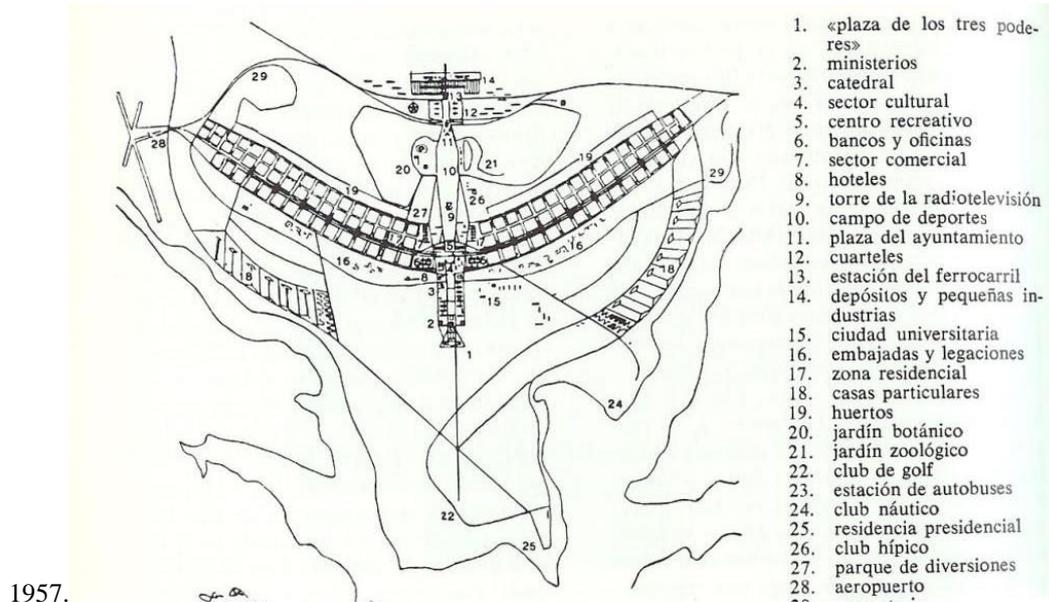
Fonte: <https://bit.ly/2KVrgPR>, acesso em 08/08/19.

Os aspectos principais de Brasília, e, por conseguinte de uma cidade-parque são: a definição em escalas, a abertura da cidade, a propriedade pública do solo, o parcelamento e a hierarquização viária. “Esse conjunto torna a vegetação essencial para a constituição dos espaços abertos, estruturando e caracterizando, como elemento arquitetônico, estético e ambiental, a cidade-parque”, afirma Jucá (2009) em seu artigo Princípios da Cidade-Parque.

Jucá (2009) comenta sobre as escalas de Brasília, sendo a “gregária a área mais construída e verticalizada, que constitui o centro da cidade; a residencial, espaços nos quais se inventa uma forma de morar coletiva na superquadra; a bucólica, representada pelos espaços mais rarefeitos de construções e imersos na vegetação, limitando a extensão da cidade em um enquadramento verde e garantindo visibilidade ao conjunto das escalas. Em Brasília, uma quarta escala, denominada escala monumental, identifica a cidade capital”. O espaço onde hoje se encontra o Parque Dona Sarah Kubitschek encontra-se na escala bucólica.

No Plano Piloto de Brasília, de um lado das asas estava o estádio e mais dependências, tendo aos fundos o Jardim Botânico. Já do outro lado, teria o hipódromo com as respectivas tribunas e vila hípica e, contíguo, o Jardim Zoológico constituindo essas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, como que pulmões de nova cidade. Na Figura 3, a seguir, está o plano Piloto de Lúcio Costa de 1957, já na Figura 4, posteriormente, mostra o mapa atual e a localização do Parque Dona Sarah Kubitschek.

Figura 3 – Planta estrutural de Brasília, de Lucio Costa, em



Fonte: <https://slideplayer.es/slide/2758300>, acesso em 26/03/20.

Figura 4 – Planta atual de Brasília.



Fonte: <https://www.mapsland.com/south-america/brazil/brasilia>, acesso em 26/03/20.

3.5. Bioclimatismo para Espaços Urbanos

O presente tópico pretende tratar acerca dos conceitos bioclimáticos, e entender a relação do clima na criação do espaço construído. Primeiramente será abordado sobre como foi o surgimento da Arquitetura Bioclimática. Autores como: Olgyay (1963), Serra (1989), Evans e Schiller (1991), Romero (2000, 2007 e 2015), e Corbella & Yannas (2003). Após essa revisão histórica serão expostas informações a respeito do clima de Brasília.

Nos séculos XVIII e XIX, a Revolução Industrial gerou diversas inovações tecnológicas. A energia elétrica foi uma das maiores responsáveis por esse período, uma vez que ela solucionava os problemas que as condicionantes climáticas causavam. Essa nova realidade possibilitou com que o homem não fosse mais dependente das limitações do meio natural. A partir desse momento a arquitetura em geral rompeu com os princípios histórico-culturais o que resultou em uma arquitetura que, na teoria, poderia ser instalada em qualquer lugar. O homem estava assim, rompendo com os conhecimentos históricos sobre o lugar e suas limitações. Porém, logo as restrições energéticas começaram a ser uma das preocupações do homem.

Conseqüentemente, em contrapartida, uma nova arquitetura preocupada com a sua interação e integração com o clima e o local, visando o conforto ambiental do ser humano na habitação e na repercussão no meio ambiente, a Arquitetura Bioclimática surgiu, (CORBELLA; YANNAS, 2003). Segundo Serra (1989) a arquitetura bioclimática é responsável pela otimização e interação das relações energéticas com o ambiente natural ao redor, a partir do projeto da edificação. O termo dado a tal arquitetura reafirma a relação entre os humanos e o ambiente.

Sobre o assunto Evans e Schiller (1991) falam sobre três sistemas e níveis de trabalho, os quais são respectivamente: o clima, o homem e o habitat; o ambiente em que se faz o projeto, os habitantes do local projetado; e as próprias edificações. Apesar de existir uma análise climática do local, essa análise não deve ser levada como a análise final. Além disso, é importante fazer a análise de como o homem será afetado por esses dados climáticos. Verificando se haverá conforto ou desconforto na relação climática com a humana.

Romero (2000) chama atenção ao fato de que a arquitetura bioclimática o ambiente construído serve como limitante das variáveis do meio, por meio de suas paredes, fachadas e

coberturas; seus arredores a exemplo da água e vegetação; e devido a utilização da análise climática para controlar o sol e o vento.

Para Olgyay (1963), o manuseio da natureza para que fique de forma favorável e útil a arquitetura humana vem de muito antes. Segundo o autor um conceito bioclimático possui quatro etapas: climatologia, análise do clima, biologia, avaliação biológica, tecnologia, utilização das tecnologias como meio de solução de problemas e arquitetura, o resultado final juntando-se os dados anteriores. Após a análise de cada um desses tópicos é possível por meio das informações adquiridas a realização de uma arquitetura bioclimática.

Na arquitetura bioclimática existem quatro aspectos considerados principais. O clima, o conforto do usuário, a técnica e o espaço construído. Como a base para o bom funcionamento desse sistema é a harmonia e o equilíbrio, nenhum desses aspectos deve se sobressair ou ser ignorado. O espaço não deve ser construído de forma separada, ele deve ser tratado como uma unidade. Elementos ambientais, climáticos, históricos, culturais e tecnológicos funcionam como pontos que dimensionam os estímulos do projeto (ROMERO, 2007). Para a realização de um planejamento de local específico mais adequado e propício a alcançar uma melhor qualidade de vida é necessário que os elementos próprios do lugar, especialmente os ambientais, como luz, cor, som e materiais, sejam incorporados.

É essencial o uso da arquitetura bioclimática, pois permite o diálogo entre a natureza e algo que não é próprio dela, como as edificações. Projetos arquitetônicos terão sempre que se relacionar a um espaço, portanto é importante que o ambiente que destinará o projeto funcione harmonicamente com o mesmo. De maneira que um possa trabalhar em conjunto para ajudar o outro. Fazer de forma que a natureza se molde para englobar confortavelmente os projetos arquitetônicos.

O foco da arquitetura deve se aliar as características do lugar, das condicionantes físicas e climáticas, com os aspectos históricos, culturais e estéticos, aplicando também as novas tecnologias e materiais existentes. A partir do entendimento dos conceitos de arquitetura bioclimática, é fundamental o estudo específico do clima onde o projeto está instalado.

No caso do clima de Brasília, dependendo da época as temperaturas podem oscilar, principalmente em duas estações. E a própria urbanização crescente em Brasília, modificou levemente o clima dentro da cidade. Romero (2015) explica que a urbanização excessiva

significa, colocar em segundo plano as características do local, em muitas ocasiões, incluindo nesse descaso o relevo e outras características morfológicas do sítio. A arquitetura bioclimática deve ser “culturalmente adequada ao lugar e aos materiais locais e utiliza a própria concepção arquitetônica como mediadora entre homem e o meio” (ROMERO, 2015, pag. 28). A autora fala que:

“O desenho urbano resultante da aplicação desses princípios integra princípios históricos, culturais, ambientais e tecnológicos. Pensamos que tais elementos contribuem diretamente para a prática do desenho urbano e para o processo formal de materialização da forma urbana, desde que se incorpore também a base tecnológica necessária para tratar o espaço urbano como espaço arquitetônico” (ROMERO, 2015, pag. 28).

Frota e Schiffer (2003) afirmam que as diferenças entre os tipos de climas podem ser tão diversificadas quanto as combinações entre os vários elementos climáticos. As variadas alterações da cidade e atividades do núcleo urbano estão diretamente relacionadas com as mudanças climáticas da urbe. Essa aglomeração urbana não apresenta, necessariamente, as mesmas condições climáticas relativas ao macroclima regional na qual está inserida. Os autores afirmam que algumas dessas condições, tais como, as ilhas de calor, são geradas a partir das:

“modificações impostas à drenagem do solo, notadamente pelo seu revestimento por superfície de concreto e asfalto. Além desse fator, as cidades também são produtoras de calor. Nelas se instalam grandes quantidades de equipamentos termoeletrônicos e de combustão para a produção de mercadorias e transportes de pessoas e cargas. Interferem, ainda, as verdadeiras massas de edificação que modificam o curso natural dos ventos, prejudicando a ventilação natural no interior do núcleo. Além disso, a poluição gerada em um meio urbano modifica as condições do ar quanto a sua composição química e odores” (FROTA; SCHIFFER, 2003, pag 66).

Segundo Frota e Schiffer (2003), essas condições urbanas, por outro lado, são muito favoráveis para que ocorra precipitação em forma de chuva, devido às partículas sólidas em suspensão no ar, que contribuem para a aglutinação das partículas de água que formarão a gota de chuva.

3.6. O Clima de Brasília

Segundo Albuquerque (2018), o clima exerce papel primordial sobre o espaço verde, pois de acordo com os vários tipos de climas existentes é possível determinar quais tipos de fauna e flora existente no local. Cada clima possui as espécies nativas ou outras espécies que podem se adequar ao local (FALCÓN, 2007). Para o desenvolvimento da pesquisa realizada, foi de extrema importância, o conhecimento acerca das características do bioma em que o parque se insere. O Parque Dona Sarah Kubitschek está situado na Asa Sul do Plano Piloto de Brasília, localizada no espaço onde o bioma característico é o Cerrado.

Brasília está localizado no distrito federal que se encontra relativamente no centro do Brasil, com os paralelos 15°30' e 16°3' e os meridianos em 47°18' e 48°17' a oeste de Greenwich e altitude média de 1.000 metros. Segundo Romero (2015), essa localização confere à Brasília condições climáticas de três tipos de acordo com a época do ano. No período de chuvas a situação climática é semelhante às do clima tropical úmido. Durante o período de seca, o ambiente apresenta características do clima tropical seco. E em razão de sua altitude apresenta aspectos próximos ao clima tropical de altitude (ROMERO, 2015). Esse conjunto de características climáticas originou um nome próprio na individualidade do espaço brasileiro em que se encontra Brasília, o clima do cerrado brasileiro (Figura 5).

O cerrado possui características únicas que precisam ser levadas em consideração no momento de criação de um projeto urbanístico como parques. No momento da decisão de pontos importantes como: vegetação, materiais, disposição de fonte hídrica entre outros, o clima do local é algo que pode determinar a configuração inteira de um projeto. As condições climáticas e ambientais da cidade e o suporte de manutenção que ela pode proporcionar devem ser considerados no momento da escolha das espécies de vegetação. Cada espécie tem sua adaptabilidade para a região onde mora. A vida vegetal está relacionada diretamente com o seu habitat. Mascaró (2010) entende que é um requisito básico e, de certa forma, obrigatório, conhecer a origem climática da vegetação, para quem lida com plantas urbanas.

O clima é um dos primeiros dados a serem levados em consideração no momento da escolha de vegetação em projeto paisagístico. O conforto térmico em espaços abertos envolve grandes variedades de situações, desde a existência de áreas com vegetação e sombra densas até áreas que são completamente expostas ao sol e ao vento, cita Romero (2011).

Figura 5 – O cerrado de Brasília na seca em setembro.



Fonte: Jornal Folha de S.Paulo, 2010.

A autora acrescenta que a “definição do conforto térmico é dificultada pelo fato de que os dados das estações meteorológicas não são adequados para representar as condições microclimáticas do sítio, sendo necessária a inclusão de fatores de correção, entre os quais pode ser considerada, por exemplo, a influência da vegetação na modificação do microclima” (ROMERO, 2011, pag. 59).

O clima do ambiente urbano tem alguns fatores diferenciados dos que encontramos no meio natural sem intervenção do ser humano. Romero (2011) explica que alguns desses fatores são: a topografia, os materiais de revestimento do solo, a quantidade de áreas pavimentadas em relação às áreas verdes, a forma e as dimensões dos espaços abertos, a vegetação escolhida para o local, a presença de obstáculos naturais ou artificiais, que alteram tanto o aporte solar de radiação solar e da ventilação do lugar. Essas variáveis determinam e modificam o microclima “gerando (ou não) espaços adequados às atividades humanas e interferindo no desempenho dos espaços internos das edificações” (ROMERO, 2011, pag. 73).

O Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) elaborou um estudo aprofundado sobre algumas normais climatológicas. Os dados compilados fornecem informações sobre o caráter climático do Brasil e, mais especificamente, de Brasília. O Quadro 10, reuni as informações referentes ao Distrito Federal nos anos de 1981 a 2010.

Quadro 10 - Normais climáticas do Distrito Federal (1981-2010).

	Pressão atmosférica (hPa)	Temperatura média - bulbo seco	Temperatura média - bulbo úmido	Temperatura máxima (°C)	Temperatura mínima (°C)	Precipitação total (mm)	Evaporação total (mm)	Umidade relativa (%)	Insolação total (hora e décimos)	Nebulosidade (0-10)	Direção predominante do vento e Intensidade média (m.s ⁻¹)
JAN	885,4	21,60	19,0	31,6	14,8	209,4	139,8	76,2	150,9	0,8	Calma/3,4
FEV	886,0	21,70	19,1	31,2	13,6	183,0	135,0	74,7	158,9	0,7	Calma/3,1
MAR	885,8	21,60	19,2	31,5	14,5	211,8	132,4	76,8	166,5	0,7	Calma/3,0
ABR	886,8	21,30	18,6	30,1	12,4	133,4	150,3	72,2	204,6	0,6	Calma/3,0
MAI	887,8	20,20	17,0	29,8	7,0	29,7	174,1	66,2	239,5	0,5	Calma/2,9
JUN	889,3	19,00	15,2	28,9	-	4,9	203,8	58,7	254,3	0,4	Calma/3,1
JUL	889,7	19,00	14,4	30,3	6,6	6,3	255,2	52,7	268,9	0,3	Calma/3,4
AGO	889,1	20,60	14,8	32,8	8,6	24,1	318,3	46,8	264,4	0,3	NE/3,4
SET	887,5	22,20	16,4	34,2	11,2	46,6	308,3	50,3	210,5	0,5	Calma/3,3
OUT	886,1	22,40	18,1	35,8	12,0	159,8	232,2	62,8	183,1	0,7	Calma/3,1
NOV	885,2	21,50	18,7	33,0	13,1	226,9	144,0	74,5	139,9	0,8	Calma/3,0
DEZ	885,1	21,40	19,0	33,1	13,8	241,5	124,0	78,0	126,8	0,8	Calma/3,2
ANUAL	887,0	21,00	17,5	35,8	-	1477,4	2317,4	65,8	2368,3	0,6	Calma/3,2

Fonte: Departamento Nacional de Meteorologia – DNMET, 2017.

3.6.1. Sobre o Cerrado

Como o Parque Dona Sarah Kubitschek está situado no bioma do Cerrado, é importante entender um pouco sobre as características que este bioma apresenta. Com uma extensão que ocupa cerca de 20% do território brasileiro, o cerrado é o segundo maior bioma nacional e apenas a Amazônia o supera em tamanho, afirma Borlaug (2002). O clima da região caracteriza-se como estacional, em que existe um longo período de seca, correspondente aos meses de abril a setembro, e o período de chuva, que dura de outubro a março. A Figura 6, a seguir, ilustra as duas estações do ano referentes à setembro e dezembro, respectivamente.

Figura 6 - Brasília na seca em setembro (esquerda) e na chuva em dezembro (direita).
Tesourinha da CLN 111/112.



Fonte: Fotografia cedida por Diego Campos, 2017.

Apresenta temperaturas amenas, entre 22° C e 27°C em média, porém nos últimos anos alcançou temperaturas de até 37° C. De acordo com Haridasan (1982), o solo do Cerrado é muito antigo, intemperado, ácido, depauperado de nutrientes, mas possui concentrações elevadas de alumínio e, por conseguinte, muitos arbustos e árvores nativos acumulam o alumínio em suas folhas. A vegetação que deve ser associada a esse local deve ser preparada para essas condições. Apesar disso, mesmo o solo apresentando uma pobreza em nutrientes, isso não é barreira para muitos agricultores que produzem nesse bioma. Mesmo sendo uma realidade do local que deve ser apurada durante o processo de escolha das espécies de vegetação, é possível encontrar alternativas criativas.

3.7. Importância da Vegetação

A vegetação pode afetar o microclima de diversas formas, reduzindo a temperatura do ar quando comparada à das superfícies duras, sombreando ou proporcionando interação com o vento. Romero (2011), afirma que a vegetação pode reduzir em até 2° C a temperatura do ar, e a em ter uma redução de 20% a 60%, segundo a densidade das árvores. Essa propriedade é importante no auxílio da regulação de temperatura de ambientes urbanos.

Albedo ou coeficiente de reflexão é o poder de reflexão de uma superfície. Segundo Cantuária (2001), a vegetação em geral tem um baixo albedo. Varia de 5% das madeiras e florestas de coníferas até 30% das pastagens (JOHNSTON, 1991 apud CANTUÁRIA, 2001). Por outro lado, o resfriamento evaporativo da água, embora eficaz, tem um alto albedo de até 95% ao refletir baixos ângulos do sol. No geral, a evaporação demonstrou constituir 38% do balanço hídrico externo anual e 81% das perdas do balanço hídrico do verão (OKE, 1990 apud CANTUÁRIA, 2001).

A evapotranspiração é a combinação da perda de água para a atmosfera pela evaporação e a transpiração (ROMERO, 2015). Esse mecanismo contribui para diminuir a temperatura urbana, ajudando a criar um espaço com baixa temperatura, conhecido como “fenômeno Oásis”. De acordo com a autora, o “fenômeno Oásis” consiste na razão entre o fluxo de calor sensível e o fluxo de calor latente. Romero (2015) afirma que a evapotranspiração é um mecanismo pelo qual a vegetação contribui para diminuição da amplitude térmica urbana.

Além disso, a incidência do vento sob a arborização é outro aspecto que reduz as diferenças de temperatura do ar e umidade relativa entre as áreas sombreadas e ensolaradas. Dessa forma, é possível evidenciar o papel importante do sombreamento na caracterização do microclima urbano, e, portanto, na melhora das condições ambientais adversas e do conforto humano (ROMERO, 2015).

Outras propriedades importantes sobre a vegetação, lembrada por Romero (2015), é que elas são capazes de mitigar o efeito estufa, filtrar os poluentes, mascarar os ruídos, prevenir a erosão e exercer um efeito calmante nas pessoas. A autora afirma que existe uma diminuição de gases poluentes, tanto pela absorção direta do ozônio, quanto pela redução das altas temperaturas do ar, o que também, reduz a emissão de hidrocarbono e a formação de

ozônio. Givoni (1989), afirma que as árvores e os parques públicos podem ser efetivos, tanto concentrados como espalhados.

As árvores, contudo, não absorvem toda a radiação solar recebida. Parte da radiação que incide sobre a planta é refletida e parte é absorvida de modo que se torna fisiologicamente eficaz; o restante é irradiado de volta à atmosfera (CANTUÁRIA, 2001). Segundo o autor, do ganho total de calor solar, cerca de 30% da radiação solar é refletido, 50% é absorvido e apenas 20% é transmitido de volta para o meio (Figura 7). Porém, o percentual transmitido é interceptado pela próxima camada de folhas, de modo que o ganho na superfície do solo é praticamente nulo, por isso a importância da aglomeração de vegetação e diferença de alturas.

Figura 7 – Propriedade da folha.



Fonte: Adaptado de Cantuária, 2001, p. 52.

Romero (2015) afirma que a capacidade de filtragem solar da vegetação aumenta quando o número de folhas de cobertura por unidade de terra é mais volumoso. Outro aspecto citado pela autora é a contribuição da vegetação para a diminuição da intensidade do som que encontra em sua trajetória. Quando a vegetação é mais densa ela serve como barreira contra a poluição sonora. A vegetação urbana cria um microclima diferente das áreas não plantadas.

As principais diferenças entre as duas áreas são a temperatura, a velocidade do vento, a turbulência, a umidade do ar em geral e a temperatura radiante. A autora explica, que:

“Como resultado da temperatura mais baixa, a radiação de onda longa das folhas é mais lenta que a das superfícies dos arredores, e, por esse motivo, as pessoas nas áreas verdes estão mais sujeitas a menor pressão do calor radiante. Como resultado da evapotranspiração, o ar próximo do solo nas áreas verdes é mais frio do que o das áreas construídas” (ROMERO, 2015, pag. 94).

O espaço sem cobertura vegetal traz graves consequências para o meio ambiente, a terra fica mais vulnerável a erosões, falta sombreamento e sobra muita poeira. Outro grande problema é a radiação solar excessiva, mas mais impactante ainda é a combinação de terras devastadas com grandes áreas de asfalto, produzindo ambientes secos e com umidade relativa muito baixa, atingindo valores de 10% (INMET, 1996), sendo considerado perigoso para a saúde, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. Essas condições tornam as tarefas urbanas cotidianas simplesmente insuportáveis e impróprias para determinadas épocas do ano, afetando fisicamente e psicologicamente (CANTUÁRIA, 2001).

Para ter ambientes de convivência internos e externos mais confortáveis ou para se reduzir as cargas de resfriamento, é recomendada a utilização de um método de construção de controle solar mais básico, sendo este mais recomendado para baixas latitudes, porém, “é amplamente aceito que o plantio de vegetação ao redor dos edifícios alteram os microclimas adversos e tornam o ambiente térmico mais agradável e habitável. Plantar para controle solar ou proteção contra o vento é um bom exemplo prático” (HOYANO, 1988 apud CANTUÁRIA, 2001).

Cantuária (2001) afirma que, a partir de pesquisas literárias anteriores de autores como Bernatzky, 1982; Hoyano 1982; Makhzoumi 1995; McGinn, 1982; Simpson, 1996; e Velazquez, 1991, foi exposto o benefício da vegetação através de aspectos independentes, como o sombreamento do sol, a proteção contra infiltração de ar, a troca de radiação de ondas longas, a economia de energia relacionada a edifícios e a evapotranspiração.

Segundo o autor, baseando-se em entrevistas com os habitantes e usando como apoio a literatura relacionada, os benefícios psicológicos e culturais são vistos como ganhos sustentáveis. Tornar o meio ambiente mais verde proporciona uma maior satisfação na vida

cotidiana e cria uma conexão significativa entre as pessoas e seus arredores. As vantagens vão muito além dos indivíduos para a sociedade, fortalecendo a comunidade, incentivando a responsabilidade social e ambiental e melhorando as condições da vizinhança.

Outros aspectos complementares relacionados ao plantio de vegetação, como redução de ruído e poluição, redução de poeira, filtragem da luz do dia e produção de frutos em um ambiente verde também são abordados ainda que brevemente. As realizações bem-sucedidas desses aspectos, combinadas ao fornecimento de sombra e conforto térmico indicam uma opção recomendável para o resfriamento passivo e ambientes mais saudáveis.

A vegetação tem sido usada principalmente de modo empírico e estético, sem outras avaliações. “A atual escassez de energia enfatiza que as preocupações do arquiteto e do planejador da paisagem devem ser mais amplas que a estética” (MOFFAT; SCHILLER, 1981 apud CANTUÁRIA, 2001).

O potencial que a vegetação possui na criação de microclimas nas cidades são principalmente os de torna-las termicamente mais confortáveis do que em locais não vegetados. Um ambiente com vida, termicamente saudável e agradável é definitivamente um ponto de partida. “Os edifícios não podem encher estômagos vazios, mas podem fazer muito para fornecer um meio de criar o melhor ambiente para conforto físico, mental e espiritual” (SAINI, 1973 apud CANTUÁRIA, 2001).

Somente um corpo confortável não é uma garantia de uma mente confortável. De acordo com Saini (1973 apud CANTUÁRIA, 2001) o conforto psicológico muitas vezes é deixado de lado, porém é de igual importância. Qualquer fator ambiental que normalmente não afeta o organismo humano pode, sob condições apropriadas, agir sobre ele através do sistema nervoso central e de seus receptores. O estado emocional de um indivíduo é afetado pela estimulação recebida pelos receptores sensoriais e pela ação das diferentes vias nervosas, desencadeando a estimulação ou a inibição da atividade nervosa (CANTER, 1977 apud CANTUÁRIA, 2001).

Espaços com diferentes tamanhos, proporções, ambientes determinados e até com vistas específicas têm seus significados emocionais e afetam nossos estímulos. Um grande efeito psicológico é a combinação da luz solar, ar fresco e vegetação. Saini (1973 apud CANTUÁRIA, 2001) diz que "a vegetação colide com a atividade nervosa do homem, fornecendo impressões sensoriais favoráveis durante os períodos de atividade física e

descanso". As cores também trazem um efeito psicológico, podendo acalmar ou estimular. As cores comumente encontradas na natureza, como verdes e amarelos, têm efeitos calmantes no sistema visual, reduzindo a fadiga ocular e fortalecendo a visão cromática e acromática (Hill, 1995 apud CANTUÁRIA, 2001).

Em climas insípidos e áridos, isso é de clara importância. Além disso, Birren (1978 apud CANTUÁRIA, 2001), relata sobre cor e resposta humana, afirma que o verde é simbólico e de natureza de equilíbrio. O verde da vegetação, juntamente com o azul do céu, “tendem a ter um efeito relaxante tanto fisiologicamente quanto psicologicamente. A taxa de funções corporais pode ser reduzida e pode haver maior capacidade de concentração interior, com menos distração do ambiente” eles ajudam a acalmar a dureza da secura.

Os diversos benefícios psicológicos ligados a natureza e um espaço mais agradável é listado por Dwyer (1982 apud CANTUÁRIA, 2001), e incluem: melhorias no ambiente estético, como vistas, sons e cheiros; melhorias na saúde física do alívio do estresse; maior prazer da vida cotidiana; Sentimentos e humores "aprimorados"; e um sentimento significativo de conexão dos habitantes com o meio ambiente.

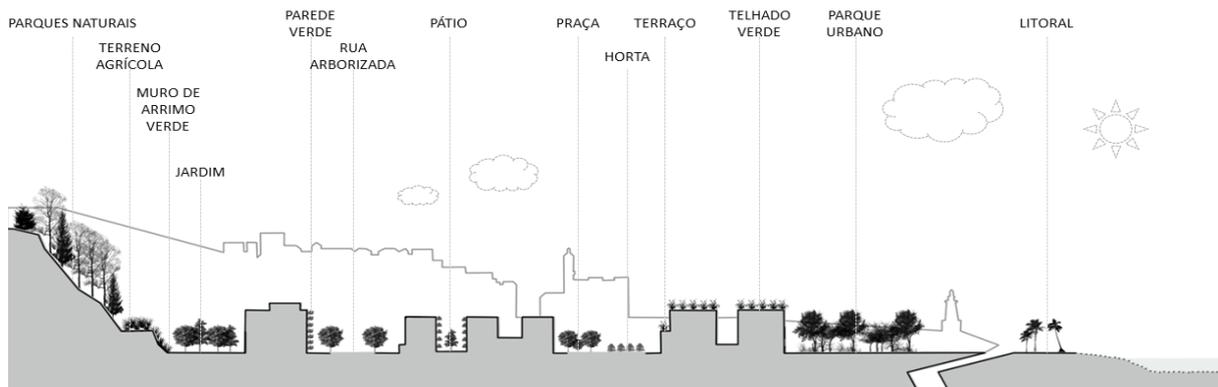
As Experiências emocionais e espirituais significativas fornecidas pelas árvores e florestas foram relatadas por visitantes de parques e arboretos, conforme relatado em estudos de Schroeder (1991 apud CANTUÁRIA, 2001). Um profundo sentimento de apego a determinados lugares e árvores pode resultar dessas experiências e é muito importante na vida das pessoas. Eles fornecem memórias, significados emocionais e simbólicos e configurações que contribuem para um sentido significativo e satisfatório do lugar no ambiente urbano.

Os diversos habitantes da cidade cultivam laços muito pessoais e fortes com as árvores urbanas. Esses laços estão associados a tradições e simbolismo. As árvores atendem às necessidades psicológicas, sociais e culturais das pessoas. Em “O significado das árvores e florestas urbanas: rumo a uma compreensão mais profunda dos valores”, Dwyer et al (1991 apud CANTUÁRIA, 2001) observam e estudam os profundos vínculos emocionais entre as árvores e os moradores da cidade. Pensa-se que nossa imagem seja refletida neles, como “a natureza protegida das árvores sugere uma natureza parental” e como também foi observado que “as árvores antigas parecem sábias e as mudas jovens são frescas e crescem”.

A infraestrutura verde é uma rede planejada de espaços naturais e seminaturais e outras características ambientais, desenhadas e planejadas para oferecer uma ampla gama de

benefícios e qualidade de vida. É um tema que está ganhando maior visibilidade com o fomento da sustentabilidade (COTS, 2014). Por tanto, é considerado infraestrutura verde toda a superfície presente tanto no meio urbano como no meio rural. Pode-se assim incluir os seguintes tipos de espaços: jardins; praças; ruas arborizadas; muros de arrimo verde; hortas; parques naturais e urbanos; pátios; parede, terraços e telhados verdes; terreno agrícola e até mesmo o litoral, (Figura 8).

Figura 8 - Tipologias de infraestrutura verde.



Fonte: Adaptado de Cots, 2014, p. 14.

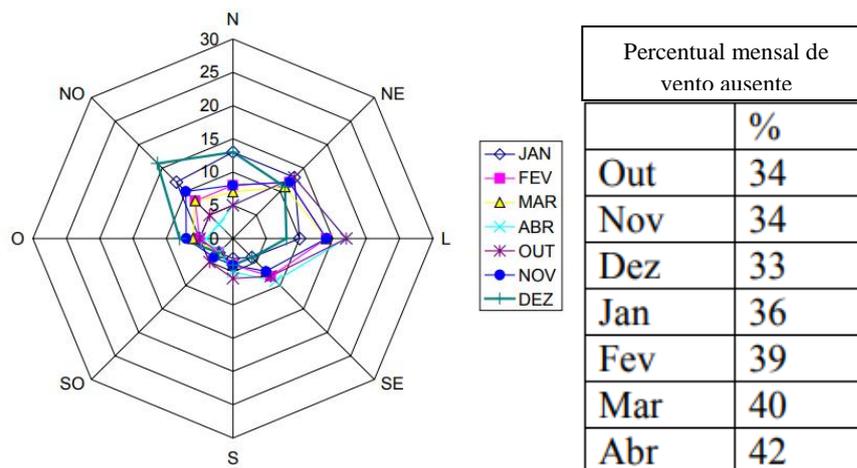
Algumas das qualidades que a vegetação pode trazer para a cidade são as características de menor condutibilidade térmica que os materiais dos edifícios; as folhas absorvem grande parte da radiação solar e a reflexão delas é pequena (albedo baixo); as áreas verdes possuem uma taxa de evaporação muito maior comparada com as áreas sem plantas, a arborização densa mantém presa à umidade e as longas raízes de árvores altas transportam a água de lençóis freáticos para o ambiente; a vegetação reduz a velocidade e as flutuações próximas do solo; as folhas podem ainda filtrar a poeira e parte da contaminação do ar, apesar de ser em escala pequena de certa forma elas ajudam não prejudicando mais ainda a situação da poluição (ROMERO, 2015).

De acordo com a urbanista norte-americana Jacobs (2000) chamar os parques de pulmões da cidade não é considerado algo cientificamente comprovado. Segundo ela, são necessários cerca de 12 mil metros quadrados de árvores para absorver a quantidade de dióxido de carbono que quatro pessoas geram ao respirar, cozinhar e aquecer a casa. A autora afirma que são as correntes de ar, e não os parques, que impedem que as cidades sufoquem. E para que haja uma boa circulação de ventos é necessário que exista uma área de cerca de 100 há sem nenhuma edificação.

O Parque da Cidade de Brasília apresenta uma extensão de 400 há, sem nenhuma grande edificação, e a própria cidade possui vastas áreas verdes e abertas espalhadas por suas quadras. Muret (1987), citado por Romero (2015), explica que os espaços abertos são aqueles não construídos e por isso, livre de grandes infraestruturas no interior ou nas proximidades dos setores reservados das construções. Ou seja, o próprio parque encaixa-se como sendo um espaço aberto. Esses espaços abertos possibilitam atividades urbanas, trânsito de pedestres e automóveis e ainda, a passagem livre de ventilação nas cidades. Na região de Brasília, a radiação solar alcança valores elevados durante todo o ano, afirma Romero (2015). Esse fato mostra a importância da proteção solar que a vegetação proporciona no meio urbano da Capital.

Os ventos, em Brasília, são caracterizados por serem constantes e moderados e por isso, são fortes aliados para amenizar as temperaturas formadas no núcleo urbano. De acordo com um estudo realizado por Maciel (2002), sobre a ventilação do Distrito Federal, na cidade de Brasília a ausência de vento ou calmaria ocupa uma grande parcela dos meses do ano, sempre acima de 33%. No estudo, a mesma autora fala que o período quente e úmido possui uma parcela menor de ventos ausentes, ou seja, há uma maior ocorrência de ventos no período, o que é bastante favorável ao uso da ventilação natural. Nas Figuras 9 e 10 é possível identificar, através da rosa dos ventos, as direções predominantes dos ventos a cada mês.

Figura 9 - Direção dos ventos no período quente e úmido - Brasília.

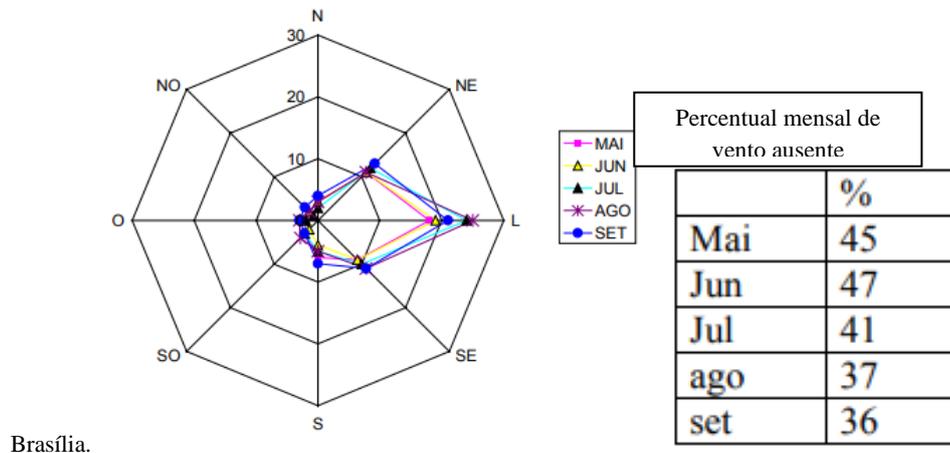


Fonte: Adaptado de Maciel, 2002, p. 61.

É possível observar, com os gráficos gerados, que nos meses mais frios do período seco (de maio a julho) existe uma maior ausência de ventos, entre 41% e 47% mensais. No

entanto, a autora explicita que no período quente e seco de agosto e setembro, a frequência de ocorrência de ventos eleva-se novamente, ficando equivalente ao período quente e úmido.

Figura 10 - Direção dos ventos no período seco -



Fonte: Adaptado de Maciel, 2002, p. 61.

Portanto é inegável o peso de qualidade que a arborização proporciona, já que as árvores de grande porte fornecem sombra e uma baixa de temperatura. Numa extensão como parque que provê uma grande área aberta, a ventilação pode movimentar-se com mais facilidade e ainda, promove uma melhor relação entre a cidade e o campo, tanto no meio visual e contemplativo como na parte sensorial e de conforto térmico.

Porém, com o gradativo aumento da população e, por conseguinte dos automóveis, boa parte das áreas verdes converteram-se em bolsões de estacionamento e áreas degradadas. Esse fato é bem elucidado no artigo “Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro - Vazios Urbanos de Brasília”, nele Martins (2009) fala sobre as áreas consideradas desvalorizadas em Brasília. A autora revela as áreas vazias em Brasília e descreve como elas se conformam esses espaços:

“Em Brasília, especialmente no Plano Piloto, mas também em muitas cidades-satélites, foram considerados vazios urbanos aqueles espaços degradados, com usos distorcidos ou em processo de abandono e transformação, que geram áreas obsoletas e subaproveitadas na cidade. Os vazios urbanos denotam, do ponto de vista semântico, a perda de função de certas áreas na estrutura urbana e, do ponto de vista físico, um processo de deterioração de regiões valorizadas da cidade que poderiam ser aproveitadas com outros usos”. (MARTINS, 2009, 186 p.)

Essa realidade prejudica a cidade deixando sua densidade baixíssima e dispendo de poucos terrenos para espaços de qualidade destinados ao lazer da população. Além disso, Jacobs (2000) fala que os parques que se tornam impopulares preocupam não só pelo desperdício e pelas oportunidades perdidas, mas também pelos constantes efeitos negativos que causam. Ademais, os problemas que alguns locais acabam atraindo terminam dando aos espaços uma fama de perigosos e por isso, passam a ser evitados. Esses locais são alvo de vandalismo, o que é bem diferente do desgaste por uso, comenta Jacobs (2000).

O objetivo principal da narrativa do livro “Morte e vida de grandes cidades” no capítulo “A natureza peculiar das cidades”, é o esclarecimento da ideia que o parque não transforma ou promove qualquer virtude do entorno ou da vizinhança, a autora especifica que “os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere” (JACOBS, 2000, p.104). Ou seja, é outra perspectiva que exalta as funções e atividades que devem ter no entorno do espaço público em questão.

Brasília como uma cidade projetada, projetou ao longo de seu território áreas com muita arborização entre os seus edifícios. Estas áreas podem, também, serem chamadas de parques, pequenos e restritos aos moradores das quadras. Dessa maneira, Brasília possui em sua extensão uma grande variedade de parques informais, sendo a cidade um parque imenso.

3.8. Importância das Atividades Urbanas

A atratividade urbana configura-se como sendo centros onde a população é atraída para exercer atividades. Nessa leitura abordaremos como foco parques e praças, e mais especificamente no Distrito Federal, locais que conferem atividades efêmeras. Esses locais podem constituir elementos apreciativos nos bairros e também são “um trunfo econômico para a vizinhança, mas infelizmente poucos são assim” (JACOBS, 2000, p.97).

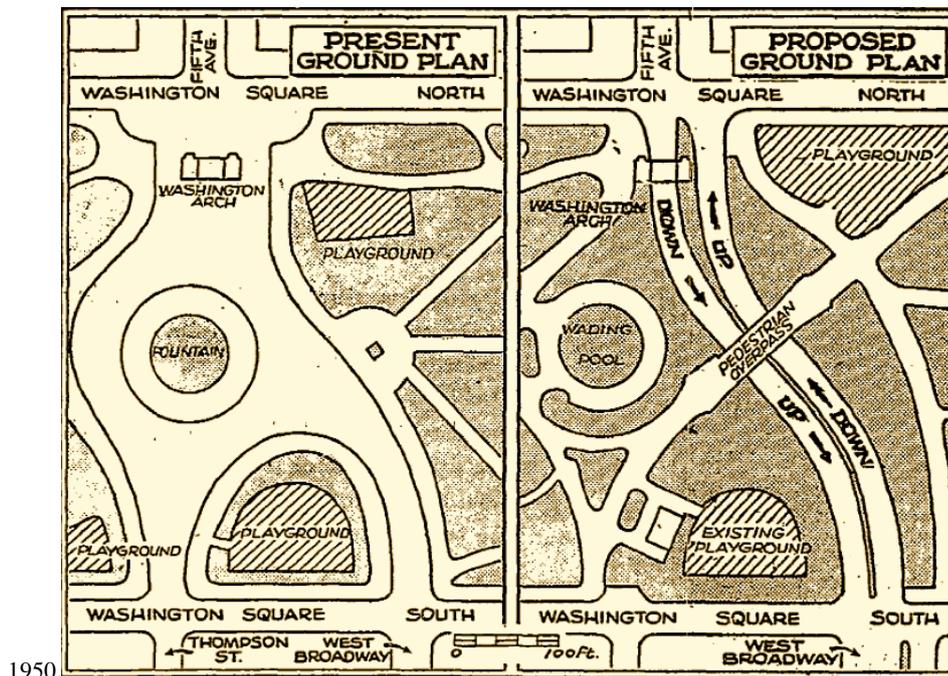
Os bairros ou espaços similares como praças são “comumente considerados uma dádiva conferida à população carente das cidades”, pois, “as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso” (JACOBS, 2000, p.97). Diante disso, é correto afirmar que a popularidade ou impopularidade depende da utilidade aplicada ao local e, além disso, são outros motivos muito complexos.

O sucesso, a autora afirma ser um complexo e variado conjunto de edificações com muitos serviços no entorno do parque ou praça, “a variedade de usos dos edifícios propicia ao

parque uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em horários diferentes”, (JACOBS, 2000, p.105). E completa, que esses usuários “utilizam o parque em horários diferentes porque seus compromissos diários são diferentes”, comenta a autora. Portanto os usuários podem usar de maneira mais útil o espaço do parque.

Jacobs (2000) exemplifica com a história da Washington Square, mostrada na Figura 11. Ela conta sobre a praça que se transformou em um local degradado e com “degenerados” como ocupantes, pois os antigos usos do entorno foram trocados apenas por escritórios. Então, os usuários tinham o mesmo cotidiano e horário, dessa forma a praça só era ocupada por eles por dado momento e logo após todos se recolhiam para trabalhar. Essa realidade refletiu na utilização de outro público: os desabrigados, que constatando que o local ficava sem uso, se apropriaram deste espaço como moradia. Outrora no passado a mesma praça já teve boa quantidade de frequentadores, porém, “embora seja ainda a “mesma” praça, seu uso e sua essência mudaram inteiramente quando a vizinhança se transformou” (JACOBS, 2000, p.107).

Figura 11 - Plano de Moses para estradas cortando o Washington Square Park,



Fonte: Arquivos da Universidade de Nova Iorque - <https://bit.ly/2mmFXhI>, acesso em 2019.

Esse exemplo mostra a necessidade destes locais de lazer possuir variados usos, internos e principalmente no seu entorno. Pois segundo Jacobs (2000), parques e praças urbanas são fruto de uma vizinhança e a forma como a vizinhança acaba gerando uma sustentação mútua por meio de usos diferentes ou deixa de gerar essa sustentação.

3.9. Elementos Importantes de Atração para Permanência

Para o estudo dos componentes responsáveis pela permanência das pessoas em um espaço público, é necessário entender a importância por trás desses elementos e classificar quais são mais imprescindíveis para que esses espaços prosperem.

A partir de alguns estudos sobre o caso, Svarre (2011, apud GEHL; SVARRE, 2018), afirma que a cidade é feita de espaços para deslocamento e espaços para permanência, são eles ruas e praças/parques, respectivamente. Seus resultados expuseram que ao passar em cada área os pedestres tendem a diminuir suas velocidades em cerca de 5%, quando passam por espaços de permanência. Isso demonstra o efeito que espaços planejados para permanência influenciam nos pedestres, eles sentem-se mais a vontade para diminuir a velocidade do passo.

Primeiramente é necessário entender alguns pontos que são importantes para convidar o público a permanecer em um local.

Sob o enfoque bioclimático, Romero (2015) aborda sobre a temática do desenho urbano com vistas ao conforto ambiental. Em seu trabalho a autora destaca a importância da análise dos aspectos ambientais, climáticos, históricos, culturais e tecnológicos do local. Tais análises visam criar parâmetros para um desenho ambiental integrado nos espaços públicos que propiciem à adequação dos projetos ao contexto local. De acordo com Gehl (2014), existem dois tipos principais de atividades que ocorrem nos espaços públicos. São elas atividades de movimento ou transição e as estacionárias. No caso dos parques, o mais desejável para manter o local vivo, são as atividades estacionária, ou seja, a intenção principal é que o público permaneça por um longo tempo aproveitando o espaço.

As atividades estacionárias podem ser divididas numa escala segundo o seu grau de necessidade. Numa ponta da escala, estão as atividades que não dependem, particularmente, da qualidade urbana, como o comércio de rua, limpeza e manutenção. Produtos são comercializados, e os pedestres acabam por permanecerem em locais esperando transporte público/particular e o momento de passagem em cruzamentos de vias movimentadas. No outro lado da escala, estão as atividades consideradas opcionais e recreativas, incluindo sentar em bancos ou em cafés, para observar o movimento e acompanhar a vida da cidade. Nestas atividades é imprescindível a qualidade da situação, da sensação térmica e do local (GHEL, 2014).

Para Speck (2016), se uma pessoa vive em um bairro onde se caminha mais as chances de estar obeso são de 35%, porém se ela vive em um bairro onde se caminha menos, ela possui 60% de chances de estar acima do peso. Essa afirmação elucida o quando um lugar necessita de atividade de atração para seus moradores. O espaço deve ter uma grande variedade de atividades e entretenimento para atrair vários tipos de público.

Um dos fatores necessários para o sucesso de lugares públicos e urbanos envolve a diversidade de atividades do espaço que o torna um espaço distinto e memorável (SHAFTOE, 2008). Outro fator importante está ligado aos sentidos. Quando existem estímulos aos cinco sentidos, como o olfato e o paladar, com espaços de lanchonetes ou é possível que o público fique por mais tempo, já que amparam necessidades de comer e se hidratar. Ghel (2014) comenta que o fato de haver muitos pedestres numa cidade não indica, exatamente, que qualidade urbana seja boa. Muitos dos que estão caminhando é porque não possuem opções de transporte suficientes, ou existem grandes distâncias entre os vários serviços urbanos. O autor exemplifica o caso de Roma:

“Numa cidade como Roma, o que chama a atenção é o grande número de pessoas em pé ou sentadas nas praças, e não andando. Isso não se deve à necessidade, mas por ser a qualidade da cidade muito convidativa. É difícil ficar andando numa cidade que tem espaços urbanos tão tentadores para se ficar. Em compensação, há muitos bairros e complexos habitacionais novos através dos quais as pessoas caminham. Mas raramente param e ficam” (Gheel, 2014, pag.134 e 135).

De acordo com o autor, quem precisa ficar por um longo tempo em um espaço urbano logo se cansa de ficar de pé e vai procurar por um lugar para se sentar. Quanto mais tempo o pedestre for permanecer, mais atenção ele terá na escolha do lugar para ficar. Esses locais normalmente sempre combinam uma porção de vantagens. Jan Gehl (2014) fala sobre uma escala de quatro pontos que foi desenvolvida no estudo sobre a qualidade urbana realizado em Estocolmo em 1990, para avaliar as condições favoráveis e confortáveis do espaço. São elas:

- Microclima agradável (clima Local/elementos térmicos e do ar)
- Boa localização, de preferência nos espaços de transição, com costas protegidas (localização/proteção)
- Boa visibilidade (iluminação e visuais agradáveis)

- Nível de ruído, poluição e violência baixo (elementos auditivos, elementos olfativos e proteção)

Adicionado a esses 4 pontos é possível mesclar as avaliações que a arquitetura bioclimática apresenta, como o conforto acerca do clima, do som e da luz (Romero, 2015). Além disso, Gehl (2014) acrescenta mais algumas atrações especiais para prover o local de mais qualidades. Essas atrações enriquecem o ambiente, de modo geral, com diversas experiências sensitivas de conforto ambiental, são elas:

- Água (fornece umidificação)
- Vegetação arbórea (fornece sombreamento e sensação térmica agradável)
- Flores (fornece aromas diferenciados e agradáveis)
- Bons espaços (fornece área para prática de atividades diversas)
- Boa arquitetura (fornece proteção e atratividade para o público)
- Obras de arte (fornece atratividade aprazível)

As pessoas, normalmente, quando vão à um lugar fora de suas residências procuram por movimento de cidadãos, seja ele grande ou pequeno. Esse movimento promove sensação de relativa proteção diante de algum ato de violência ou perigo. Quanto mais atrativos um local oferece, mais movimento por parte da população, esse local poderá exibir.

3.10. Parques do Brasil

Macedo (1999) explica que o projeto de paisagismo urbano se consolidou no Brasil durante o século XIX, juntamente com a construção da nação brasileira, as mudanças dos hábitos sociais e o aumento da população urbana. A elite do Império e da República Velha foi a pioneira com o projeto de ajardinamento e tratamento paisagístico nas proximidades urbanas próximas de sua moradia, propiciando a criação de praças, parques públicos e privados, *boulevards*, *promenades* e jardins sofisticados, por onde as famílias reais passeavam. Os primeiros parques criados no Brasil tiveram forte influência europeia e norte-americana por terem sido patrocinados pela elite dominante. Com a intensa movimentação e importação de espécies vegetais de outras localidades como: africanas, asiáticas e europeias, logo, as novas espécies acabaram por se misturar com as espécies nativas, estabelecendo assim, as mais variadas composições de paisagens urbanas no país.

Foi apenas na década de 70 que o parque no modelo moderno, de programa composto por funções como lazer, chegou como resposta à carência de equipamentos e espaços de atividades públicos da população, afirma Silveira (2013) citado por Abrão (2014). Em decorrência à afirmação do movimento ecológico em áreas urbanas, a partir da década de 80, houve o surgimento do parque ecológico no Brasil. O parque urbano continuou a se transformar para apresentar um programa com múltiplos usos; o desenho mais livre e desprendido de estilo; o uso por parte da população aliado à preocupação de cidadania onde a preservação ambiental se apresenta como fator importante; e o surgimento de atividades comerciais ou culturais como feiras e eventos artísticos. O antigo lugar de importância da praça medieval é tomado pelo parque urbano contemporâneo (SILVEIRA, 2013).

O Brasil, no século XXI, vai se tornando mais urbanizado e por isso sua demanda de espaços com tratamentos paisagísticos e mais atividades aumentam. A urbanização traz diversidade de lazer e a busca por atividades ao ar livre e de contato com o natural é o ponto crucial para a criação e organização do espaço público e privado, que se encontram livres (MACEDO, 1999 apud ABRÃO, 2014).

3.11. Parques de Brasília

De acordo com o IBRAM (2013), o Distrito Federal possui uma grande quantidade de parques espalhado por toda sua extensão. São ao todo 73 parques, criados por decretos, entre os anos de 1994 a 1996. São classificados, na sua maioria em duas categorias: os parques ecológicos e os parques de uso múltiplo. Porém, apenas somente 33 desses parques possuem condições para receber visitantes que buscam espaço para realizar atividades físicas, de lazer ou simplesmente contemplação da natureza.

Dentre esses 33 parques, apenas o Parque Dona Sarah Kubitschek apresenta um tamanho tão grande e é tão bem inserido no meio urbano de Brasília. Por isso, é importante destacar como mesmo com tantas qualidades, atualmente é possível encontrar exemplos dentro do Distrito Federal, que acabam por ter condições mais favoráveis, que as encontradas no Parque da Cidade.

Sobre as causas acerca da efetiva implantação e utilização pelos habitantes, na maioria dos parques, o projeto MAPEAR (IBRAM, 2013) diz que os fatores vão desde a oficialização e demarcação das poligonais não contempladas nos decretos, até a degradação da paisagem, o

potencial de conservação de cada parque e a própria logística de acesso por parte da população. Alguns dos parques que se destacam como alvo de visitação do público em Brasília, são: o Parque Olhos D'água, o Parque ecológico Dom Bosco, o Parque Ecológico Águas Claras e o principalmente o Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.

Segundo os autores Ganem e Leal (2000), o Parque Olhos D'água (Figura 12) compreende a área das superquadras 413 e 414 e a área comercial 414/415 da Asa Norte. Na sua criação, foram estabelecidos alguns objetivos para o parque: “preservação das nascentes, dos olhos d'água, do córrego e da lagoa existentes; preservação da mata de galeria e da fauna associada a esse tipo de vegetação, bem como sua recuperação nas áreas em que se encontra degradada; proporcionar o desenvolvimento de programas de observação e educação ambiental, além de pesquisas sobre os ecossistemas locais; proporcionar à população lazer cultural, visando principalmente ao desenvolvimento de atividades que levem em conta a conservação do meio ambiente” (GANEM; LEAL, 2003, p. 23).

Figura 12 - Parque Olhos D'Água.



Fonte: IBRAM/GDF, 2013, p. 14.

O parque abrange um total de 21 ha, englobando uma nascente e uma lagoa, em volta das quais cresce uma mata ciliar, já bastante alterada. O restante da área também está muito degradado, não havendo uma mancha contínua de vegetação de cerrado. Cortado por diversas trilhas, é corriqueiramente visitado pelos moradores das quadras lindeiras. Está cercado e conta com uma edificação, que abriga um destacamento da Polícia Florestal (quatro policiais, na época da visita), com um parquinho infantil e diversas placas educativas e de advertência.

Outro parque importante é o Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco (Figura 13). Os autores Ganem e Leal (2000) comentam que o parque se dispõe na área que compreende a poligonal do Setor Habitacional Dom Bosco, estendendo-se numa faixa junto à orla do Lago Paranoá, nos limites do Setor Ermida Dom Bosco (SEDB) até o córrego Manoel Francisco. Posteriormente, foram estabelecidos os seguintes objetivos para o parque: “preservação da vegetação existente; recuperação da área degradada e proteção das espécies da região e de seus refúgios naturais” (GANEM; LEAL, 2003, p. 70), consolidação da Área de Proteção Ambiental do Paranoá; eliminação dos fatores relacionados à degradação da qualidade ambiental; disponibilização de espaços e meios necessários à promoção da educação ambiental, particularmente daquela relacionada ao ecossistema do cerrado.

Figura 13 - Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco.



Fonte: IBRAM/GDF, 2013, p. 12.

A unidade apresenta alto valor cônico. Inclui em seu interior, além do Instituto Israel Pinheiro, a Ermida Dom Bosco, o Convento das Carmelitas e o Mosteiro de São Bento. Do alto da Ermida, descortina-se uma belíssima vista do Lago Paranoá e do Plano Piloto. Às margens do lago, o relevo ondulado e a vegetação nativa conformam paisagens agradáveis. Trilhas que atravessam o cerrado apresentam alto potencial para o desenvolvimento de programas de educação ecológica. A área abrange vegetação de cerrado e mata ciliar, está junto à cerca do Instituto Israel Pinheiro. Num local próximo à Ermida Dom Bosco, há uma pequena nascente. A vegetação está em bom estado de conservação.

Por fim, será abordado o parque o Parque Ecológico Águas Claras (Figura 14). Ganem e Leal (2000) expõe que o parque foi decretado no ano 2000, e se dispõe entre as quadras 301,

104, 105 e 106 do bairro Águas Claras. Seus objetivos se firmam em proteger o acervo genético da flora e da fauna nativas, bem como nascentes e áreas de recarga de aquíferos; proporcionar o desenvolvimento de projetos de educação ambiental e de observação ecológica, além de pesquisas sobre os ecossistemas locais e atividades culturais, recreativas e esportivas.

Figura 14 - Parque Ecológico Águas



Claras.

Fonte: IBRAM/GDF, 2013, p. 13.

Esse parque ecológico contém parte da mata ciliar do córrego Águas Claras, bem como as áreas adjacentes, cobertas por vegetação campestre. Essa área era ocupada por chácaras, que foram retiradas para implantação do Bairro Águas Claras, restando diversos maciços arbóreos de frutíferas, eucaliptos e outras plantas exóticas. Uma área de cascalheira, situada próximo à Rua das Carnaúbas, que necessita ser recuperada. O parque situa-se junto aos prédios residenciais do bairro, dos quais é separado por uma via, a Avenida Flamboyant.

Os parques citados fornecem uma ideia das condições que um parque deve fornecer. Em geral, a manutenção dos parques é de administração pública e no momento está, na sua maioria, cumprindo a sua função. Os parques apresentados possuem uma extensão muito inferior à do Parque da Cidade, por este motivo não podem ser comparados nesse aspecto, porém é interessante ressaltar que a própria população se apropria de forma mais ativa nos menores parques.

3.12. O Parque Dona Sarah Kubitschek

O Parque Dona Sarah Kubitschek, implantado em 1978 com o nome de “Parque Recreativo Rogério Pithon Serejo Farias”, e popularmente conhecido como Parque da Cidade, é o elemento principal pertencente à escala Bucólica. Nessa escala, Lucio Costa quis exprimir a relação de grandeza com a cidade (Figura 15).

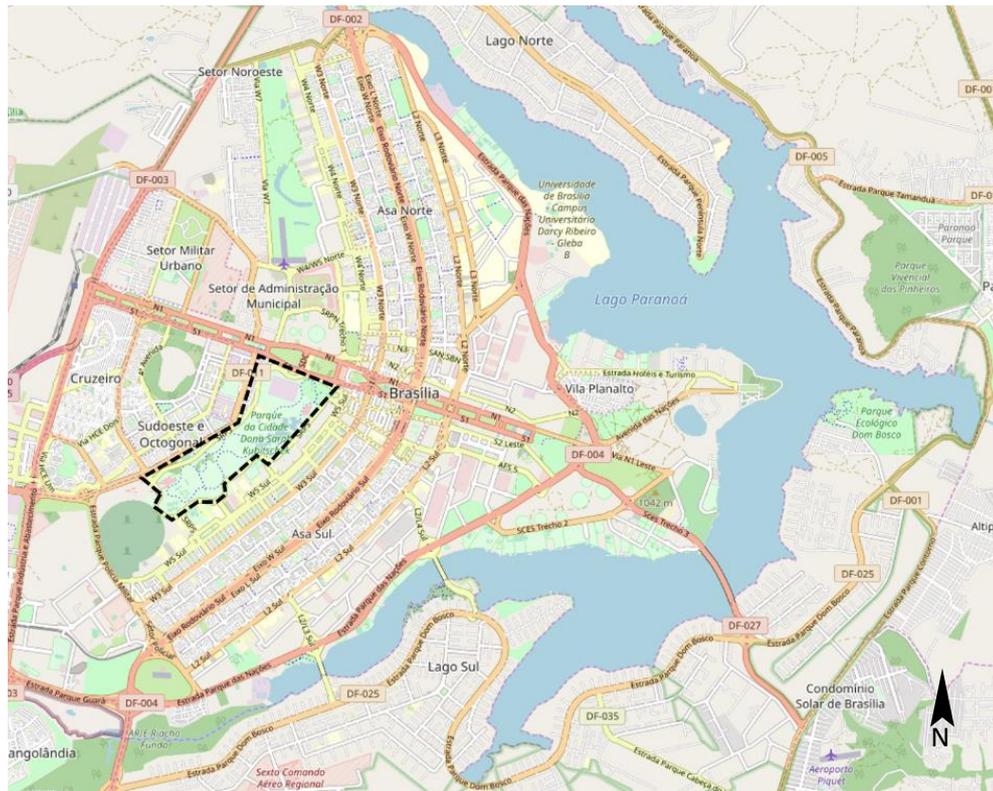
Figura 15 - Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: IBRAM/GDF, 2013, p. 36.

O Parque Dona Sarah Kubitschek situa-se na Asa Sul, em frente às quadras 901 a 913, e tem poligonal definida com cerca de 420 há, como mostrado na Figura 16. O parque já implantado oferece diversificada infraestrutura de lazer à população. É um local idealizado para o cidadão e possui variados tipos de atrações como: shows, exposições, piqueniques e churrascos, saraus, corridas, caminhadas, aniversários e até casamentos.

Cientes de que o Parque da Cidade é o coração de Brasília e um dos pontos turísticos mais belos e frequentados da Capital Federal, contendo árvores nativas e não nativas do Cerrado, além da natureza, que faz com que os visitantes se sintam bem relaxados, com aves de várias espécies de animais, é necessário expor que sua infraestrutura atualmente enfrenta desgaste e falta de manutenção.

Figura 16 - Localização do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek em Brasília.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Mesmo sendo um grande respiradouro para o Plano Piloto de Brasília e ainda outras áreas próximas, o parque não se conforma como um local de total atração. De acordo com um estudo recente de Araujo et al. (2016) sobre as condições do parque da Cidade de Brasília, os autores expõem o péssimo estado de várias áreas. Araujo et al. (2016) afirma que o parque não possui uma manutenção de qualidade e a quantidade de pessoas disponíveis para esse serviço, muitas vezes, não conseguem manter toda a extensão do parque em condições agradáveis. Aliado a isso, muitas dessas situações de descaso são causadas por usuários mal-intencionados. Dessa forma o parque acaba por sofrer com a falta de zelo.

3.12.1. Influências para Criação do Parque

Françoise Choay (1979) citou que a noção do termo *Garden City*, surgiu com o inglês Ebenezer Howard. As primeiras obras que seguem à risca esse conceito são as cidades Letchworth (1904) e Hampstead Garden Suburb (1906). E em São Paulo, a difusão do conceito *Garden City* foi bastante precoce, graças a empresa imobiliária inglesa, Cia.City, que construiu o Jardim América (1917-19) projetado por Parker. O modelo de empreendimento foi um sucesso e eventualmente foi adotado em inúmeros bairros residenciais, não só em São

Paulo como nas principais cidades do Brasil, uma solução para as classes mais abastadas. Tal formulação urbana serviu de influência e foi adotada pela capital brasileira nos seus espaços verdes.

De acordo com a Portaria nº 314, de outubro de 1992, Brasília foi concebida com característica de quatro escalas distintas, que traduzem a concepção urbana da cidade: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica.

A escala monumental serve para conferir à cidade a marca de efetiva capital do País, delimita-se no Eixo Monumental e abrange desde a Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti. A escala residencial está configurada ao longo das Asas Sul e Norte do Eixo Rodoviário Residencial e proporciona uma nova forma de viver exclusivamente de Brasília. A escala Gregária encontra-se no centro de Brasília em torno da intersecção dos Eixos Monumental e Rodoviário. A escala está configurada na Plataforma Rodoviária e nos Setores de Diversões, Comerciais, Bancários, Hoteleiros, Médicos-Hospitalares, de Autarquia e de Rádio e Televisão Sul e Norte. Por fim, a escala bucólica confere o caráter de cidade-parque à Brasília. Condiz a todas as áreas livres, contíguas a terrenos atualmente edificadas ou institucionalmente previstas para edificação e destinadas à preservação paisagísticas e ao lazer. Nesse contexto o Parque da Cidade Sarah Kubitschek de Brasília pertence à escala bucólica.

Gideon (2004, apud TANURE, 2007), chamou a atenção para as transformações das artes relacionadas à forma do espaço, ou seja, de organizar seus limites começando com a pintura e se estendendo para a arquitetura. Essas transformações influenciaram o paisagismo de Burle Marx, o criador do projeto original do Parque Dona Sarah Kubitschek. Marx recebeu uma intitulação de verdadeiro criador do jardim moderno pelo Instituto Americano de Arquitetos de acordo com Costa (1999, apud TANURE, 2007). A autora diz que o que Burle Marx mais gostava era da liberdade e princípios, recusando-se de toda maneira a adotar fórmulas. Marx destacava também concepções de tendências Expressionistas, Cubistas e do Abstracionismo, surgidas a partir de 1910 (TANURE, 2007).

A autora cita, que Burle Marx reconheceu suas as influências a partir da pintura e da arquitetura no seu paisagismo (1987), no entanto, fez questão de ressaltar que cada tipo de arte tem o seu caráter específico.

3.12.2. Histórico do Parque

A área que devia inicialmente ser construído o Parque Zoobotânico, se configurou como um grande vazio urbano. Próximo ao Reservatório de água da Caesb, na área do parque, existia uma vegetação nativa e uma plantação de pinheiros utilizada como *camping*. Na década de 70, essa área estabeleceu um pequeno parque, situado próximo ao Eixo Monumental, chamado de Iolanda Costa e Silva (TANURE, 2007). Eventualmente o espaço abrigava eventos temporários como circo e parques de diversões que passavam pela cidade.

Segundo Tanure (2007), em 1975, Brasília estava carente de opções de lazer em Brasília. A cidade continha uma população de 800 mil habitantes, sendo que mais de 50% eram jovens de menos de 20 anos. As únicas formas de lazer estavam nos clubes às margens do Lago Paranoá. As opções para crianças eram menores ainda pela falta de parquinhos infantis. Por isso, uma das principais preocupações do então governador Elmo Sereio Farias era o investimento no lazer da cidade.

Como a área destinada ao Parque Zoobotânico estava se consolidando com atividades de lazer, foi proposto pelo “Departamento de Turismo (Detur) e pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da Secretaria de Obras e, posteriormente analisado e aprovado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), a criação de um parque no local (GDF, 1999)” (TANURE, 2007, p. 101). Um projeto, com memorial e um programa de atividades a ser desenvolvido para a área foi elaborado pelos arquitetos que trabalhavam no DAU, relata o histórico do Parque da Cidade (GDF, 1999).

O Secretário de Viação e Obras da época Sízínio Galvão justificava a criação do parque, em uma exposição de motivos, afirmando que devido ao seu zoneamento, Brasília carecia de grandes locais para reuniões, diversões públicas, programas de turismo apesar das suas grandes áreas verdes. Desse modo, a construção de um parque era de grande interesse público, afirma Tanure (2007).

A autora conta que como havia uma falta de nascentes naturais, decidiu-se criar lagos artificialmente para pratica de remo ou passeios de pedalinhos. Os brinquedos de pequeno porte seriam mantidos os que já existiam no parque Iolanda Costa e Silva, pois despertavam a criatividade e atenção das crianças. Posteriormente esse parque foi rebatizado de Ana Lídia, como uma homenagem a uma criança vítima de um crime na época. Já os brinquedos de

grande porte dependiam muito da época, pois os mesmos sempre estavam em constante atualização e inovação. Dentre eles estavam listados: tobogãs, montanha russa, giratórias espaciais e outras modalidades.

De acordo com Tanure (2007), em outra proposta, a implantação de uma área construída com *stands* para exposições diversas já estava prevista. Outra proposta previa a criação de espaços para espetáculos como circos, teatros e cinemas. A previsão das áreas verdes foi pensada junto com um traçado de vias de pista dupla, facilitando o tráfego e o estacionamento dos veículos. A área verde prevista era de 390 hectares. Sendo considerada uma das mais arrojadas realizações do governo Elmo Farias, a construção do parque foi a que melhor se apresentou ao público como um local de diversões.

De acordo com o Secretário de Viação de Obras (*Correio Braziliense*, 6 de novembro de 1974), o projeto da Secretaria de Viação e Obras ainda não estava completo, por isso, a construção do parque seria em etapas, isto é, aumentada em tamanho e número de equipamentos à medida que novas ideias fossem surgindo e novos meios de diversão fossem aparecendo (TANURE, 2007). Por esta razão, é provável que vários projetos não foram levados a diante, culminando na contratação do escritório de Burle Marx.

No ano de 1975 a Secretaria de Viação e Obras resolveu juntar Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx para a criação do Parque Recreativo de Brasília, conta Tanure (2007). O projeto urbanístico foi feito por Lucio Costa. Já os edifícios e alguns equipamentos do Parque foram entregues por Oscar Niemeyer (que fez estudos preliminares e encarregou o desenvolvimento dos projetos ao arquiteto Glauco Campello).

Já o paisagismo ficou sob a responsabilidade de Burle Marx. A idéia da segmentação funcional prevaleceu e deveria predominar a facilidade de acesso, a possibilidade do uso constante dos equipamentos e a separação entre as atividades de maior movimento de outras que exigiam espaços isolados para sua execução (TANURE, 2007). O mais importante era que o Parque não deveria beneficiar apenas os moradores do Plano Piloto, mas também os das cidades-satélites.

A comunicação visual constante do Parque com os setores limítrofes e quanto à vegetação destaca-se em três diretrizes básicas, (TANURE, 2007):

a) A preservação e o adensamento da vegetação natural existente no local.

b) O plantio acelerado de diversas espécies vegetais, com grandes árvores, que propiciem vasta sombra, frutíferas, ornamentais e árvores que atraiam pássaros visando à devida ambientação do parque. Com este objetivo foi solicitado ao Departamento de Parques e Jardins a especificação dessas plantas levando em conta o solo, o clima e a época da defasagem de floração das mesmas.

c) A derrubada das árvores do bosque de pinheiros existente seria feita somente onde fossem localizados os equipamentos, formando clareiras em meio à vegetação.

O Parque da Cidade Sarah Kubitschek de Brasília localiza-se ao longo da Asa Sul do Plano Piloto. Tem como aspecto a amplitude de gramados e vegetação majoritariamente do cerrado, eucaliptos e equipamentos disponibilizados para o lazer dos visitantes. O projeto de Burle Marx pode ser identificado no parque “nas mais magníficas formas do lago e dos espelhos d’água, nos grandes pisos, nos canteiros elevados e nas espécies utilizadas na grande praça central”, de acordo com o autor Macedo (2003, p. 90). Possui vias largas de 14m de largura e estacionamentos espalhados ao longo de área para atender a demanda dos visitantes de toda a cidade. Ciclovias, quadras esportivas, churrasqueiras e um grande lago são alguns dos equipamentos que fornecem lazer aos usuários. Porém, o projeto original não chegou a ser completamente realizado, por isso Marx não aceita sua autoria pelo parque.

Araujo (2016) explica que a história se iniciou com a construção das superquadras de Brasília, prevendo uma grande área verde próximo ao Eixo Monumental, onde seria o Jardim Botânico e Zoológico. Contudo foi decidido que o espaço seria o Parque Zoobotânico de Brasília, fundado em 1978. O desenvolvimento do projeto urbano realizado pelo urbanista Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Glauco Campello foi responsável pelos edifícios distribuídos e por sua extensão. Já Burle Marx cuidou do projeto paisagístico. Sua premissa seria a de fornecer ventilação para as habitações próximas e servir como o pulmão da capital e com cerca de 1040 acres, cumpre seu papel com competência (ARAUJO, 2016). Parques como o Horto Florestal e o Parque Olhos d’Água, na parte Norte do Plano Piloto, também podem auxiliá-lo nesse respiro na cidade.

Outros parques como Horto Florestal e o Parque Olhos d’Água também fornecem lazer aos brasilienses, porém nenhum, em Brasília, tem a vastidão de território e o domínio de atividades que o Parque da Cidade Sarah Kubitschek possui e pode propiciar.

3.12.3. O Projeto de Burle Marx

O paisagismo de Burle Marx é muito marcado pela atenção a forma da vegetação usada em consonância com a configuração dos espaços o que fica evidenciado na utilização de aproximadamente 200 espécies na configuração do projeto do Parque da Cidade. O projeto original estava dividido em cinco zonas, foram elas: zona administrativa, zona dos estados, zona do lago, zona cultural e zona esportiva. Todas as zonas citadas tiveram elementos do projeto original de Burle Marx que não foram incluídos, descaracterizando de tal forma que o paisagista não quis ter seu nome vinculado ao Parque.

Segundo Tanure (2007), dentre as suas preocupações principais estava o conforto dos usuários com o ambiente, o fazendo se atentar sobre como as características climáticas influenciariam juntamente com o paisagismo a perspectiva dos frequentadores. A questão ecológica também foi pontuada devido à necessidade de preservação ambiental da vegetação nativa e ao uso na arborização. Além dos aspectos dispostos acima, Burle Marx se utilizou do paisagismo de maneira organizacional. Fazendo com que a vegetação servisse de orientação aos pedestres através de marcos visuais e pela demarcação acentuada de determinados trajetos. Tal característica se repete no Parque do Flamengo, por meio de uso de grande variedade de espécies vegetativas. Proporcionando ao local contemplado grande abundância de espécies.

Para se constatar a viabilidade do projeto quanto à composição das espécies vegetativas, Burle Marx procurou verificar a disponibilidade das mesmas no viveiro do Departamento de Parques e Jardins do Distrito Federal (TANURE, 2007). O que se mostrou um desafio no decorrer do projeto devido à carência de conhecimento da vegetação do cerrado pelo departamento. O que causou mudanças permanentes nas espécies usadas.

Zona Administrativa

Na zona administrativa, a parte destinada ao trânsito de pedestres não foi colocada em prática. Que passaram a se utilizar da pista destinada ao trenzinho, juntamente com múltiplos esportes. Visto o uso da pista pela população, o trenzinho parou de circular. A praça e área dos brinquedos também não foram construídas. Em substituição existe um piso gramado, um vestiário e uma área coberta sem equipamentos. Nesta zona existem equipamentos de ginástica, lanchonetes e uma quadra, afirma Tanure (2007).

A presença da quadra na administração vai contra a setorização do projeto, que prevê um setor para as quadras localizado ao sul do Parque. Outra mudança em frente ao previsto no projeto é o local do parque de diversões e do circo. O parque deveria ficar a oeste da administração, mas foi colocado perto do Parque Iolanda Costa e o local previsto é ocupado agora por árvores, uma quadra esportiva e um gramado. No caso do circo foram plantadas árvores que impedem a sua montagem (TANURE, 2007).

Na zona administrativa existe um fluxo maior de pessoas proporcionado pelos locais ao redor, como shoppings, escolas e outros. De acordo com Tanure (2007, p. 142), "o local de implantação do *play ground* da zona da administração, assim como a área das gangorras, corresponde às previsões, sendo o primeiro constituído por um castelo com dimensões reduzidas". Outra mudança foi na "área do mini-golf também que está delimitada no local previsto, no entanto, há apenas um tanque de areia no espaço".

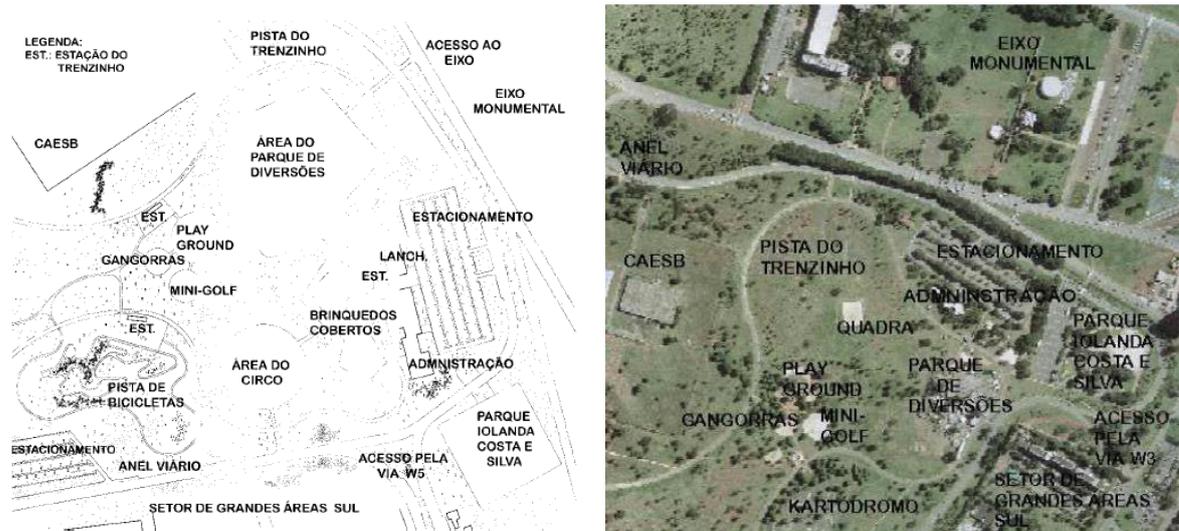
Próximo ao *playground* estava a área prevista para a circulação de bicicletas que passou a ser utilizada como kartódromo. A área reservada ao kartódromo era mais distante devido a segurança e situado no meio do bosque de pinheiros. Na posição atual ele se encontra dentro da zona administrativa, que é a com maior fluxo de pedestres. Quanto a vegetação, parte do que foi previsto não foi entregue, visto que a intenção criar conjuntos homogêneos para orientar com marcos visuais os frequentadores, e tais conjuntos foram feitos heterogêneos. Característica que prevaleceu no Parque e em sua arborização (TANURE, 2007).

Tal característica teve origem aos problemas enfrentados pela Novacap. A autora afirma que:

"Atualmente, a experiência adquirida pelo órgão em relação ao manejo do ambiente e ao cultivo das espécies utilizadas no paisagismo, acena para a possibilidade de resgate dos princípios da arborização indicados pelo projeto. Este resgate é de grande importância para o uso do espaço pela população, pois sem os conjuntos previstos há prejuízos para as qualidades topoceptivas do espaço (orientação de pedestres), para as qualidades estéticas, pois os valores plásticos foram sensivelmente alterados, e também para as qualidades ambientais, pois o sombreamento é muito irregular, e a grande exposição dos espaços dificulta a permanência de pessoas em determinados períodos por causa do sol intenso durante a maior parte do ano, além do clima seco." (TANURE, 2007, p.143,144).

A delimitação das áreas de preservação dos restantes nativos, a criação de um viveiro para reproduzir e criar as espécies usadas no parque e o critério dos plantios concêntricos no entorno dos equipamentos, foram outras sugestões do projeto que não foram seguidas quanto à arborização. "Além disso, outra prática contrária aos princípios de Burle Marx: a moldagem da vegetação com a topiaria, pois ele procurava valorizar as qualidades originais das espécies" (TANURE, 2007, p. 144). A Figura 17, a seguir, demonstra o que realmente foi construído no Parque do projeto de Burle Marx na Zona Administrativa.

Figura 17 – Zona Administrativa - projeto x construído.



Fonte: Tanure, 2007, p. 137.

Zona dos Estados

Nessa zona também é encontrado algumas correspondências e alterações em relação ao projeto original. Assim como na zona da administração, o anel viário e a pista do trenzinho foram implantados conforme as previsões, mas os pisos de pedestres não foram construídos, essa configuração se repete ao longo de todo o Parque. Esta zona corresponde à área destinada à Feira dos Estados, no entanto, Tanure (2007) explica que ela deveria ser composta por uma praça com pequenas construções e seu funcionamento seria durante todo o ano, mas essas construções foram substituídas por um grande pavilhão que abriga eventos temporários.

A autora comenta que a grande área verde disposta por toda a zona, no entorno do pavilhão, evidencia a necessidade de implantação dos pisos de pedestres para orientar os visitantes em relação às direções dos outros equipamentos.

O pavilhão foi inaugurado posteriormente ao Parque, possuindo 57 mil metros quadrados de área coberta e a sua construção tem características totalmente opostas as previsões, não só em relação à escala, mas também em relação à integração com a paisagem circundante. Ele chega até os limites com a via e tem o espaço parcialmente fechado por painéis, não possui os conjuntos formados pela vegetação que deveriam conferir qualidades bucólicas ao entorno. As características estéticas e ambientais do paisagismo foram alteradas e, por conta disso, a frequência de uso também foi alterada pelo caráter temporário das atividades (TANURE, 2007). A Figura 18, a seguir, demonstra o que realmente foi construído no Parque do projeto de Burle Marx na Zona dos Estados.

Figura 18 – Zona dos Estados - projeto x construído.



Fonte: Tanure, 2007, p. 145.

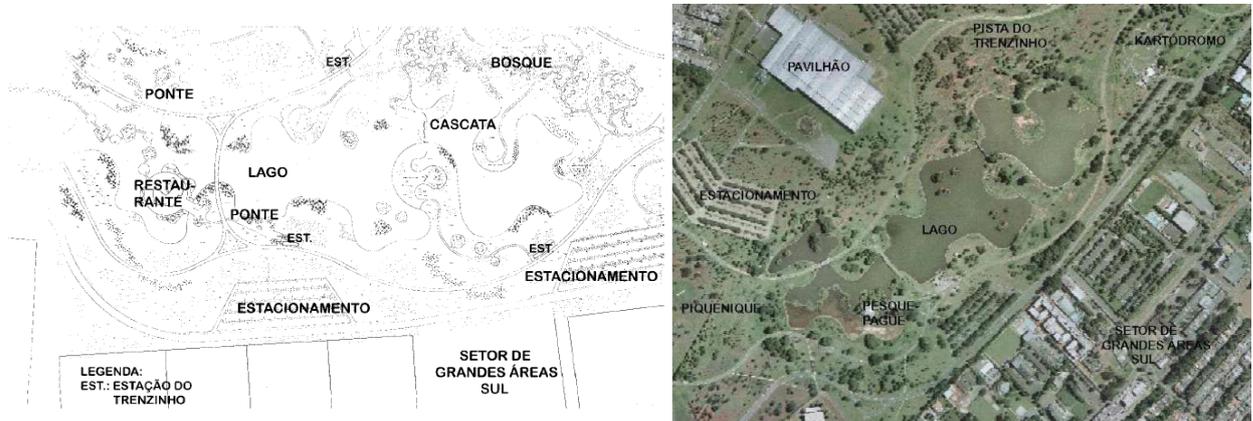
Zona do Lago

O desenho da forma do lago apresenta várias semelhanças com o projeto, como “as curvas que delimitam seu espaço, as pontes, a cascata e as ilhas presentes no seu interior, tendo em uma delas a edificação destinada ao restaurante” (TANURE, 2007, p. 149). O espaço destinado ao restaurante não teve essa atividade, mas sim um pesque-parque. A pavimentação das áreas de estar também não foi implantada, havendo gramados no lugar no lugar dos pisos, que são utilizados em alguns locais para banhos de sol pela população (TANURE, 2007).

A forma da vegetação foi outro aspecto que também não correspondeu às previsões. “No lugar dos conjuntos homogêneos há composições heterogêneas e espécies inseridas pontualmente, como no caso das palmeiras na beira do lago” (MARX, 1978 apud TANURE, 2007, p. 150). A autora explica que a vegetação foi destacada como um elemento importante

da configuração do Parque, e as alterações de forma desordenada das suas qualidades têm consequências negativas para a orientação dos pedestres e no potencial de atração dos espaços para o lazer. A Figura 19, a seguir, demonstra o que realmente foi construído no Parque do projeto de Burle Marx na Zona do Lago.

Figura 19 – Zona do Lago - projeto x construído.



Fonte: Tanure, 2007, p. 148.

Zona Cultural

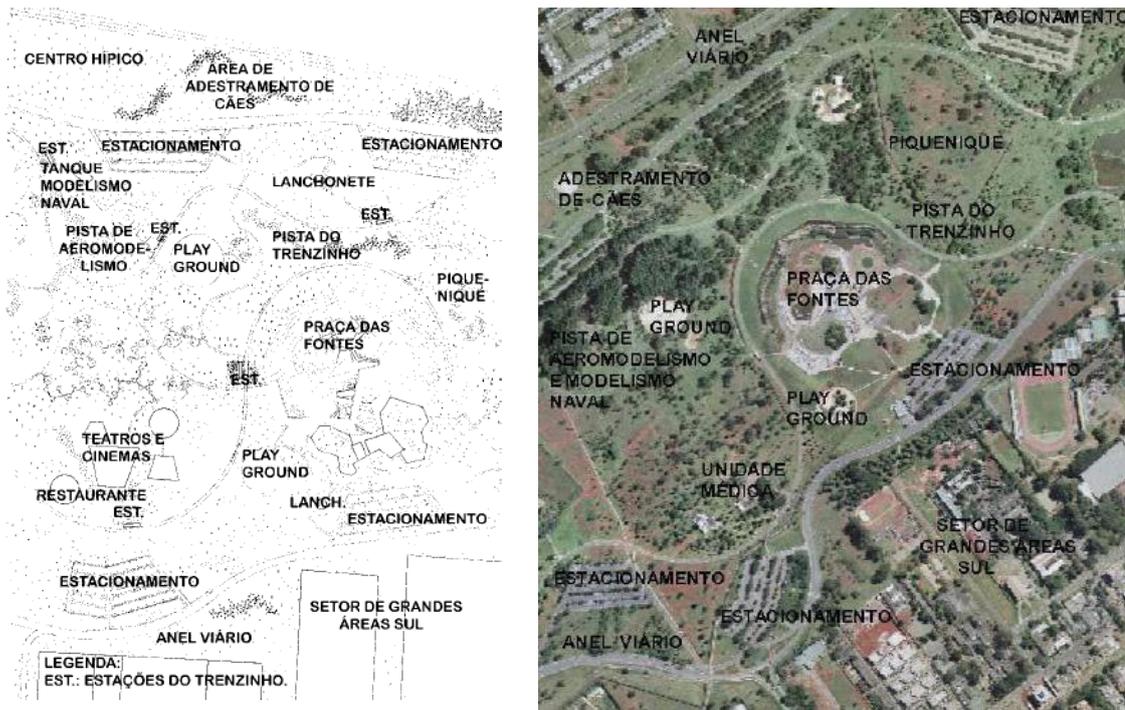
Tanure (2007) afirma que esta zona também possui alterações em relação às previsões do projeto original. “A Praça das Fontes apresenta correspondências em relação ao projeto, como a forma circular, as áreas de piso formando desenhos e os canteiros em desnível que fecham o espaço na parte interna” (TANURE, 2007, p. 153), no entanto, alguns detalhes e configurações como: o conjunto ripado e restaurante que deveria fazer o fechamento junto com a arborização não foi implantado. Esse fechamento ficou incompleto, deixando o campo de visão aberto justamente na entrada da praça, enquanto que do lado oposto à entrada, que leva aos outros equipamentos do Parque, os patamares colocados acabam por fechar o espaço desintegrando do seu entorno. A autora complementa:

“Ao sul da praça foram previstos os cinemas e os teatros em construção compostas por várias unidades, mas no local há uma única construção com placa da unidade médica do Corpo de Bombeiros (que não está funcionando). Dessa forma, a implantação eliminou equipamentos fundamentais para a zona como cultural, além dos caminhos de pedestres, as áreas de estar e a forma da vegetação também não correspondem as previsões. A área destinada aos piqueniques não apresenta a arborização prevista no projeto e os pisos e as áreas de estar não foram construídos. A falta de atrativos é evidente, logo o local permanece constantemente vazio. Além disso, esta área deveria estar integrada

ao *play ground* situado ao seu lado, mas uma vala para captação de águas pluviais criou uma barreira. A implantação do *Play Ground* corresponde às previsões, e ele contém vários equipamentos como escorregadores, balanços, gangorras e mesas” (TANURE, 2007, p. 155, 156).

A Figura 20, a seguir, demonstra o que realmente foi construído no Parque do projeto de Burler Marx na Zona do Cultural.

Figura 20 – Zona do Cultural - projeto x construído.



Fonte: Tanure, 2007, p. 152.

Zona Esportiva

Os equipamentos da zona esportiva foram divididos em três áreas: equipamentos na zona cultural, o kartódromo, as quadras esportivas e a piscina, essas últimas no sul do parque

Já os equipamentos previstos na zona cultural, a pista de aerodelismo, de modelismo naval, centro hípico, área de adestramento de cães, o *play ground* e as churrasqueiras, foram implantados na área prevista para eles. O Kartódromo também foi implantado na área prevista, mas está desativado. Estes equipamentos da zona esportiva foram implantados no bosque de pinheiros, a região tem um grande sombreamento, e o movimento de pessoas é freqüente nos finais de semana (TANURE, 2007).

Essas árvores foram plantadas antes da implantação do Parque e, após a implantação, os bosques passaram a abrigar os equipamentos. Devido a uma chuva em dezembro de 2005 houve o desabamento de cerca de cem árvores na área do Kartódromo. Com o desabamento

foram retiradas as seiscentos e cinquenta árvores que restaram do kartódromo em 2006 (*Jornal Correio Brasiliense*, 08 de fevereiro de 2006),

Tanure (2007) explica que as quadras esportivas estão na extremidade sul do Parque, entretanto elas deveriam estar inseridas em grandes praças arborizadas, mas esta parte do projeto não foi realizada. No lugar dos pisos há gramados, e sem os pisos a integração entre as áreas da zona esportiva foi prejudicada. Quanto à arborização, observa-se que a vegetação não forma os conjuntos previstos e o sombreamento é pontual.

As características urbanas da região situada no entorno da zona esportiva são diferentes daquela situada no entorno da zona da administração. Essa área possui no seu perímetro o Cemitério Boa Esperança, o bairro Sudoeste e o Setor de Grandes Áreas Sul, onde foram previstas igrejas e escolas (TANURE, 2007). O movimento é menor do na extremidade norte. Apesar da falta de integração do espaço interno do Parque e da carência de infraestrutura, a população utiliza o espaço, indicando o seu potencial para o lazer. A piscina com ondas também está nessa zona, correspondendo às previsões do projeto, apesar de alterações na sua forma.

A Figura 21, a seguir, demonstra o que realmente foi construído no Parque do projeto de Burle Marx na Zona Esportiva.

Figura 21 – Zona Esportiva - projeto x construído.



Fonte: Tanure, 2007, p. 157.

3.12.4. Importância no Meio Urbano e Legislativo

O objetivo deste item é expor a legislação vigente, e entender como ela impacta no meio urbano em que se insere o parque e compreender os alguns motivos por trás de diversos acontecimentos históricos do Parque Dona Sarah Kubitschek.

A Lei Complementar N° 265, de dezembro de 1999, dispõe que no Distrito Federal existem dois tipos de parque. De acordo com o art. 3° “os Parques do Distrito Federal classificam-se em Parques Ecológicos e Parques de Uso Múltiplo e constituem unidades de uso sustentável, instituídos pelo Poder Público, com objetivos e limites definidos”. O artigo 4° fala que “os Parques Ecológicos devem possuir áreas de preservação permanente, nascentes, olhos d’água, veredas, matas ciliares, campos de *murundus* ou manchas representativas de qualquer fitofisionomia do cerrado que abranjam, no mínimo, trinta por cento da área total da unidade”. Seus objetivos incluem:

- I – conservar amostras dos ecossistemas naturais;
- II – proteger paisagens naturais de beleza cênica notável, bem como atributos excepcionais de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica e histórica;
- III – proteger e recuperar recursos hídricos, edáficos e genéticos;
- IV – promover a recuperação de áreas degradadas e a sua revegetação com espécies nativas;
- V – incentivar atividades de pesquisa, estudos e monitoramento ambiental;
- VI – estimular o desenvolvimento da educação ambiental e das atividades de recreação e lazer em contato harmônico com a natureza.

Para os Parques de Uso Múltiplo, o art. 6° prevê que devem estar situados dentro de centros urbanos, ou contíguos a estes, em áreas de fácil acesso à população, predominantemente cobertas por vegetação, nativa ou exótica. Devem possuir ainda, infraestrutura para desenvolvimento de atividades recreativas, culturais, esportivas, educacionais e artísticas. De acordo com o art. 7°, os objetivos dos Parques de Uso Múltiplo:

- I – conservar áreas verdes, nativas, exóticas ou restauradas, de grande beleza cênica;
- II – promover a recuperação de áreas degradadas e a sua revegetação, com espécies nativas ou exóticas;

- III – estimular o desenvolvimento da educação ambiental e das atividades de recreação e lazer em contato harmônico com a natureza.

Ainda é disposto que é competência do Conselho Gestor dos Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo:

- I – aprovar os projetos de atividades de recreação, lazer, esporte, educação, cultura e arte a serem desenvolvidas nas zonas de atividades múltiplas dos parques;
- II – aprovar os planos de manejo;
- III – opinar sobre as atividades a serem desenvolvidas nas zonas de transição;
- IV – aprovar proposta de cobrança pelo uso de instalações e de serviços nos parques e o seu valor;
- V – opinar sobre propostas de convênios a serem firmados pelo Poder Público com vistas à implantação e conservação dos parques.

O Parque da Cidade de Brasília configura-se como Parque de Uso Múltiplo. Sua denominação como Parque Dona Sarah Kubitscheck, antigamente conhecido como Parque Recreativo Rogério Pithon Farias, se deu a partir da Lei nº 1.410/97. A mudança da denominação do parque infantil de Parque Recreativo Iolanda Costa e Silva para Parque Recreativo Ana Lídia Braga foi formalizada pela Lei nº 542/93. A Lei nº 1.261/96 dispõe sobre o uso e a preservação e na Lei nº 2.005, de 1998, é disposto sobre a criação do Programa de Preservação e Desenvolvimento de Atividades de Lazer do Parque. Outras duas leis importantes são: a Lei Complementar nº 84/98, que reserva área do parque para a instalação de centros de tradições regionais; e a Lei nº 2.315/99, que obriga a instalação, no parque, de unidade médica para primeiros socorros (GANEM; LEAL, 2000). Atualmente sua administração é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Turismo do Governo do Distrito Federal (GDF).

Segundo o documento técnico Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade, o paisagismo com base no plano original, possui as diretrizes que mais fogem do que foi inicialmente apresentado. Nos termos do plano, não foi cumprido de acordo com o projeto oficial, as especificações de espécies, porte e localização dos elementos vegetais.

São 5 as diretrizes formuladas inicialmente pelo plano de ocupação do parque:

- Com base nos decretos nº 11.236/88 e 14.783/93, existem espécies que se configuram como Patrimônio Ecológico do Distrito Federal e não podem ser derrubadas em áreas urbanas. Tais espécies conhecidas como arbóreoarbustivas que compõem a vegetação do cerrado, devem ter suas áreas de abrangência aumentada. Para que fique compatível com o projeto original.
- Espécies que não fazem parte do grupo especificado no projeto devem ter seu plantio evitado.
- Caso haja a falta de mudas correspondentes as especificadas, poderão ser substituídas por plantas com as mesmas características. Como indicado no projeto “mediante laudo emitido por profissional habilitado”.
- Como forma de manutenção do ambiente arborizado no parque, criar programa responsável por substituir as árvores mais antigas e em fase final, por outras para que não haja riscos e a arborização seja mantida.
- Locais indicados pelo projeto deverão ter uma maior densidade de vegetação implantados, conforme o projeto.

De acordo com o documento técnico Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade o sistema viário foi planejado considerando a interação entre as atividades disponibilizadas dentro do parque e a interação entre o parque e a cidade. Para que não ficasse isolado da cidade e sim em uma posição de bom acesso pela comunidade. No caso das vias que cercam a área do parque é sempre mantida a baixa velocidade. Para que de forma alguma as atividades do parque sejam prejudicadas pela intensidade do fluxo.

Com relação aos equipamentos, o documento técnico Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade os classificou de acordo com o seu propósito. Tais equipamentos abrangem várias modalidades, as quais são:

- EC - Equipamentos Culturais - Áreas destinadas a uso artístico e cultural como teatros, filmes, musicais, bibliotecas, museus e outros.
- EE – Equipamentos Esportivos – Áreas com finalidade esportiva como quadras, piscinas, pistas de patinação, área para musculação e outros.
- EA – Equipamentos de Uso Administrativo – São as instalações responsáveis pela gestão, manutenção e conservação do parque.
- ER – Equipamentos de Recreação e Lazer – Áreas de lazer e recreação como salões de boliche, parque de diversões e outros.

- MU – Equipamentos Multiuso – Espaços destinados a atividades sócias e filantrópicas, como exemplo a Escola para meninos e meninas de rua.
- PE – Pavilhão de Exposições – Área destinada a exposições e feiras comerciais e profissionais, congressos e eventos culturais diversos.
- ECA – Equipamentos de Consumo Alimentar – Áreas destinadas a restaurantes e lanchonetes que atendam a comunidade em geral.

Existem algumas melhorias a serem feitas como a consideração de equipamentos que foram previstos, mas não implantados como os da zona cultural. Como também a possibilidade de novas instalações esportivas que priorizem outros esportes ainda sem área no parque como a área para os skatistas. Por fim a possibilidade de novas áreas para a área alimentar ECA. O mapa das localizações dos equipamentos aqui expostos encontra-se no Anexo.

Com as várias intenções iniciais para o parque, buscou-se uma normatização para as atividades, de modo que fossem compatíveis e não interferissem no funcionamento umas das outras. Desse modo a atividades relativas a recreação, lazer e desporto amador se tornaram o principal foco parque. As outras atividades sendo vistas como complementares.

Os responsáveis pela determinação da ocupação tinham como princípio a manutenção do caráter do parque, portanto as áreas verdes prevalecem para que seja mantida a “configuração de um cinturão verde em volta do plano-piloto”. O ambiente do parque é propicio para os espaços abertos ao ar livre em preferência de construções fechadas. Sendo essa a situação, existe um limite de áreas ocupadas por construções terceirizadas. “O somatório das ocupações máximas das edificações dos equipamentos de uso público e das áreas ocupadas por edificações de atividades de exploração comercial por terceiros, tais como, restaurantes, lanchonetes e quiosques, não poderá ultrapassar o percentual de 2,5% (dois inteiros e cinco décimos por cento) do total da área da poligonal do Parque”. Foram estipuladas, assim como uma quantidade máxima de construções, as características de tais construções como altura das edificações também foram previamente estabelecidas. Da mesma forma foi feita uma definição dos equipamentos destinados a ocupação do parque.

3.12.5. Características e Zoneamento

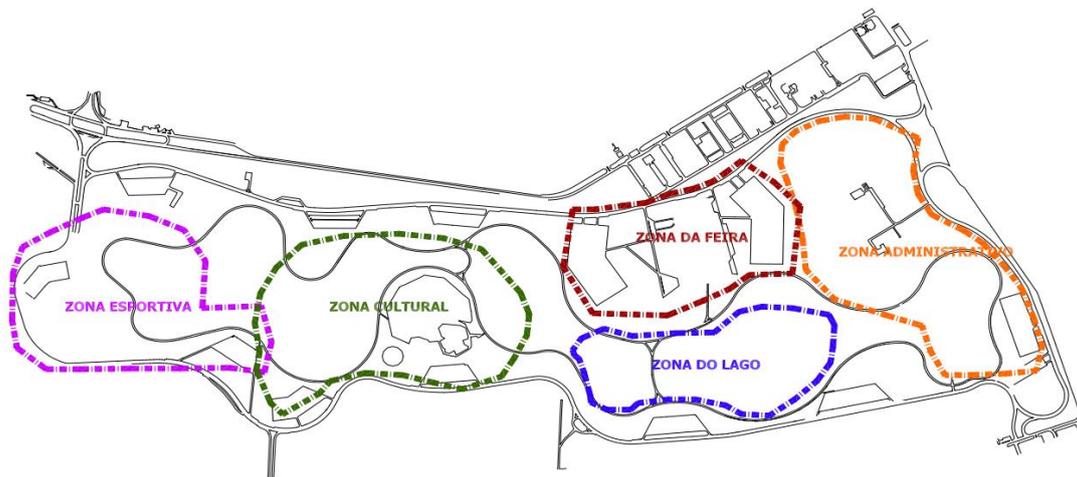
Para entender melhor a tipologia do parque, as escolhas que foram feitas em detrimento do ambiente que o parque foi inserido e sobre a separação de zonas previstas no projeto, serão abordados dados sobre essas propriedades. O Parque da Cidade apresenta característica de linearidade apesar de ter comprimento e largura avantajados. Seus espaços são predominantemente planos e possui vegetação em larga escala pertencente ao clima árido do cerrado. Além disso, o parque conta com um lago que fornece algumas atividades aos seus usuários. Existe uma via principal para os veículos circulando todo o perímetro do parque com estacionamentos que atendem o público durante todos os períodos. Os pedestres podem circular livremente por toda sua extensão e ainda conta com percursos próprios para o ciclismo.

O Parque da Cidade possui, inclusive, diretrizes estabelecidas para seu zoneamento, o Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (PUOC Pq), que divide o parque em cinco zonas (Figura 22), cada uma com sua atividade e assim explicitadas pelo PUOC Pq:

- A Zona Administrativa, que foi definida em função da implantação da sede da administração do parque e compreende espaços para orientação e atendimento ao visitante, ambulatório e algumas áreas de recreação coletiva;
- A Zona da Feira, que foi prevista para abrigar áreas para realização de eventos que já ocorriam de forma dispersa pela cidade, como festas dos estados, festa das nações, feiras temporárias, entre outros;
- A Zona do Lago, que teve como definição a criação de um lago, proposto em dois níveis, como decorrência do desnível existente, circundado por áreas para estar e piqueniques, e ilhas com plantas aquáticas;
- A Zona Cultural, que foi definida a partir de uma grande praça – a Praça das Fontes – integrada por restaurantes e ripado, envolta por um conjunto de áreas para estar e piqueniques, churrasqueiras, escadas d'água, repuxos e pequenos lagos, e pela vegetação de porte no seu entorno imediato;
- A Zona Esportiva, que foi dividida em três áreas relacionadas de acordo com cada característica das atividades esportivas.

Essas zonas dividem o parque em grandes extensões que acabam por incluir muitas atividades de modo amplificado. Por este motivo, para o presente trabalho foi feita uma fração maior de toda sua extensão. Para assim, analisar e limitar melhor as atividades de cada zona.

Figura 22 - Zoneamento do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek. Kubitschek.



Fonte:

Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade, 2019, p. 7.

3.12.6. Atividades e Usos

Para o acesso de carro o parque conta com 12 estacionamentos localizados no seu entorno que funcionam o dia todo gratuitamente para atender os moradores das localidades mais distantes do DF. Existem diversos caminhos no entorno e por dentro de sua extensão. É permitido o uso de bicicletas e existem alguns percursos exclusivos para ciclistas.

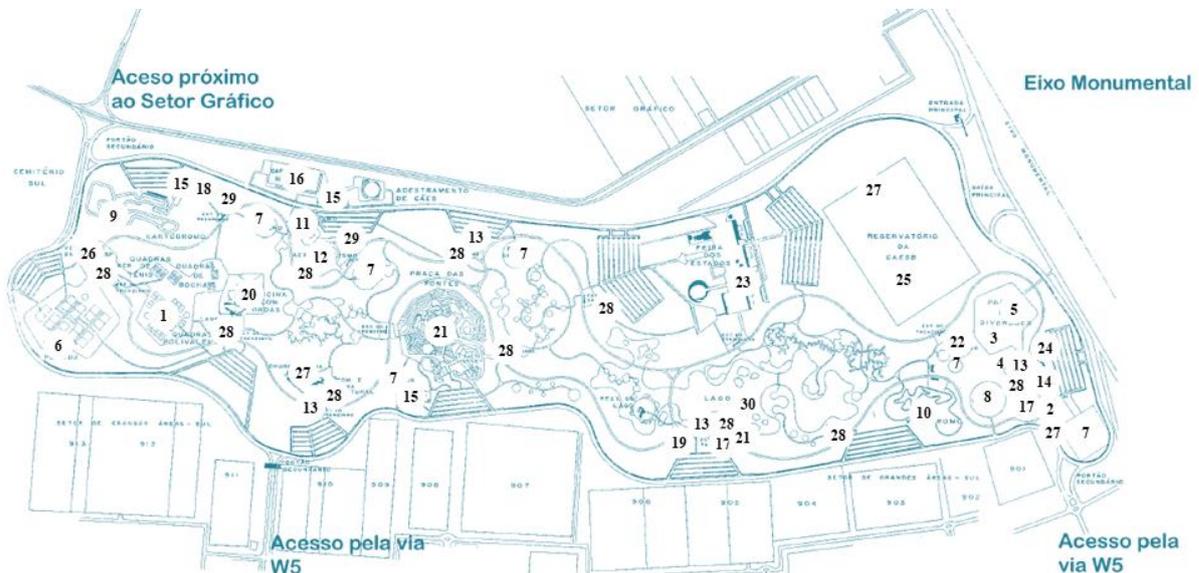
Possui um mobiliário extenso dedicado ao esporte como: quadras poliesportivas, quadras de areia e centro hípico. No quesito do lazer e diversão o espaço conta com: parques infantis, o parque de diversões Nicolândia, circuito de Kart, pedalinhos, tanque de modelismo naval, pista de patinação e playgrounds. Para a alimentação e serviços é possível encontrar: quiosque de Massagem, restaurantes, bares, quiosques de alimentação, churrasqueiras e bancas de jornal e revistas.

Para passeios culturais existem alguns exemplos como: o relógio solar, praças, o castelinho e pavilhão de exposições. Por fim, para o apoio do parque podemos contar com: a administração, a CAESB, os vestiários, o quiosque dos bombeiros e banheiros espalhados pelo parque.

Brasília apresenta bioclima de Cerrado. A vegetação disposta de maneira natural no território do parque é de sua maioria pertencente a este bioma, com algumas poucas espécies que são adaptadas. Essa particularidade climática interfere no uso e no público do parque. Sendo que no verão, as visitas no horário de meio dia são pequenas em algumas áreas, graças às altas temperaturas.

O lago do parque, onde o banho é desaconselhável, refresca e umidifica o espaço durante o verão, além disso, os visitantes também podem contar com a floresta de pinheiros, onde se encontram as churrasqueiras e o ambiente é mais agradável por causa das sombras. No inverno o número de visitas torna-se instável, dependendo exclusivamente da chuva no local. A Figura 23, a seguir, ilustra a localização das atividades do local.

Figura 23 - Atividades do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



LEGENDA

- | | | |
|---|----------------------------------|------------------------------|
| 1 - Quadras poliesportivas | 11 - Tanque de modelismo naval | 21 – Praças |
| 2 - Quadras de areia | 12 - Pista de patinação | 22 - Castelinho |
| 3 - Quadras de tênis | 13 - PECs | 23 - Pavilhão de exposições. |
| 4 - Quadras de bocha | 14 - Quiosque de Massagem | 24 - Administração |
| 5 - Quadras de vôlei | 15 – Restaurantes/ Bares | 25 - Reservatórios da CAESB |
| 6 - Campos de futebol | 16 - Centro hípico | 26 - Escola |
| 7 - Parques infantis | 17 - Quiosques de alimentação | 27 - Bombeiros/ Polícia |
| 8 - Parque de diversões Nicolândia | 18 - Churrasqueiras | 28 - Banheiros/ Vestiários |
| 9 - Circuito aberto de Kart - bicicletas, patins e skates | 19 - Bancas de jornal e revistas | 29 - Bosque de pinheiros |
| 10 - Carrera Kart | 20 – Piscina de Ondas | 30 – Pedalinhos |

Fonte: Arquivo pessoal, 2019, p. 179.

3.12.7. Equipamentos e Mobiliários Urbanos

O parque da Cidade possui uma variada gama de equipamentos e mobiliários urbanos disponibilizados para a população. Porém, os equipamentos, dos quais estão dispostos por toda a extensão do parque, encontra-se em sua maioria desativados. São equipamentos e mobiliários como:

- | | | |
|----------------------------|---------------------------------|---|
| - Quadras poliesportivas | - Praça Eduardo e Mônica | - Circuitos inteligentes |
| - Parque Ana Lúcia | - Piscina de ondas | - Quadras de areia |
| - Carreira Kart | - Praça das Fontes | - Circuito de Kart |
| - Nicolândia | - Castelinho | - Pedalinho |
| - Centro Hípico | - CAESB | - Administração |
| - Quiosque de Massagem | - Pavilhão de exposições | - Vestiário |
| - Restaurante Gibão | - Escola | - Memorial Chico Mendes - Biblioteca do IBRAM |
| - Restaurante Alpinus | - Ponto de Encontro Comunitário | - Quiosque dos Bombeiros |
| - Bar Pirraça | - Fonte Sonora | - Pista de patinação |
| - Bar Barulho | - Playgrounds | - Tanque de Modelismo Naval |
| - Quiosques de alimentação | - ParCão | - Banheiros |
| - Estacionamentos | - Grupo de escoteiros | - Bar Ponto do Sol/ bicicletário |
| - Churrasqueiras | - Bancas de jornal e revistas | |
| - Relógio Solar | | |

Segundo a equipe de topografia da Administração Regional de Brasília - RA-I, foram levantados, em 2001, os equipamentos de uso público comunitário existentes; os mobiliários urbanos utilizados com atividades de exploração comercial de apoio; os circuitos inteligentes e pontos de encontro comunitário implantados no Parque, dentre outros. Esses equipamentos e mobiliários foram reunidos e avaliados um por um em todo o território do Parque Dona Sarah Kubitschek. Para a presente pesquisa, foram realizadas algumas atualizações a partir das observações realizadas no local. O recolhimento de dados foi realizado a partir de visitas técnicas realizadas no local no período de 2018 a 2019.

O quadro 11, a seguir, informa sobre as atividades existentes no parque, com informações atualizadas sobre a situação ativa ou não ativa, o tipo de uso, a quantidade e a localização aproximada no parque. O quadro foi baseado no diagnóstico do Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade, realizado no ano de 2001.

Quadro 11 - Atividades e serviços existentes no Parque da Cidade – 2019.

Legenda	Equipamento	Localização	Ativo/ Inativo	Quantidade	Tipo de Uso
1	Quadras poliesportivas	Próximo ao estacionamento 6	Ativo	32	Esporte
2	Parque Ana Lúcia	Próximo ao estacionamento 12	Ativo	-	Recreação
3	Carreira Kart	Próximo ao estacionamento 10	Ativo	-	Recreação
4	Nicolândia	Próximo ao estacionamento 12	Ativo	-	Recreação
5	Centro Hípico	Próximo ao estacionamento 4	Ativo	-	Esporte
6	Quiosque de Massagem	Dispersos pelo parque	Ativo	10	Serviço
7	Restaurante Gibão	Próximo ao estacionamento 4	Ativo	-	Serviço
8	Restaurante Alpinus	Próximo ao estacionamento 5	Ativo	-	Serviço
9	Bar Pirraça	Próximo ao estacionamento 9	Ativo	-	Serviço
10	Bar Barulho	Próximo ao estacionamento 11	Ativo	-	Serviço
11	Quiosques de alimentação	Dispersos pelo parque	Ativo	-	Serviço
12	Estacionamentos	Dispersos pelo parque	Ativo	13	Estacionamento
13	Churrasqueiras	Próximo ao estacionamento 4	Ativo	-	Serviço
14	Relógio Solar	Próximo ao estacionamento 2	Ativo	-	Obra de arte
15	Praça Eduardo e Mônica	Próximo ao estacionamento 10	Inativo	-	Área de lazer
16	Piscina de ondas	Próximo ao estacionamento 7	Inativo	-	Recreação
17	Praça das Fontes	Próximo ao estacionamento 9	Inativo	-	Obra de arte
18	Castelinho	Próximo ao estacionamento 13	Ativo	-	Recreação
19	CAESB	Próximo ao estacionamento 1	Ativo	-	CAESB
20	Pavilhão de exposições	Próximo ao estacionamento 1/2	Ativo	-	Serviço
21	Escola	Próximo ao estacionamento 6	Ativo	-	Multiuso
22	Ponto de Encontro Comunitário	Dispersos pelo parque	Ativo	5	Esporte
23	Fonte Sonora	Próximo ao estacionamento 2	Inativo	-	Obra de arte
24	Playgrounds	Dispersos pelo parque	Ativo	-	Recreação
25	ParCão	Próximo ao estacionamento 6	Ativo	-	Recreação
26	Grupo de escoteiros	Próximo ao estacionamento 3	Ativo	-	Multiuso
27	Bancas de jornal e revistas	Próximo ao estacionamento 10	Ativo	1	Serviço
28	Circuitos inteligentes	Dispersos pelo parque	Ativo	4	Esporte
29	Quadras de areia	Dispersos pelo parque	Ativo	6	Esporte
30	Circuito de Kart	Próximo ao estacionamento 5	Inativo	-	Esporte
31	Pedalinho	Próximo ao estacionamento 10	Inativo	-	Recreação
32	Administração	Próximo ao estacionamento 13	Ativo	-	Administração
33	Vestiário	Próximo ao estacionamento 13	Ativo	-	Vestiário
34	Memorial Chico Mendes - Biblioteca do IBRAM	Próximo ao estacionamento 13	Ativo	-	Multiuso
35	Bombeiros/ Polícia	Dispersos pelo parque	Ativo	3	Serviço
36	Pista de patinação	Próximo ao estacionamento 4	Ativo	-	Esporte
37	Tanque de Modelismo Naval	Próximo ao estacionamento 4	Inativo	-	Esporte
38	Banheiros	Ao longo da pista de cooper	Inativo	16	Serviço
39	Bar Ponto do Sol/ bicicletário	Próximo ao estacionamento 8	Inativo	-	Serviço/ Esporte

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

3.12.8. Conservação e Manutenção

A administração do parque é atualmente de responsabilidade da Secretaria de Turismo Federal. Outrora era incumbência do Governo e outros órgãos distritais, mas como a manutenção dessa gestão não satisfazia a demanda do parque, a Secretaria de Turismo assumiu o cargo, afirma Araujo (2016). A nova administração ainda está em processo de restauração do Parque, pois muitas áreas encontram-se deterioradas. A iluminação é insuficiente, a vegetação fica descuidada e alcança tamanhos de mais de um metro, ocupando calçadas e outros locais de permanência, equipamentos e banheiros estão depredados, além do lixo que acaba acumulado por quase todo o parque.

Em 2019, foi realizado no parque um conjunto de revitalizações e reformas na parte elétrica e hidráulica, pintura de equipamentos, poda e desentupimento da tubulação externa, entre outros. O trabalho de reforma e recuperação do Parque da Cidade está sendo realizado em parceria com a Secretaria de Justiça e Cidadania, Serviço de Limpeza Urbana (SLU), CEB, Caesb e Novacap, caracterizando uma gestão de manutenção pública.

A manutenção de um parque representa grandes desafios, por sua individualidade mutável. Ao eliminar a manutenção de um parque ele pode rapidamente entrar em estado de abandono (CORNER in Large Parks, 2007). Quando isso acontece, os parques se tornam local de uso ilícito e de violência, por isso que a participação dos cidadãos é um elemento indispensável para uma boa manutenção dos espaços verdes. (FALCÓN, 2007). Os parques, afinal, não são simplesmente lugares naturais ou encontrados, são construídos e projetados.

A vegetação deve ser bem adaptada ao clima em que se insere, e uma das características mais importantes a serem levadas em conta no momento da escolha das plantas, para compor o paisagismo, do parque é o consumo de água, visto que ela é essencial para o desenvolvimento e manutenção dos parques e praças. . O controle do consumo de água deve levar em consideração o total de área verde, a superfície cultivada, pluviometria média e o consumo de água do solo e de árvores. Esse levantamento é essencial para a manutenção, uma vez que em alguns casos necessitam de irrigação superficial (FALCÓN, 2007).

Segundo Albuquerque (2008), outros dois aspectos importantes para a projeção de ambientes verdes: é que ele tenha benefício social e ambiental e que as necessidades de recursos (econômicos, materiais e naturais) sejam mínimas. Esse segundo aspecto pode ser resolvido ao utilizar um planejamento sustentável fundamentado na escolha de espécies

vegetais que precisam de pouca manutenção, assim como na escolha dos elementos construtivos e do mobiliário urbano (FALCÓN, 2007).

Portanto, é necessário frisar que, a estrutura de um parque é baseada no conjunto de três aspectos principais: o ecológico, o social e o econômico, juntos eles oferecem oportunidades de sustentabilidade, gerenciamento, planejamento e manutenção de parques (CZERNIAK; HARGREAVES; CORNER, 2007 apud ALBUQUERQUE, 2008). Desde sua concepção, o projeto do espaço deve preservar os recursos naturais, intensificar a biodiversidade, o seu uso social e permitir uma gestão e manutenção equilibrada. Esses critérios devem estar presentes desde o início do projeto, ao determinar as espécies vegetativas, ao proporcionar acessibilidade para todos, na construção de obras de infraestrutura e na escolha de um mobiliário que seja ecologicamente eficiente (FALCÓN, 2007).

O mobiliário urbano é outro aspecto importante, pois deve levar em consideração as características como sustentabilidade e durabilidade do material, visto que esse mobiliário estará sujeito à intempéries. Assim como todo o conjunto do parque, o mobiliário urbano deve atender a normas mínimas, tais como a acessibilidade (FALCÓN, 2007).

Existem três principais tipos de administração que um parque ou jardim pode possuir: gestão pública, gestão privada e gestão público-privados. Na gestão pública as manutenções são de inteira responsabilidade do governo ou do órgão governamental por qual o espaço urbano está atribuído. Tem como função gerir, administrar de forma ética, técnica e transparente a coisa pública, em consonância com as normas legais e administrativas vigentes. a administração pública é a atividade concreta e imediata que o Estado desenvolve para a consecução dos interesses coletivos, sob regime jurídico de direito público. Neste sentido, a administração pública compreende atividades, como intervenção, de fomento e o serviço público.

A gestão privada refere-se a toda administração promovida pelo setor privado (empresas). Diferentemente do setor público, a gestão privada oferece uma flexibilidade objetiva e inibe a morosidade que muitas vezes o serviço público possui. Ela cria mecanismo de melhora de atendimento e reconhecimento dos profissionais que contribuem para o serviço

Nas Parcerias Público-Privada (PPP) existe um contrato pelo qual o parceiro privado assume o compromisso de disponibilizar à administração pública ou à comunidade certa utilidade mensurável mediante a operação e manutenção de uma obra por ele previamente projetada, financiada e construída. Em contrapartida há uma remuneração periódica paga pelo Estado e vinculada ao seu desempenho no período de referência.

Em Londres, de acordo com Araujo et al. (2016), a gestão de manutenção é feita por uma empresa terceirizada, Royal Parks. Todas as operações de manutenção dos parques são geridas e orientadas por equipes contratadas pela Royal Parks. Os serviços de manutenção da paisagem incluem: a conservação da horticultura (excluindo o trabalho relacionado às árvores); coleta de lixo; varredura de estradas e caminhos; limpeza; ranger; inspeção dos parques infantis; e escavações das covas no Brompton Cemetery.

Os parques de maior movimento e que realizam mais eventos, como o St. James e o Hyde Park precisam de uma manutenção mais intensa. E um dos benefícios da contratação de empresas externas é o investimento que essas empresas fazem em equipamentos de manutenção mais novos e eficientes, como os veículos elétricos, que permitem um elevado padrão de apresentação dos parques.

Em Madrid, no *Parque El Retiro* durante todos os dias, é realizada a manutenção e conservação do paisagismo, da iluminação, do saneamento, da segurança e limpeza. Desde 2014, a maior parte dos 118 hectares do parque é gerida de forma integral por cerca de 100 trabalhadores de uma empresa terceirizada (ALBUQUERQUE, 2008). Embora, parte das atividades de jardinagem e manutenção é compartilhada com trabalhadores municipais.

A prefeitura de Madrid confinou serviços de conservação integral, jardinagem, limpeza, segurança, mobiliário urbano, redes de iluminação e saneamento, irrigação e fontes ornamentais às empresas especializadas. A autora explica que a aplicando sua política de qualidade, meio ambiente e sustentabilidade, como o uso de máquinas e veículos elétricos para minimizar as emissões de CO₂ e ruído, a administração do parque faz com que seja mantida a manutenção de forma ecológica e eficiente.

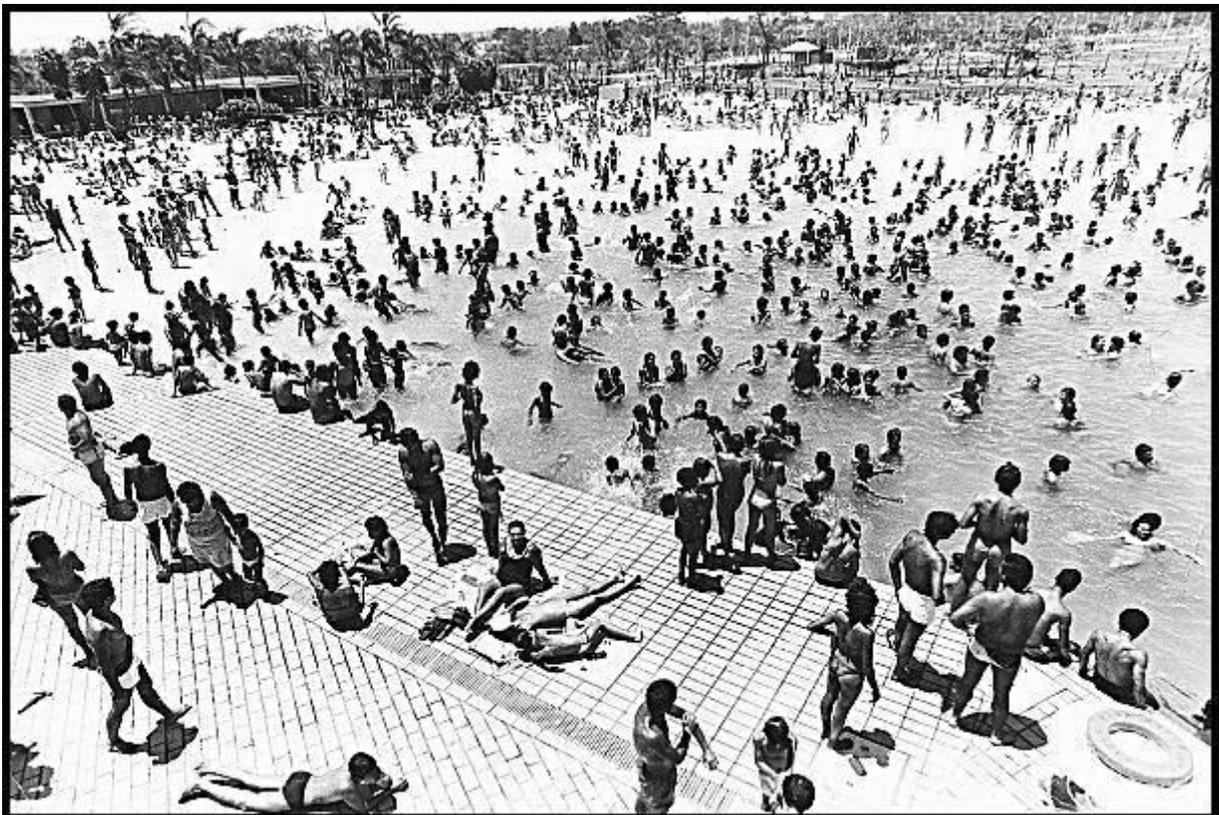
A empresa desenvolveu um software para monitorar indicadores de qualidade. Através desse monitoramento online, obtêm-se informações como: o comprimento da grama ou a qualidade da água das fontes ornamentais. Também é utilizada uma ferramenta de gestão, que se aplica a áreas verdes para controle de custos e recursos (ALBUQUERQUE, 2008). A

autora conta que um dos pontos fortes da gestão da empresa é o uso eficiente da água por sistema de irrigação por telegestão e automação centralizada em um computador. Esse sistema possibilita o controle, a partir de um dispositivo com acesso à Internet, de água, poupando custos e tempo.

O Parque da Cidade de Brasília possui uma administração pública que cuida de toda a manutenção e reparos que acontecem no território do parque. Apesar de haver uma manutenção, os períodos em que são feitos esses serviços não são o bastante para conseguir evitar que o parque esteja se deteriorando. Com poucos recursos, a administração parece estar sempre um passo atrás da degradação que o parque sofre.

Porém recentemente, em 2019, a administração do Parque Dona Sarah Kubitschek, promoveu um novo uso para alguns locais do parque abandonados, como o bicicletário e o edifício da Piscina de Ondas. O edifício de piscina de ondas, era um espaço destinado para o lazer e sucesso nos anos 80 e 90 (Figura 24), tornou-se, quando foi abandonada em 1997, reduto de lixo e focos de mosquito da dengue (Figura 25).

Figura 24 - Piscina de Ondas no seu auge na década de 80.

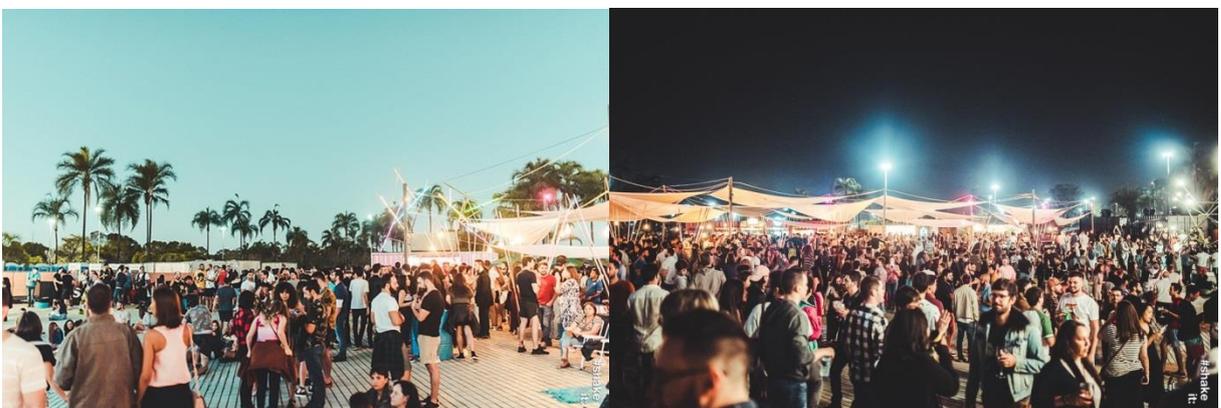


Fonte: www.raioxdf.com.br, acesso em 2019.

Figura 25 - Piscina de Ondas, desativada.

Fonte: Jornal Correio Brasiliense - Foto tirada por Breno Fortes, 2018.

Porém em julho de 2019, de acordo com a secretaria, o local foi movimentado para receber a festa “A volta aos anos 80” e estrelou no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, com o filme “Casa de praia”, de Duda Affonso, selecionado para a Mostra Brasília (Figura 26). Esses eventos que deram diferentes significações de uso para um edifício que estava inutilizado apresentam uma nova perspectiva e um panorama onde o espaço pode ser revivido se as mudanças certas forem feitas.

Figura 26 - Evento Cine Piscina do programa Ocupação Contém, em julho de 2019.

Fonte: Jornal G1 – DF. 2019.



4.

DESENVOLVIMENTO

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. Diagnóstico da Realidade atual do Parque da Cidade de Brasília (2018-2019)

Atualmente o parque possui algumas áreas com pouco fluxo de pessoas. A situação dessas áreas é causada principalmente por parte da entidade responsável pela manutenção do parque e pela infraestrutura e atividades que a área carece. Por não haver uma diligência com as demandas do público, muitos visitantes acabam deixando de frequentar esses lugares. Foram consideradas áreas ativas aquelas que possuem alguma atividade de fluxo de pessoas interessadas em permanecer e utilizar do espaço de parque. As áreas consideradas inativas foram consideradas as que não possuem atividades e infraestrutura, por isso o fluxo é passageiro ou nulo.

4.1.1. Áreas do Parque

O parque foi dividido em 12 áreas a partir de seus estacionamentos, sendo que um dois deles foram unidos por conta de sua proximidade. A divisão pode ser observada na Figura 27 a seguir:

Figura 27 - Divisão de área do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek - Brasília.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 01

A Área 01 (Figura 28) engloba as caixas d'água da CAESB, se trata de um lote registrado pelo GDF e pertencente à empresa CAESB. O reservatório de água serve para o abastecimento de parte do Plano Piloto de Brasília.

Figura 28 - Área 01 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O espaço serve para o uso da CAESB. Uma ampla área onde situam-se as caixas d'águas que abastecem parte da Asa Sul. Apesar de o estacionamento servir de acesso para a área designada à empresa, ele serve como estacionamento extra para o Expocenter, nos momentos de grandes exposições ou eventos que reúnem muitos visitantes. A empresa CAESB também possui os próprios estacionamentos internos.

Próximo as Caixa d'águas da CAESB, fica o 2º Regimento de Polícia Montada, responsável por policiar a área do parque urbano e de alguns espaços do centro do Plano Piloto. Além disso, a polícia atua em operações de choque montado, atuando em terreno de lugares onde as viaturas não conseguem acessar.

As primeiras visitas na Área 01 revelaram que o espaço não possui atratividade e a sua vegetação é rarefeita. Por este motivo, atualmente o estacionamento é utilizado para encontros românticos, além de, eventualmente, servir como ponto de troca de narcóticos. A maior parte das fotos reunidas foi próxima ao estacionamento, que configura o local de chegada e permanência dos visitantes nessa área.

Em geral a área apresenta vegetação rasteira, poucas árvores de porte médio e a maioria das árvores estão secas. O microclima local é desagradável para a maior parte do público que procura o parque para o passeio. Os elementos térmicos como água são inexistentes e a vegetação arbórea é pouca e dispersa, fornecendo baixo sombreamento.

Não existem abrigos que forneçam proteção contra intempéries e nem pontos que possibilitem pausas rápidas. Não existem atividades para prática de exercícios nem para o entretenimento. O espaço é carente de estabelecimentos os equipamentos de atividades que promovam a permanência do público. Não existem quiosques que forneçam bebida ou comida.

As visuais são constituídas praticamente pelo próprio espaço, não possuindo obras de arte ou arquitetura visitável. O local se torna silencioso, os sons que podem ser identificados são apenas o do movimento de automóveis nas vias, que são poucos, e o da própria natureza, como o balançar das folhas pelo vento e os animais.

A carência de segurança nessa área é visível graças à falta de policiamento, ao fluxo inexistente do público e às atividades ilícitas praticadas no local. A iluminação é pobre o que favorece os delitos durante a noite. Quando há feira ou exposições elas tendem a não estender seus horários durante a noite porque os estacionamentos e os ambientes próximos ficam quase todos na escuridão.

Não há equipamentos como bancos, banheiros ou chuveiros, porém existem lixeiras. As lixeiras possuem separação de tipos de lixo e a condições da maioria é boa. Não existe um espaço de permanência e planejado para a permanência do público visitante. A acessibilidade fornece acesso apenas ao Expocenter e a manutenção deixa a desejar, até mesmo no asfalto do estacionamento. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 12).

Quadro 12 - Quadro de imagens da Área 01 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 01 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Estacionamento 01	2 – Caminho para o Expocenter
3 – Estacionamento 01	4 – Vegetação morta
5 – Entrada do estacionamento	6 – Vegetação isolada

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 02

A Área 02 (Figura 29) engloba a Fonte Sonora e o Expocenter ou Expobrasília, antigo Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade. Atualmente é considerado um dos maiores pavilhões cobertos do Brasil (55.000 m²), para sediar feiras, exposições, shows, congressos e seminários.

Há também um anfiteatro com capacidade para 1,3 mil pessoas, equipado com camarins, banheiros, sala de apoio e palco. Um auditório com capacidade para 306 pessoas, salas para administração de eventos e dois estacionamentos privados com capacidade para quatro mil veículos. A foto, a seguir foi retirada de um satélite no ano de 2019, ela ilustra melhor como é a área estudada.

Figura 29 - Área 02 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As primeiras visitas na Área 02 revelaram que o espaço possui como principal atratividade o pavilhão Expocenter. Por isso as fotos reunidas em geral foram próximas ao estacionamento do pavilhão, que configura o local de chegada dos visitantes nessa área.

Em geral a área apresenta grandes partes de vegetação rasteira com algumas árvores mortas. O Microclima local é não agradável para a maior parte do público que procura o parque para o passeio. Não existem elementos térmicos como água e a vegetação arbórea é pouca e dispersa, fornecendo baixo sombreamento.

Os abrigos e pontos de pausas rápidas, existentes são desagradáveis à permanência. Não há atividades para prática de exercícios nem para o entretenimento. Não existem quiosques que forneçam bebida ou comida. A atração principal é o ambiente de exposição que eventualmente se abre para o público. De forma geral, para o dia a dia, o local não possui estabelecimentos que proporcionem o interesse do público para a permanência.

As visuais são constituídas praticamente pelo próprio espaço, não possuindo obras de arte ou arquitetura visitável. O local, quando não há exposições ou eventos, caracteriza-se como silencioso, os sons que podem ser identificados são apenas o do movimento de automóveis nas vias e o da própria natureza, como o balançar das folhas pelo vento e os animais. Existe uma carência de segurança nessa área graças fluxo inexistente do público na maior parte do tempo.

O local também não possui policiamento ou boa iluminação, o que torna propício à prática de atividades ilícitas. Como o local não possui uma atividade de grande interesse para o público, o espaço se encontra na maioria dos dias vazio. Isso propicia um ambiente inseguro por não haver vigia que consiga abranger toda sua extensão. Porém, nos períodos de exposição e feiras, o local fica muito mais ativo, porém, como a iluminação é precária, não é indicada a permanência no local durante as noites.

Não há equipamentos como bancos, lixeiras, banheiros ou chuveiros. Não existe um espaço que estimule a convivência entre as pessoas e a permanência delas. A acessibilidade fornece acesso apenas ao Expocenter e as condições não são as mais favoráveis. A manutenção, também, deixa a desejar, no asfalto do estacionamento e nas calçadas. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 13).

Quadro 13 – Quadro de imagens da Área 02 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 02 - vista aérea com a localização das fotos	
	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
	
1 – Estacionamento 02	2 – Degradação do asfalto do Estacionamento 02
	
3 – Vegetação morta e isolada	4 – Vista da ponte do lago do parque
	
5 – Entrada para o estacionamento próprio do Expocenter	6 – Abrigo/ponto de parada

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 03

A Área 03 (Figura 30) engloba parque infantil e o Grupo Escoteiro José de Anchieta da 11ª da Região do Distrito Federal da União dos Escoteiros do Brasil. O grupo foi fundado em 1977 e funciona há mais de 20 anos dentro do Parque da Cidade Sarah Kubitschek. As reuniões acontecem aos sábados, das 14:30h às 17:30h. Atua com jovens de 7 a 21 anos e adultos voluntários. Além disso, existe um grande parquinho infantil com escorregadores.

Figura 30 - Área 03 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As atividades realizadas pelos integrantes do Grupo Escoteiro José de Anchieta (GEJA) incluem tanto as atividades internas da sede, como também atividades externas (ou especiais) como, por exemplo, acampamentos, excursões, visitas a outros grupos, atividades regionais, nacionais ou internacionais. Além disso, o grupo já foi responsável por revitalizar a Praça Central da Estrutural em setembro de 2019. O espaço localizado no Parque Dona Sarah Kubitschek representa uma grande aquisição para o grupo e se mantém ativo.

A partir das primeiras visitas na Área 03 foi possível notar que o espaço próximo à sede GEJA estava limpo e bem cuidado. As vias e alguns equipamentos de ginástica ao ar livre estavam em boas condições. A principal atividade, além do grupo de escoteiros, é o parquinho infantil.

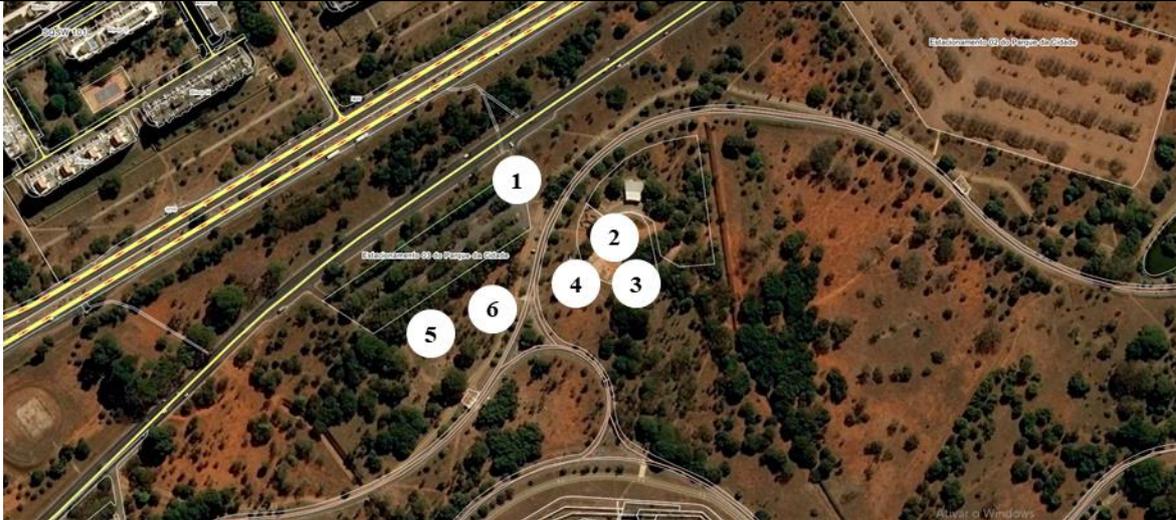
É possível notar que a sua vegetação tem densidade característica de agrupamento rarefeito. A maioria das árvores era de médio porte, existindo apenas algumas poucas com o porte grande. Por este motivo, apenas alguns os espaços que possuem árvores de grande porte, fornecem um sombreamento que proporciona um conforto térmico mais agradável. A água não estava presente na área. Os abrigos e pontos de pausas rápidas, existentes não fornecem proteção às intempéries de forma agradável. Além disso, é possível notar que existiam bancos e pequenas mesas, provavelmente planejadas para crianças, abaixo de árvores. Porém, atualmente eles encontram-se degradados e depredados, de forma que não é possível usá-los.

Como atividades, além da base do Grupo Escoteiro José de Anchieta, o local disponibiliza um parque infantil. Para a prática de exercícios existe um pequeno espaço de academia ao ar livre. Porém, de forma geral, a área é moderadamente carente de estabelecimentos e equipamentos de atividades que promovam o entretenimento e a permanência do público. Não existem quiosques de bebidas ou comidas, próximos às atividades fornecidas pelo espaço.

No quesito de visuais a área apresenta algumas obras de arte como arquitetura visitável. Algumas placas de concreto com ilustrações localizam-se em frente ao GEJA. O local na maior parte do tempo caracteriza-se como silencioso, apenas o movimento de automóveis nas vias e o da própria natureza, como o balançar das folhas pelo vento e os animais. Geralmente nas sextas-feiras e finais de semana, quando são executadas as atividades dos escoteiros e algumas crianças ocupam o parquinho, os sons formam uma pequena balbúrdia.

O local apresenta a passagem regular de poucos pedestres e ciclistas. A questão da segurança não é tão precária, pois é possível notar policiamento ocasionalmente. A iluminação não é adequada, por isso, não é recomendável atividades durante a noite. As calçadas, o parquinho infantil, os bancos e lixeiras encontram-se em condições degradadas. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 14).

Quadro 14 - Quadro de imagens da Área 03 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 03 - vista aérea com a localização das fotos	
	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
	
1 – Vegetação de agrupamentos rarefeitos	2 – parque infantil degradado e abandonado
	
3 – Parque infantil degradado	4 – Bancos e mesas degradados
	
5 – Placas de concreto com ilustrações	6 - Grupo Escoteiro José de Anchieta

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 04

A Área 04 (Figura 31) engloba playground de areia, pista de patinação, bosque das cerejeiras, restaurante Gibão Carne de Sol, tanque de modelismo naval, centro hípico e um bosque de pinheiros com algumas mesas e churrasqueiras.

Figura 31 - Área 04 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Uma das maiores demandas da administração do Parque Dona Sarah Kubitschek é a recuperação e modernização dos parques infantis (playgrounds), especialmente os localizados nas proximidades da área do Estacionamento nº4, com vistas à inclusão de portadores de necessidades especiais. Para a criação de bosques, e dos espaços de sombreamento, foi especificado o uso de vegetação de folhagem perene, aquelas que se caracterizam pela durabilidade da sua folhagem, em contraposição às de folha caduca. As perenifólias mantêm-se verdes durante todo o ano, de forma a constituir áreas com condições ambientais adequadas a essas funções.

As primeiras visitas na Área 04 revelaram que o espaço possui como principal atratividade o Bosque de Pinheiros. Por isso as fotos reunidas foram próximas a essa atratividade, que configura o centro de interesse dos visitantes nessa área. Em geral a área apresenta vegetação de agrupamentos densos com algumas atividades. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 15).

A vegetação tem densidade característica de agrupados densos principalmente no bosque de pinheiros. A maioria das árvores ao redor é de médio porte, apenas os bosques possuem árvores de porte grande. As áreas com árvores de porte grande fornecem uma ampla área de sombreamento que proporciona um conforto térmico mais agradável, atraindo o público de forma efetiva. Não existe presença de água.

Não existem muitos abrigos e pontos de pausas rápidas, e os que existem, não fornecem proteção às intempéries de forma agradável. Na área dos bosques existem alguns bancos. Muitos destes acentos encontram-se degradados e não são eficientes e confortáveis. De forma geral, o local não possui um espaço de convivência propício para a permanência do público. As calçadas, os bancos e lixeiras em geral precisam de manutenção.

As atividades existentes são principalmente o restaurante Gibão Carne de Sol, o centro hípico e o bosque de pinheiros. Para a prática de exercícios e lazer existe um espaço para patinação e um parquinho infantil para crianças. Por ser uma área tão grande, é possível ponderar na adição de novos equipamentos de atividades que promovam o entretenimento e a permanência do público. E apostar em melhorias para melhor atender suas demandas.

No quesito de visuais a área aposta no bosque de pinheiros. A vastidão de vegetação configura a área um espaço de contemplação espacial, com estímulos, visuais, auditivos e olfativos. O local durante a semana de trabalho é silencioso, apenas o movimento de automóveis nas vias, o da natureza, como o balançar das folhas pelo vento e os animais. Quando o espaço está cheio, é possível ouvir os sons das pessoas, realizando atividades como piquenique, aproveitando o espaço, passeando, andando de bicicletas e patins.

O local apresenta a passagem regular de pedestres e ciclistas. A segurança nessa área não é tão grande e a iluminação também não é muito efetiva, vários espaços ficam mal iluminados. Atividades durante a noite não são interessantes para área.

Quadro 15 - Quadro de imagens da Área 04 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 04 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Estacionamento 4	2 – Acesso
3 – Vegetação densa	4 – Bosque de Pinheiros
5 – Centro Hípico	6 – Restaurante Gibão

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 05

A Área 05 (Figura 32) engloba um circuito aberto de Kart (usado por bicicletas, patins e skates), o restaurante Alpinus, aberto de segunda à domingo, e um bosque de pinheiros com algumas mesas e churrasqueiras.

Figura 32 - Área 5 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

De acordo com a administração do parque, o Restaurante Alpinus Choperia e Galeteria foi fundado em 1987. Começou como um pequeno restaurante e com o passar do tempo, passou a ser um dos restaurantes mais procurados no parque. Isso foi como um incentivo para a especialização de refeições e consequente aumento do espaço físico e número de funcionários. Além disso, a área conta com uma densa de vegetação no bosque de pinheiros. Esse espaço é muito procurado para atividades lazer, como piqueniques, churrascos e até mesmo comemorações de aniversários.

As visitas realizadas na Área 05 mostraram que a principal atratividade é o bosque de pinheiros. Por se tratar de um espaço de temperatura e sensações agradáveis, esse espaço é muito procurado para atividades ao ar livre. Por este motivo, as fotos principais ficaram em torno desses locais com atratividade. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 16).

A vegetação tem densidade característica de agrupados densos principalmente no bosque de pinheiros. A maioria das árvores ao redor é de médio porte, apenas os bosques possuem árvores de porte grande. As áreas com árvores de porte grande fornecem uma ampla área de sombreamento que proporciona um conforto térmico mais agradável, atraindo o público de forma efetiva. Não existe presença de água. Durante o período de secas, o local fica propício a incêndios. Graças ao vasto material de fácil combustão que são as folhas secas das árvores, já aconteceram alguns inícios de incêndio no local. A inexistência de suporte contra incêndios, como um hidrante, é considerada uma falta grave para o parque.

Não existem muitos abrigos e pontos de pausas rápidas, e os que existem, estão degradados e não fornecem proteção às intempéries de forma agradável. Na área dos bosques existem alguns bancos e churrasqueiras. Muitos destes equipamentos encontram-se degradados e não são eficientes ou confortáveis. De forma geral, o local precisa investir na adição de equipamentos e infraestrutura arquitetônica de convívio para proporcionar melhor permanência do público. Os banheiros, as churrasqueiras, as mesas, os bancos e as lixeiras, que existem, precisam de manutenção e um acesso com facilidade para todo o público.

No quesito de visuais a área possui o bosque de pinheiros. O espaço de contemplação oferece estímulos visuais, auditivos e olfativos. O local na maior parte do tempo apresenta sons de automóveis nas vias do entorno, das pessoas, realizando atividades como piquenique, aproveitando o espaço, passeando, andando de bicicletas e patins, porém em muitos locais o espaço fica silencioso, com apenas os sons da natureza.

As principais atividades existentes que atraem o público são o Restaurante Alpinus e o bosque de pinheiros com churrasqueiras. Para a prática de exercícios existe uma pista aberta de Kart, usada por pessoas com bicicletas, patins ou skates. O local apresenta a passagem constante de visitantes pedestres e ciclistas. Existe vigilância de viaturas policiais regularmente no local. A iluminação não é muito eficiente, vários espaços ficam mal iluminados. Atividades durante a noite não são interessantes para área.

Quadro 16 - Quadro de imagens da Área 05 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 05 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Restaurante Alpinus	2 – Mesas e churrasqueira no Bosque de Pinheiros
3 – Mesas sombreadas	4 – Playground sem sombreamento
5 – Pista aberta de Kart para bicicletas, patins ou skate	6 – Pista aberta de Kart precisando de manutenção

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 06

A área número 06 (Figura 33) engloba oito campos de futebol, o ParCão e a Escola Meninos e Meninas. A escola teve o seu início em 1995 e atualmente, é única da cidade com foco em atender jovens e adultos em situação de rua. O governo estima que, no Distrito Federal, três mil pessoas vivam nessas condições. Em 2018 cerca de 180 alunos estavam matriculados na escola, que funciona nos períodos matutino e vespertino. Os formados recebem um diploma de ensino fundamental e logo são encaminhados a outras unidades para cursar o ensino médio.

Figura 33 - Área 06 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A unidade da escola no Parque proporciona a reintegração escolar e a convivência comunitária, por meio da construção do conhecimento, considerando a história de vida de cada estudante, suas possibilidades e limitações para as aprendizagens. Os alunos da escola se orgulham por terem vencido cinco vezes o Circuito de Ciências das Escolas da Rede Pública na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) a nível nacional. No ano de 2018 foram os campeões da etapa regional e continuam se preparando para novas disputas.

Nas visitas da Área 05 foi constatado que o espaço é mais procurado para o acesso da escola e os campos de futebol. Os funcionários do local chegam pelo período da manhã e alguns poucos visitantes pedestres e ciclistas passam pelas vias internas do parque. As fotos retiradas do local ficaram próximas a esses locais de atrações.

A vegetação em grande parte apresenta grandes partes de vegetação rasteira, com uma maioria de árvores de porte médio, com algumas de porte grande. Tem uma densidade característica de parcialmente isolado. Não existem elementos térmicos como água e a vegetação arbórea é pouca e dispersa, fornecendo baixo sombreamento.

Os abrigos e pontos de pausas rápidas, existentes são desagradáveis à permanência. Os elementos de atividades para prática de exercícios são os oito campos de futebol. Os campos encontram-se em condições deterioradas e degradadas. Não existem quiosques que forneçam bebida ou comida. De forma geral, para o dia a dia, o local não possui estabelecimentos que proporcionem o interesse do público para a permanência.

As visuais são constituídas praticamente pelo próprio espaço, não possuindo obras de arte ou arquitetura visitável. O local, na maior parte do tempo, caracteriza-se como silencioso, os sons que podem ser identificados são apenas o do movimento de automóveis nas vias, o da própria natureza e das atividades que acontecem na escola. Existe uma carência de segurança nessa área graças ao baixo fluxo de pedestres na maior parte do tempo. A iluminação é pouca, o que torna propício à prática de atividades ilícitas durante as noites.

Não há equipamentos como bancos, lixeiras, banheiros ou chuveiros. Não existe um espaço que estimule a convivência entre as pessoas e a permanência delas. Existe um caminho de acesso para a escola, que foi recentemente reformado. Porém de modo geral a acessibilidade do local deixa a desejar. É necessário também, investir na conservação da área. O asfalto do estacionamento, os campos de futebol e o banheiro, são exemplos de equipamentos que precisam de manutenção. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 17).

Quadro 17 - Quadro de imagens da Área 06 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 06 - vista aérea com a localização das fotos	
	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
	
1 – Escola Meninos e Meninas	2 – Refeitório da Escola Meninos e Meninas
	
3 – Banheiro próximo à Escola Meninos e Meninas	4 – Placas para troca de roupa próximas aos campos de futebol
	
5 – Campo de futebol degradados	6 – Campo de futebol degradados

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 07

A área número 07 (Figura 34) engloba as quadras poliesportivas, para a prática de vôlei, basquete, futsal e tênis, os campos de bocha, a Piscina de Ondas e a Praça da Paz. Apesar de possui muitos equipamentos que permitem diversas atividades esportivas, o local não possui mais um espaço para comércio. O antigo estabelecimento de alimentação fechou e no momento está deteriorando no local.

Figura 34 - Área 07 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A piscina de Ondas foi inaugurada em 1978 e por semana chegava a receber 1,5 mil pessoas. No final de semana atingia o auge de seu funcionamento e nas décadas de 80 e 90 esse número chegava a nove mil pessoas. A piscina tocava uma sirene avisando quando começariam as ondas, estas duravam de 5 a 10 minutos e chegavam a 1 metro de altura. A decadência da piscina se iniciou há 20 anos com a morte do casal francês que administrava a atração. Segundo o GDF, o advogado da família até tentou manter a piscina em funcionamento, porém as dívidas com a taxa de ocupação, pagamentos de funcionários e contas de luz e água, chegavam a 800 mil reais.

As primeiras visitas na Área 07 mostraram que o espaço possui como principal atratividade as quadras poliesportivas. Por isso as fotos reunidas foram próximas a essa atratividade, que configura o centro de interesse dos visitantes nessa área. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 18).

A vegetação tem densidade característica de agrupados rarefeitos com árvores entre médio porte e médio porte. Não existe presença de água e o microclima local não é muito agradável. Não existe um local planejado para o conforto e permanência do público. Não existem abrigos e pontos de pausas rápidas, que forneçam proteção às intempéries de forma agradável. De forma geral, o local não possui um espaço de convivência propício para a permanência do público. Os banheiros, bancos e lixeiras em geral precisam de manutenção.

As atividades existentes são as de caráter esportivo. Existem 14 quadras poliesportivas, dedicadas especialmente para esportes como, basquete, futsal, vôlei e tênis. A manutenção do local é precária, visto que os pisos não estão revitalizados, faltam tabelas para cestas de basquetebol, as cercas e lixeiras estão degradadas e em alguns locais a iluminação está prejudicada por lâmpadas queimadas.

Além disso, as quadras poliesportivas devem possuir um tamanho mínimo para a prática de todos os esportes sugeridos. As do parque possuem um tamanho certo, porém com relação às questões de orientação e iluminação, elas não estão adequadas. O planejamento e a execução de uma quadra esportiva devem considerar o estudo atento de vários itens. É muito importante, inicialmente, a definição da orientação da quadra, se esta for descoberta, em relação à trajetória do sol. Deve ser evitada a orientação Leste/Oeste uma vez que, nesse caso, as metas estarão expostas à incidência direta dos raios solares, o que causará ofuscamento na equipe que o tiver pela frente. Outro fator importante é a iluminação. Devem-se obter níveis adequados de iluminação, com o mínimo consumo de energia.

As visuais da área é a própria natureza. O local não possui obras de arte arquitetônicas. O espaço a maior parte do tempo é silencioso, por ser um dos locais menos ocupados do parque. A maioria do movimento do lugar é quando existem pessoas passeando e andando de bicicletas e patins e jogando nas quadras poliesportivas. Apesar de existir vigia no local, a segurança não é considerada, já que vários espaços não são vigiados. Além disso, a iluminação também não é muito efetiva.

Quadro 18 - Quadro de imagens da Área 07 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 07 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Quadras poliesportivas degradadas	2 – Quadra de tênis com vegetação seca
3 – Entrada do antigo estabelecimento, Piscinas de Ondas	4 – Quiosque Ponto do Suor fechado
5 – Ponto de Encontro Comunitário – PEC	6 – Banheiro inutilizado do local

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 08

A área número 08 (Figura 35) engloba o Bar Ponto do Sol, o antigo bicicletário (estabelecimento para aluguel de bicicletas) e o Prédio da Manutenção, com Ponto do Corpo de Bombeiros, vigilância, Ponto da PM e Ponto de Apoio da Brasília Segurança.

Figura 35 - Área 08 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Após a inauguração do Parque da Cidade, em 1978, foi construído um bicicletário público na área próxima ao estacionamento 8. Na época a população poderia guardar suas bicicletas no local sem custos. Por conta dos furtos e roubos resultantes da falta de controle e vigia, o bicicletário acabou sendo desativado. Sendo reanimado apenas em 2018, pelo Projeto Hidden, não como um bicicletário, mas como um evento que reúne cultura e gastronomia. O projeto Hidden começou em 2017, e consiste em buscar espaços sem uso, abandonados e desconhecidos dos brasilienses, para serem transformados em locais aconchegantes, como se fossem um ambiente residencial com sala de estar e varanda e decoração e iluminação intimista. Em 2019, o projeto realizou sua 3ª edição na ilha desativada do Parque da Cidade, no estacionamento 10.

As visitas realizadas na Área 05 mostraram que o espaço é carente de infraestrutura e estabelecimentos que atraiam o público. Os funcionários do prédio de manutenção chegam ao local pelo período da manhã, juntamente com bombeiros e policiais da área, e alguns poucos visitantes pedestres e ciclistas passam pelas vias internas do parque.

A vegetação em grande parte apresenta grandes partes de vegetação rasteira, com uma maioria de árvores de porte médio, com algumas poucas de porte grande. Sua densidade tem como característica ser de agrupados rarefeitos. Não existem elementos térmicos como água e a vegetação arbórea é pouca e dispersa, fornecendo sombreamento moderado.

Não existem abrigos ou pontos de pausas rápidas agradáveis à permanência. Os elementos de atividades são apenas as vias internas do parque destinadas ao fluxo de pedestres e ciclistas. Não existem quiosques que forneçam bebida ou comida. De forma geral, para o dia a dia, o local não possui estabelecimentos que proporcionem o interesse do público para a permanência.

As visuais são constituídas praticamente pelo próprio espaço, não possuindo obras de arte ou arquitetura visitável. O local, na maior parte do tempo, caracteriza-se como silencioso, os sons que podem ser identificados são apenas o do movimento de automóveis nas vias e algumas vezes das atividades que o Prédio de Manutenção realiza. Existe uma carência de segurança nessa área graças ao baixo fluxo de pedestres. A iluminação é pouca, o que torna as atividades durante as noites não indicadas.

Há na área, alguns poucos equipamentos como bancos, mesas, lixeiras e banheiros. Não existe um espaço que estimule a convivência entre as pessoas e a permanência delas. O Prédio de Manutenção, o banheiro e o Bar Ponto do Sol precisam de manutenção e para o bicicletário é necessário rever a utilização do espaço, já que no momento ele não possui atividades recorrentes. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 19).

Quadro 19 - Quadro de imagens da Área 08 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 08 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Passagem de águas pluviais	2 – Alguns bancos com sombreamento
3 – Bicletário desativado	4 – Prédio da Manutenção com entulhos
5 – Bancos e mesas com sombreamento	6 – Banheiro desativado com banco sem sombreamento

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 09

A área número 09 (Figura 36) engloba a Praça das Fontes, Playground, parquinho infantil e o Restaurante Ilê Praia Park (antigo Bar Pirraça). O restaurante, especializado em frutos do mar, abre de segunda à domingo no período de almoço.

Figura 36 - Área 09 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Com a Inauguração do Parque da Cidade em 1978 a Praça das Fontes teve seu projeto projetado por Burle Marx. Já foi palco de grandes eventos culturais porém, atualmente ela perdeu sua essência e está com um aspecto de abandono, onde cacos de garrafas, maços de cigarro e mato substituíram os espelhos d'água e a vegetação nativa, tão característicos do projeto original. Outro fato importante de ressaltar, é que no projeto de Burle Max, existiam alguns elementos que deveria completar o fechamento junto com a arborização que não foram implantados. Além disso, alguns fechamentos do campo de visão no lado oposto ao estacionamento, por conta dos patamares tornaram a forma incompreensivelmente desintegrada do seu entorno. Essa impressão de desintegração é reforçada pela ausência dos percursos.

As primeiras visitas realizadas na Área 05 mostraram que mesmo sendo uma parte do parque destinada ao conforto do público para a permanência, atualmente está afastando a maioria dos visitantes. Apenas alguns poucos visitantes pedestres e ciclistas passam pelas vias internas próximas. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 20).

A vegetação em grande parte apresenta grandes partes de vegetação rasteira, que chegam a alturas de um metro. A maioria de árvores possui porte médio, com poucas de porte grande. Sua densidade tem como característica ser parcialmente isolada, a vegetação arbórea é pouca e dispersa, fornecendo baixo sombreamento. Não existem mais o elemento térmico de água como existia na época de inauguração do parque. Há muito tempo as fontes não funcionam e dão lugar a um espaço coberto de uma vegetação sem cuidados

Não existem abrigos ou pontos de pausas rápidas agradáveis à permanência no local. Apenas as vias internas destinadas ao fluxo de pedestres e ciclistas servem como elementos de atividades físicas. Não existem quiosques que forneçam bebida ou comida. De forma geral, para o dia a dia, o local não possui estabelecimentos que proporcionem o interesse do público para a permanência.

As visuais deveriam ser constituídas pelas fontes na praça, porém como estão desativadas, foi considerado que a área não possui obras de arte ou arquitetura visitável para atração. O local, na maior parte do tempo, caracteriza-se como silencioso, os sons que podem ser identificados são apenas o do movimento de automóveis nas vias e algumas vezes das atividades de passagem de pedestres e ciclistas. A iluminação é melhor na parte da praça, o espaço próximo ao estacionamento possui uma iluminação baixa. O uso do parque durante a noite nesse local não é indicado.

Existem equipamentos como bancos, lixeiras e banheiros. Porém, é possível observar que: os bancos ou estão degradados ou não são sombreados; as lixeiras estão em situação precária e muitas não possuem a divisão de lixos; e os banheiros encontram-se fechados necessitando de manutenção. De forma geral a área não possui um espaço que estimule a convivência entre as pessoas e a permanência delas.

Quadro 20 - Quadro de imagens da Área 09 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 09 - vista aérea com a localização das fotos	
	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
	
1 – Praça das Fontes sem equipamentos que forneçam espaços agradáveis para o público	
	
2 – Praça das Fontes desativada e degradada	3 – Piso degradado da Praça das Fontes
	
4 – Restaurante Ilê Praia Park	5 – Praça das Fontes sem sombreamento

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 10

A área número 10 (Figura 37) engloba o lago, quiosques de alimentação, banca de revistas, academia ao ar livre e a Praça Eduardo e Mônica. A praça evidencia um monumento contendo um trecho da música Eduardo e Monica de Renato Russo.

Figura 37 - Área 10 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O local da praça foi escolhido em 1998 pela mãe de Renato Russo, como uma homenagem para o cantor e por isso recebeu nome dos protagonistas de uma de suas músicas. No local foi exposta uma obra da artista plástica Mara Mendes: um violão com a partitura da música que conta a saga do casal mais famoso criado pelo líder da Legião Urbana. Ao redor, existem bancos sombreados por árvores altas, cujas copas se encontram no alto oferecendo uma sombra agradável, além de uma bela vista para o lago.

As visitas realizadas na Área 10 revelaram que a área possui muita atratividade. O espaço possui uma vegetação aglomerada e alta. Por se tratar de um espaço de temperatura e sensações agradáveis, esse espaço é muito procurado para atividades ao ar livre. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 21).

A vegetação tem densidade que oscila entre característica de agrupados densos e agrupados rarefeitos. As árvores variam entre médio e grande porte, possuindo também uma vasta área de vegetação rasteira. As áreas com árvores de porte grande fornecem uma ampla área de sombreamento que proporciona um conforto térmico mais agradável, atraindo o público de forma efetiva. A área engloba o principal elemento de água do parque, um lago.

No processo de criação do parque, previu-se a criação de um lago, em dois níveis, para aproveitar o desnível existente no local. O lago possui em suas margens áreas de estar e de piqueniques. Foram projetadas ilhas com restaurante e outras com plantas aquáticas. Em outras porções do lago foram previstas destinações para atividades mais recreativas, como barcos e pedalinhos. Atualmente, em 2018, o parque passou por um período de seca onde boa parte do lago ficou sem água e mostrando que havia muito lixo entulhado no seu interior.

Existem alguns abrigos e pontos de pausas rápidas, que devido a sombreamento de vegetação fornecem proteção às intempéries de forma agradável. Na área dos bosques existem alguns bancos com sombreamento apesar de alguns precisarem de uma manutenção, de forma geral estão em funcionalidade. O espaço contém muitos equipamentos e infraestrutura arquitetônica de convívio para proporcionar melhor permanência do público. Existe PECs para exercícios, banheiros, chuveiros, mesas, bancos e lixeiras, e acessos às atividades existentes.

No quesito de visuais a área possui obras de arte e arquitetura visitável para atração do público. O local apresenta frequentemente sons de automóveis nas vias do entorno, das pessoas, realizando atividades como piquenique, aproveitando o espaço, passeando, andando de bicicletas e patins, porém em muitos locais o espaço fica silencioso, com apenas os sons da natureza. Existe vigilância de viaturas policiais regularmente no local. A iluminação não é muito eficiente e vários locais ficam mal iluminados. Logo, atividades durante a noite não são interessantes para área.

Quadro 21 - Quadro de imagens da Área 10 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 10 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Lago com entorno sombreado	2 – Equipamentos como bebedouro sombreados
3 – Acessos a quiosques de alimentação	4 – Ponto de Encontro Comunitário 1 – PEC 1
5 – Ponto de Encontro Comunitário 2 – PEC 2	6 – Mesa e bancos sem sombreado

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 11

A área número 11 (Figura 38) engloba o Carrera Kart (Kartódromo), quadras de futevôlei, a Lanchonete Barulho e o Castelinho do Parque da Cidade, com parquinhos infantis.

Figura 38 - Área 11 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O parquinho do castelinho possui uma infraestrutura que simula um castelo medieval adequado à altura das crianças. O espaço conta com equipamentos de balanços e outros brinquedos infantis. Todos os brinquedos apresentam algum tipo dano e precisam de manutenção para o uso. O castelinho encontra-se degradado e poluído, sua limpeza acontece mensalmente e por isso acumula muito lixo de pessoas em situação de rua que ocupam o espaço.

O Carrera Kart é um estabelecimento particular onde é os visitantes podem alugar um kart e participar de uma bateria. Incluindo tomadas de tempo com volta de classificação e uma corrida.

A partir das visitas realizadas na Área 11 foi constatado que a maior atratividade do local é o Kartódromo Carrera Kart e o Castelinho. Na área do castelinho a vegetação é aglomerada e alta. Porém, nos resto do ambiente a maior parte da vegetação é rasteira. As fotos se concentraram próximos aos pontos de atração da área. No final da visita criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 22).

A vegetação tem densidade que oscila entre característica de conjuntos arbóreos isolados e parcialmente isolados. As árvores do local variam entre médio e grande porte, possuindo também uma vasta área de vegetação rasteira. As áreas com árvores de porte grande fornecem uma ampla área de sombreamento na área do Castelinho, que proporciona um conforto térmico mais agradável.

Não existem muitos abrigos e pontos de pausas rápidas, e os que existem não fornecem proteção às intempéries de forma agradável. Na área do castelinho existem alguns bancos com sombreamento apesar de alguns precisarem de uma manutenção, de forma geral estão em funcionalidade. Os parquinhos infantis, banheiros, chuveiros, mesas, bancos, lixeiras e acessos às atividades precisam de manutenção.

No quesito de visuais a área conta com o castelinho que se configura como arquitetura visitável, que de forma geral atrai o público. O local apresenta frequentemente sons de automóveis nas vias do entorno, das pessoas, realizando atividades como passear, andar de bicicletas e patins, brincar nos parquinhos, entre outras atividades. Nos espaços onde a vegetação alta é escassa o espaço fica silencioso, com apenas os sons da natureza. Existe vigilância de viaturas policiais regularmente no local. A iluminação não é muito eficiente e vários espaços ficam mal iluminados. Logo, atividades durante a noite não são interessantes para área.

Quadro 22 - Quadro de imagens da Área 11 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 11 - vista aérea com a localização das fotos	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
1 – Acesso ao Carrera Kart	2 – Carrera Kart
3 – Banheiros	4 – Bancos sombreados e lixeira
5 – Parquinho infantil – Castelinho	6 – Pista de caminhada

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Área 12

A área número 12 (Figura 39) engloba o parque de diversões Nicolândia, Parque Recreativo Ana Lúcia Braga (Parque Ana Lúcia), Posto Comunitário de Segurança (PCS 099), quadras de futevôlei, quadras de vôlei, quadras de frescobol, quadras de areia, vestiários, quiosques de alimentação, quiosques de massagem, bombeiros, a Administração do Parque e o memorial Chico Mendes (biblioteca do IBRAM).

Figura 39 - Área 12 do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O atual nome do parquinho infantil surgiu de um crime que chocou os moradores de Brasília e chamou a atenção para a recém-inaugurada capital do país. A menina, de sete anos, desapareceu depois de ser deixada na porta da escola. Depois de um pedido de resgate a menina foi encontrada morta e com sinais de violência sexual.

O parque de diversões Nicolândia foi inaugurado em 1978 e se situou próximo ao estacionamento 12 do Parque da Cidade. A roda gigante cheia de LEDs, do Parque Nicolândia, foi o primeiro brinquedo adquirido e possui uma vista panorâmica da cidade de Brasília.

Além da Área 10, a Área 12 revelou-se como sendo a principal área de maior atratividade do parque. O espaço possui uma vegetação aglomerada e alta. Por se tratar de um espaço de temperatura e sensações agradáveis, esse espaço é muito procurado para atividades ao ar livre. No final da visita foi criado um quadro contendo as fotos recolhidas no local com a descrição e a localização delas na área (Quadro 23).

A vegetação tem densidade que oscila entre característica de agrupados densos e agrupados rarefeitos. As árvores variam entre médio e grande porte, possuindo também uma vasta área de vegetação rasteira. As áreas com árvores de porte grande são bem posicionadas e fornecem uma ampla área de sombreamento que proporciona um conforto térmico mais agradável, atraindo o público de forma efetiva. A área não possui elementos de água presente.

Existem alguns abrigos e pontos de pausas rápidas, que devido a sombreamento de vegetação fornecem proteção às intempéries de forma agradável. Na área dos bosques existem alguns bancos com sombreamento apesar de alguns precisarem de uma manutenção, de forma geral estão em funcionalidade. O espaço contém muitos equipamentos e infraestrutura arquitetônica de convívio para proporcionar melhor permanência do público. Existe PECs para exercícios, banheiros, chuveiros, mesas, bancos e lixeiras, e acessos às atividades existentes.

A qualidade de manutenção das quadras de vôlei, quadras de frescobol e quadras de areia fornecem atividades regulares no local. Além disso, os quiosques de massagem e alimentação proporcionam conforto e possibilidade ao visitante de permanecer por mais tempo no local. No quesito de visuais a área possui obras de arte e arquitetura visitável para atração do público. O local apresenta frequentemente sons de automóveis nas vias do entorno, das pessoas, realizando atividades como piquenique, aproveitando o espaço, passeando, andando de bicicletas e patins, pouco são os locais que ficam silenciosos, apenas com os sons da natureza.

Existe vigilância de viaturas policiais e polícia armada regularmente no local. Além disso, o Posto Comunitário de Segurança (PCS 099) situa-se na área. A iluminação é uma das melhores do parque. Próximo dos estabelecimentos de alimentos, do parque de diversões Nicolândia, do Parque Ana Lúcia, das quadras e da administração os espaços apresentam um iluminação eficiente. Apenas os locais afastados ficam mal iluminados. É possível registrar atividades durante a noite nesses locais bem iluminados.

Quadro 23 - Quadro de imagens da Área 12 do Parque da Cidade de Brasília.

Área 12 - vista aérea com a localização das fotos	
	
Imagens coletadas no período de 2018 - 2019. Wikimapia, 2019.	
	
1 – Parquinho Infantil Ana Lúcia	2 – Parquinho Infantil Ana Lúcia
	
3 – Administração	4 – Posto Comunitário de Segurança (PCS 099)
	
5 – Nicolândia	6 – Quadras esportivas

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



5.

DIAGNÓSTICO E ANÁLISE

5. DIAGNÓSTICO E ANÁLISE

Neste capítulo será elaborado o diagnóstico e as análises obtidas através da aplicação dos métodos da ficha Bioclimática e da ficha composta de pontos importantes para avaliação arquitetônica. As informações foram coletadas nas áreas do Parque Dona Sarah Kubitschek.

A partir dos estudos realizados *in loco*, foram elaborados quadros que mostram os dados recolhidos, organizados e pontuados para melhor entender como cada área se caracteriza. As tabelas foram configuradas diante dos pontos expostos no item 2, Metodologia e no item 4, Referencial Teórico, onde foram abordados os autores que dialogam sobre a avaliação do meio urbano de permanência.

Duas avaliações foram feitas, primeiramente, uma sobre a avaliação dos pontos arquitetônicos importantes para o conforto do ambiente urbano e outra sobre o bioclimatismo.

5.1. Avaliação Arquitetônica

Este item trata sobre o diagnóstico da composição arquitetônica que cada área apresentava. Foram dados recolhidos durante o ano de 2019, cada área ficou com um mês do ano.

A pontuação para cada área foi feita a partir de uma tabela criada para pontuar e decidir quais áreas seriam estudadas para a criação de um diário. A tabela resumiu de forma pontual cada característica das áreas do parque. Esse procedimento auxiliou a avaliar de forma pontual e qualitativa.

Os pontos escolhidos para a avaliação foram expostos de forma mais ampla e específica no item 2.1 Avaliação Arquitetônica. As tabelas a seguir, pontuaram as 12 áreas do parque. Os pontos foram separados principalmente em elementos térmicos, paradas, atividades, visuais, elementos auditivos, segurança, equipamentos e instalações, acessibilidade e manutenção.

Logo depois, será exposta uma descrição breve sobre a situação de cada ponto e por fim, será colocada a pontuação referente à forma como se encontra a área. A pontuação resultará em um total de pontos. Quanto maior for o valor, melhor as condições em geral da área estudada.

Quadro 24 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 01.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 01			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	INSATISFATÓRIO: ISOLADO	1
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	INSATISFATÓRIO: APRESENTAR DE 0 A 2 ATIVIDADES DIFERENTES	1
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	NÃO APRESENTA MUITOS RUÍDOS, APENAS SONS AGRADÁVEIS DE PÁSSAROS, DO VENTO E DA NATUREZA	4
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	LOCAIS ISOLADOS	INSATISFATÓRIO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM POUCAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	1
	VIOLÊNCIA	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITAS ATIVIDADES ILÍCITAS	1
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	LIXEIRAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	BANHEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	MEDIANO: POSSUI LIXEIRAS EM MÁIS CONDIÇÕES E EXISTE LIXO ESPALHADO	2
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	1
TOTAL			26

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 25 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 02.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 02			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	INSATISFATÓRIO: ISOLADO	1
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPRÉDADAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	INSATISFATÓRIO: APRESENTAR DE 0 A 2 ATIVIDADES DIFERENTES	1
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	EXCELENTE: NÃO APRESENTA MUITOS RUÍDOS, APENAS SONS AGRADÁVEIS DE PÁSSAROS, DO VENTO E DA NATUREZA	4
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	1
	VIOLÊNCIA	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITAS ATIVIDADES ILÍCITAS	1
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI LIXEIRAS E EXISTE LIXO ESPALHADO E ODOR FÉTIDO	1
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	1
TOTAL			29

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 26 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 03.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 03			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	BOM/BOA: AGRUPADOS/RAREFEITOS	3
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPRÉDADAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	MEDIANO: APRESENTAR DE 3 A 6 ATIVIDADES DIFERENTES	2
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	MEDIANO: POSSUI DE 1 A 2	2
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POUCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	MEDIANO: POSSUI POUCAS ATIVIDADES ILÍCITAS	2
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (SEM SOMBREAMENTO E/OU DEGRADADOS)	2
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (NÃO CONECTAM TODOS OS LOCAIS DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	3
	CALÇADAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (ALGUMAS PARTES DEGRADADAS)	3
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	MEDIANO: POSSUI LIXEIRAS EM MÁIS CONDIÇÕES E EXISTE LIXO ESPALHADO	2
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	1
TOTAL			36

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 27 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 04.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 04			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	EXCELENTE: AGRUPADOS/DENSOS	4
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPREDAVAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	MEDIANO: APRESENTAR DE 3 A 6 ATIVIDADES DIFERENTES	2
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	BOM/BOA: NÃO APRESENTA RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS, APENAS DOS VISITANTES	3
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	MEDIANO: POSSUI POUCAS ATIVIDADES ILÍCITAS	2
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM SOMBREAMENTO RAREFEITO E/OU POUCO DEGRADADOS)	3
	LIXEIRAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (POUCA DISTRIBUIÇÃO E SEM DIVISÃO DE LIXO)	3
	BANHEIROS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM POUCA DISTRIBUIÇÃO)	3
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	BOM/BOA: POSSUI LIXEIRAS EM BOAS CONDIÇÕES E POUCO LIXO ESPALHADO	3
	DEGRADAÇÃO	MEDIANO: POSSUI DEGRADAÇÃO MEDIANA NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	2
TOTAL			39

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 28 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 05.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 05			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	EXCELENTE: AGRUPADOS/DENSOS	4
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPRÉDADAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	MEDIANO: APRESENTAR DE 3 A 6 ATIVIDADES DIFERENTES	2
	QUIOSQUES	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, ESTÁ DEPRÉDADO E FUNCIONANDO NORMALMENTE	3
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POUCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, NÃO É INDICADO ATIVIDADE À NOITE	2
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	BOM/BOA: POSSUI LUGARES ISOLADOS SEM VIGIA	3
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM SOMBREAMENTO RAREFEITO E/OU POUCO DEGRADADOS)	3
	LIXEIRAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (POUCA DISTRIBUIÇÃO E SEM DIVISÃO DE LIXO)	3
	BANHEIROS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (ALGUMAS PARTES DEGRADADAS)	3
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	MEDIANO: POSSUI LIXEIRAS EM MÁIS CONDIÇÕES E EXISTE LIXO ESPALHADO	2
	DEGRADAÇÃO	MEDIANO: POSSUI DEGRADAÇÃO MEDIANA NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	2
TOTAL			42

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 29 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 06.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 06			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	MEDIANO: PARCIALMENTE ISOLADO	2
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPRÉDADAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	MEDIANO: APRESENTAR DE 3 A 6 ATIVIDADES DIFERENTES	2
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	MEDIANO: POSSUI POCAS ATIVIDADES ILÍCITAS	2
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (NÃO CONECTAM TODOS OS LOCAIS DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	3
	CALÇADAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (ALGUMAS PARTES DEGRADADAS)	3
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	MEDIANO: POSSUI LIXEIRAS EM MÁIS CONDIÇÕES E EXISTE LIXO ESPALHADO	2
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	1
TOTAL			33

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 30 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 07.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 06			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	BOM/BOA: AGRUPADOS/RAREFEITOS	3
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPRÉDADAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	MEDIANO: APRESENTAR DE 3 A 6 ATIVIDADES DIFERENTES	2
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POUCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, NÃO É INDICADO ATIVIDADE À NOITE	2
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	MEDIANO: POSSUI POUCAS ATIVIDADES ILÍCITAS	2
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (SEM SOMBREAMENTO E/OU DEGRADADOS)	2
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (ALGUMAS PARTES DEGRADADAS)	3
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	MEDIANO: POSSUI LIXEIRAS EM MÁIS CONDIÇÕES E EXISTE LIXO ESPALHADO	2
	DEGRADAÇÃO	MEDIANO: POSSUI DEGRADAÇÃO MEDIANA NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	2
TOTAL			36

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 31 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 08.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 08			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	BOM/BOA: AGRUPADOS/RAREFEITOS	3
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	INSATISFATÓRIO: APRESENTAR DE 0 A 2 ATIVIDADES DIFERENTES	1
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POUCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, NÃO É INDICADO ATIVIDADE À NOITE	2
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	MEDIANO: POSSUI POUCAS ATIVIDADES ILÍCITAS	2
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (SEM SOMBREAMENTO E/OU DEGRADADOS)	2
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM POUCA DISTRIBUIÇÃO)	3
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
	RAMPAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI E/OU NÃO ATENDEM À TODO OS ESPAÇOS	1
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI LIXEIRAS E EXISTE LIXO ESPALHADO E ODOR FÉTIDO	1
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	1
TOTAL			32

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 32 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 09.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 09			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	MEDIANO: POSSUI PEQUENA PORÇÃO (ATÉ 50M²) DE ÁGUA PARADA/EM MOVIMENTO	2
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	INSATISFATÓRIO: APRESENTAR DE 0 A 2 ATIVIDADES DIFERENTES	1
	QUIOSQUES	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, ESTÁ DEPREDADO E FUNCIONANDO NORMALMENTE	3
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, CONDIÇÕES DEPREDADAS	2
	OBRAS DE ARTE	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POUCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, É POSSÍVEL ATIVIDADE À NOITE EM POUCOS LUGARES	3
	LOCAIS ISOLADOS	INSATISFATÓRIO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM POUCAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	1
	VIOLÊNCIA	MEDIANO: POSSUI POUCAS ATIVIDADES ILÍCITAS	2
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (SEM SOMBREAMENTO E/OU DEGRADADOS)	2
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
	RAMPAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	MEDIANO: POSSUI LIXEIRAS EM MÁIS CONDIÇÕES E EXISTE LIXO ESPALHADO	2
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	1
TOTAL			34

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 33 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 10.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 10			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	EXCELENTE: POSSUI GRANDE PORÇÃO (MAIS DE 50M ²) DE ÁGUA EM MOVIMENTO	4
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	EXCELENTE: AGRUPADOS/DENSOS	4
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, COM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E SEM COBERTURA (CONDIÇÕES POUCO DEPRIDADAS, PORÉM UTILIZÁVEL)	3
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	BOM/BOA: APRESENTAR DE 7 A 10 ATIVIDADES DIFERENTES	3
	QUIOSQUES	EXCELENTE: POSSUI EM QUALIDADES AGRADÁVEIS, ESTÁ EM ÓTIMAS CONDIÇÕES E EM FUNCIONAMENTO	4
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, CONDIÇÕES NORMAIS PORÉM NÃO AGRADÁVEIS	3
	OBRAS DE ARTE	BOM/BOA: POSSUI DE 3 A 4	3
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	BOM/BOA: NÃO APRESENTA RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS, APENAS DOS VISITANTES	3
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, É POSSÍVEL ATIVIDADE À NOITE EM POUCOS LUGARES	3
	LOCAIS ISOLADOS	BOM/BOA: POSSUI LUGARES COM PASSAGEM DE ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ABERTOS	3
	VIOLÊNCIA	BOM/BOA: POSSUI LUGARES ISOLADOS SEM VIGIA	3
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM SOMBREAMENTO RAREFEITO E/OU POUCO DEGRADADOS)	3
	LIXEIRAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (POUCA DISTRIBUIÇÃO E SEM DIVISÃO DE LIXO)	3
	BANHEIROS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM POUCA DISTRIBUIÇÃO)	3
	CHUVEIROS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (ALGUMAS PARTES DEGRADADAS)	3
	RAMPAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI LIXEIRAS E EXISTE LIXO ESPALHADO E ODOR FÉTIDO	1
	DEGRADAÇÃO	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITA DEGRADAÇÃO NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	2
TOTAL			57

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 34 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 11.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 11			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	MEDIANO: POSSUI PEQUENA PORÇÃO (ATÉ 50M²) DE ÁGUA PARADA/EM MOVIMENTO	2
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	BOM/BOA: AGRUPADOS/RAREFEITOS	3
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, SEM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E COBERTURA (CONDIÇÕES DEPRELADAS E DESAGRADÁVEIS)	2
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	MEDIANO: APRESENTAR DE 3 A 6 ATIVIDADES DIFERENTES	2
	QUIOSQUES	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, CONDIÇÕES NORMAIS PORÉM NÃO AGRADÁVEIS	3
	OBRAS DE ARTE	MEDIANO: POSSUI DE 1 A 2	2
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS, NÃO É INDICADO ATIVIDADE À NOITE	2
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	INSATISFATÓRIO: POSSUI MUITAS ATIVIDADES ILÍCITAS	1
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (SEM SOMBREAMENTO E/OU DEGRADADOS)	2
	LIXEIRAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (DEGRADADOS)	2
	BANHEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
	CHUVEIROS	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI OU ESTÁ DESATIVADO	1
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (NÃO CONECTAM O LOCAL DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	2
	CALÇADAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
	RAMPAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI LIXEIRAS E EXISTE LIXO ESPALHADO E ODOR FÉTIDO	1
	DEGRADAÇÃO	MEDIANO: POSSUI DEGRADAÇÃO MEDIANA NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	2
TOTAL			37

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quadro 35 – Ficha de Avaliação arquitetônica – Área 12.

FICHA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA – ÁREA 12			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA	INSATISFATÓRIO: NÃO POSSUI	1
	VEGETAÇÃO ARBÓREA	EXCELENTE: AGRUPADOS/DENSOS	4
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES E PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS, COM COSTAS PROTEGIDAS OU ACENTOS E SEM COBERTURA (CONDIÇÕES POUCO DEPREZADAS, PORÉM UTILIZÁVEL)	3
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO	EXCELENTE: APRESENTAR MAIS DE 10 ATIVIDADES DIFERENTES	4
	QUIOSQUES	EXCELENTE: POSSUI EM QUALIDADES AGRADÁVEIS, ESTÁ EM ÓTIMAS CONDIÇÕES E EM FUNCIONAMENTO	4
VISUAIS	BOA ARQUITETURA	EXCELENTE: POSSUI EM QUALIDADES AGRADÁVEIS, CONDIÇÕES NORMAIS E AGRADÁVEIS	4
	OBRAS DE ARTE	EXCELENTE: POSSUI MAIS DE 4	4
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS e RUÍDOS	MEDIANO: APRESENTA POUCOS RUÍDOS DE AUTOMÓVEIS E DE VISITANTES	2
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO	EXCELENTE: POSSUI EM QUALIDADES AGRADÁVEIS, É POSSÍVEL ATIVIDADES A NOITE EM MUITOS LUGARES	4
	LOCAIS ISOLADOS	MEDIANO: POSSUI LUGARES QUE PASSAM ALGUMAS PESSOAS, ESPAÇOS ENCOBERTOS E SEM VIGIA	2
	VIOLÊNCIA	BOM/BOA: POSSUI LUGARES ISOLADOS SEM VIGIA	3
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS	EXCELENTE: POSSUI EM QUALIDADES AGRADÁVEIS (COM SOMBREAMENTO DENSO E/OU SEM DEGRADAÇÃO)	4
	LIXEIRAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (POUCA DISTRIBUIÇÃO E SEM DIVISÃO DE LIXO)	3
	BANHEIROS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM POUCA DISTRIBUIÇÃO)	3
	CHUVEIROS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (COM POUCA DISTRIBUIÇÃO)	3
ACESSIBILIDADE	ACESSOS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (NÃO CONECTAM TODOS OS LOCAIS DE CHEGADA ÀS ATIVIDADES)	3
	CALÇADAS	BOM/BOA: POSSUI EM QUALIDADES MEDIANAS (ALGUMAS PARTES DEGRADADAS)	3
	RAMPAS	MEDIANO: POSSUI EM QUALIDADES RUINS (MAIOR PARTE DEGRADADA)	2
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO	BOM/BOA: POSSUI LIXEIRAS EM BOAS CONDIÇÕES E POUCO LIXO ESPALHADO	3
	DEGRADAÇÃO	MEDIANO: POSSUI DEGRADAÇÃO MEDIANA NA MAIOR PARTE DE SEUS EQUIPAMENTOS E ÁREAS	2
TOTAL			61

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

5.2. Avaliação Bioclimática

Este item abordará o diagnóstico feito de forma geral no Parque Dona Sarah Kubitschek através da aplicação do método da Ficha Bioclimática. Os dados foram recolhidos durante os meses de novembro e dezembro de 2019. A ficha foi realizada com base nos princípios mostrados no item 2.2 Avaliação Bioclimática.

É necessário entender que a urbanização é a grande influenciadora na definição dos espaços públicos abertos de passagem e permanência. No caso do Parque da Cidade, este foi um projeto planejado com a finalidade de servir como um espaço de permanência. Porém, ele pode ser considerado como espaço de passagem pelas vias de automóveis que passam pelo entorno da propriedade do parque.

Seus limites são: ao sudeste, os limites vão da quadra 901 a 912, na Asa Sul; ao noroeste, a cidade satélite Sudoeste e o Setor de Indústrias Gráficas (SIG); ao nordeste, o Eixo Monumental, próximo ao Centro de Convenções Ulysses, o Complexo Cultural Funarte Brasília e o Hotel Meliá Brasil 21; e finalmente ao sudoeste o parque limita-se ao Cemitério Campo da Esperança.

A Asa Sul é o bairro da região administrativa de Brasília, onde se localiza o Parque Dona Sarah Kubitschek. É uma área tombada pela organização UNESCO e é uma das áreas que compõem o Plano Piloto de Brasília. Existem três eixos viários cortando sua extensão, os Eixinhos W (oeste) e L (leste) e o Eixão (Eixo Rodoviário de Brasília). É formado por Quadras, Superquadras e Entrequadras, numeradas de 201 a 216, 402 a 416, 601 a 616 e 801 a 816 na parte leste do Eixão e 101 a 116, 301 a 316, 501 a 516, 702 a 716 e 901 a 916 na parte oeste do Eixão. A escala para uma altura é de até 20 metros, e o máximo são seis andares no edifícios residenciais, permitindo que os moradores possam observar as construções como um todo e interagir desde o térreo até andar mais alto.

O Sudoeste é uma região administrativa do Distrito Federal brasileiro. Foi criada em 1989, como parte do projeto Brasília Revisitada, idealizado pelo urbanista Lúcio Costa, a região administrativa é dividida em Setor Sudoeste e o Setor Octogonal. Possui ciclovias, diversas áreas verdes com quadras poliesportivas e a morfologia da região é composta por um gabarito de seis e três andares, quitinetes, área destinadas a comércio local, shopping center, educação, esporte e saúde.

O Setor de Indústrias Gráficas (SIG) é um setor da região administrativa de Brasília, no Distrito Federal foi criado em 1960, data de fundação de Brasília. No SIG se localizam a sede dos jornais e rádios locais e ainda a sede da Câmara Legislativa do Distrito Federal. A altura média dos edifícios não passa de seis pavimentos.

O Eixo Monumental é uma avenida que se localiza no centro do Plano Piloto de Brasília. É conhecido popularmente como o “corpo do avião” e estende-se por dezesseis quilômetros. Os principais edifícios que compõem o eixo são: a Esplanada dos Ministérios, a Catedral de Brasília, a Complexo Cultural da República, o Palácio Itamaraty, o Congresso Nacional do Brasil, o Supremo Tribunal Federal, o Panteão da Pátria e da Liberdade, o Memorial JK, a Torre de TV de Brasília, a Praça dos Três Poderes, o Palácio do Planalto e o Palácio da Justiça, todos dispostos de forma espaçada. Por ter seis faixas de tráfego em cada sentido, com um total de 250 metros de largura, confere-se como um espaço aberto.

O Cemitério Campo da Esperança, mais conhecido como Campo da Esperança, é o cemitério público de Brasília. Possui uma morfologia que contém uma ampla área verde, com alguns espaços arborizados, os jazigos são subterrâneos, cobertos por gramado e o túmulo identificado por apenas uma placa. Por não ser permitido construções acima da superfícies, para preservar a harmonia da paisagem, o espaço configura-se como um grande vazio.

No ENTORNO, a massa não é contínua, pois além das aberturas do sistema viário, o entorno do parque antes de chegar às quadras possui uma área de vegetação. Em decorrência dessa configuração, a radiação solar é direta incidente, a difusa é presente e a refletida é escassa. Os ventos correm livres por conta do entorno distante e aberto, principalmente do leste para o oeste.

A fonte dos ruídos está nas vias de automóveis que passam no entorno do parque, pois o fluxo é intenso nos horários comerciais. A sombra acústica no recinto é presente, devido à existência de muita vegetação na Fronteira e nenhum elemento que atue como anteparo do som. Na área da BASE a vegetação e a água estão presentes, e existe um mobiliário urbano composto por calçadas, estacionamentos, bancos, mesas, banheiros, chuveiros, PECs, lixeiras, canteiros, postes e placas de trânsito.

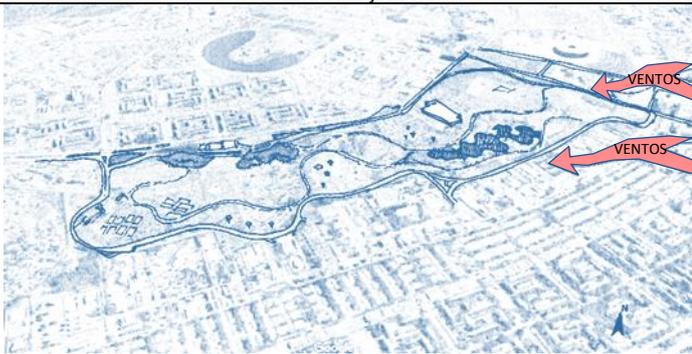
O pavimento dos veículos é asfalto, e dos pedestres é cimento, proporcionando um albedo baixo na superfície. Durante a seca os tons de marrom claro são predominantes, já no tempo chuvoso, o verde predomina, porém no geral as cores não são muito definidas. A

superfície da FRONTEIRA não possui continuidade, no geral são edifícios situados atrás de uma massa de vegetação que abraça o local ou vias que passam pelo entorno. Os edifícios seguem as premissas da cidade projetada de Lucio Costa, logo a altura dos edifícios geralmente não passa dos 25 metros, os espaços entre os edifícios amplo e composto de arborização e vias para pedestres e as vias são espaçosas, geralmente com mão dupla. Por isso, o espaço é caracterizado por ser poroso, com Fronteira pouco definida.

Os edifícios possuem pavimentos de 1 a 6 andares, padronizados de acordo com a área que estão situados. Os sons são provenientes da própria Fronteira e do Entorno, onde há muita movimentação de automóveis e pedestres. A reflexão é baixa, pois não existem muitas fachadas próximas. Já a absorção da radiação é alta, pois a vegetação é presente e abundante, tanto no interior como no entorno. A atratividade é o próprio ambiente do parque e suas atividades.

O quadro 36, a seguir contém os dados reunidos e resumidos da avaliação bioclimática realizada no parque. É importante ressaltar que o local foi avaliado de forma completa para obter uma ideia do parâmetro geral bioclimático. O quadro com a ficha também possui desenhos para ilustrar as ideias de Entorno, área da Base e superfície da Fronteira.

Quadro 36 – Ficha de Avaliação Bioclimática – Parque Dona Sarah Kubitschek.

ESPACIAIS		ILUSTRAÇÕES	AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS		SENSAÇÃO DE COR VERDE	COR	
			VENTO ABERTO À PENETRAÇÃO DE VENTOS DOMINANTE: LESTE	SOMBRA ACÚSTICA BAIXA APESAR DE EXISTIR MUITA VEGETAÇÃO, ELA É ESPAÇADA, NA SUA MAIORIA	SOM
			SOM MAIOR PARTE DAS VIAS DE AUTOMÓVEIS	DIRETA INCIDENTE	RADIÇÃO
	CONTINUIDADE DE MASSA NÃO HÁ CONTINUIDADE, POIS NÃO EXISTE UM FECHAMENTO DE EDIFÍCIOS NO ENTORNO		DIFUSA PRESENTE	CLIMA	
CONDUÇÃO DOS VENTOS PELAS LATERAIS, POIS NÃO HÁ FECHAMENTO À LESTE	REFLETIDA ESCASSA	ALBEDO EXISTENTE - BAIXO	CLIMA		
A BASE	ÁREA DA BASE		PROPORCIONALMENTE POSSUI POUCA PAVIMENTAÇÃO PARA SUA EXTENSÃO	SOM	
	COMPONENTES E PROPRIEDADES FÍSICAS DOS MATERIAIS		PAVIMENTOS POUCA PAVIMENTAÇÃO, PROPORCIONALMENTE		AMBIENTE SONORO SONS PROVENIENTES DAS RUAS INVADEM O LOCAL
			VEGETAÇÃO RASTEIRA E ALTA, ESPALHADAS	CONJUNTO DE CORES VERDE - ÉPOCA DAS CHUVAS TERROSO - ÉPOCA DA SECA	COR
			ÁGUA EXISTENTE	TONALIDADE VERDE E TERROSO	
			MOBILIÁRIO URBANO POSTES DE LUZ BANCOS E MESAS LIXEIRAS CHUVEIROS BANHEIROS CANTEIROS PLACAS DE INFORMAÇÕES PLACAS DE TRÂNSITO QUADRAS		
A FRONTEIRA	CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE		ABSORÇÃO ALTA - EXISTE MUITA VEGETAÇÃO	CLIMA	
	NÃO EXISTE, POIS OS NÍVEIS DE ALTURAS SÃO DIFERENTES E NO ENTORNO DO PARQUE, EM GERAL, NÃO EXISTEM EDIFÍCIOS GEMINADOS		REFLEXÃO ASFALTO E VEGETAÇÃO EM MAIORIA, OU SEJA, POUCO REFLETOR		
	TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA MODERNISTAS: SETORIZAÇÃO, PERMEABILIDADE		MATIZES VERDE E CINZA	COR	
	ABERTURAS RUAS E ÁREAS PERMEÁVEIS		CLARIDADE PROPICIA A ISOCROMIA		
	TENSÃO POUCA - LOCAL POROSO		QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS DUROS E FLÚIDOS		
	DETALHES ARQUITETÔNICOS MODERNISTAS: - ENVOLTOS POR VEGETAÇÃO - PERMEÁVEIS PARA PASSAGEM DE PEDESTRES				
	NÚMERO DE LADOS 4 LADOS CONSTRUÍDOS				
ALTURA DE 1 À 6 PAVIMENTOS					

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

5.3. As Três Áreas Selecionadas

As três áreas selecionadas foram escolhidas com base no diagnóstico em campo realizado em cada área. Foi considerado que, para haver um estudo sobre as discrepâncias de público que cada área atrai, deveriam ser escolhidas três áreas diferentes entre si. Uma com pouca quantidade de visitantes, a Área 01; outra que foi planejada exclusivamente para atrair um grande número de visitantes, porém não conseguiu êxito nesta tarefa, a Área 09; e uma com grande quantidade de visitantes, a Área 12.

5.3.1. Escolha das Áreas

Para designar exatamente quais seriam as áreas escolhidas, além das próprias visitas que foram realizadas para o levantamento de fotos e dados, foram levados em conta a disposição de atividades e infraestrutura que cada área possui. A contagem das pontuações de atividades foi fornecida pela ficha de avaliação arquitetônica.

A área com grande quantidade de visitantes escolhida deveria apresentar um valor de pontuação alto devido à suas qualidades. A área que teve a maior pontuação foi a Área 12. A área com pouca quantidade de visitantes escolhida deveria apresentar um valor de pontuação baixo devido à sua configuração não aprazível. A área que teve a menor pontuação foi a Área 01. Por fim, a área que foi planejada exclusivamente para atrair um grande número de visitantes, porém não conseguiu êxito, deveria apresentar um valor de pontuação de mediano à baixo e devido à particularidade dessa escolha deveria ter algo que chamasse a atenção como um parquinho infantil, uma praça ou fonte. A área escolhida para essa análise foi a Área 09.

5.3.2. Diário de Visitas

Foram usados princípios de estudo baseados no livro “A Vida na Cidade: Como Estudar” de Gehl (2018) e Svarre (2018). Para o diário de visitas foi programado um final de semana para cada uma das áreas. A Área 01 foi estudada nos dias 15, 16 e 17 de novembro; a Área 09 foi estudada nos dias 22, 23 e 24 de novembro; e a Área 12 foi estudada nos dias 29 e 30 de novembro e no 1º dia de dezembro. Os horários observados foram das 7h às 11h, pois abrange o período da manhã até o momento onde sol é considerado prejudicial e é também horário de almoço, e das 14h às 18h, quando o almoço já passou e começa o período da tarde englobando o início da noite.

ÁREA 01

Dia 15 de novembro

A sexta-feira na área 01 teve um fluxo extremamente baixo. Para um parque com sua dimensão, a quantidade de visitantes na área não faz justiça ao seu potencial como um todo. O tempo estava ensolarado com poucas nuvens, não teve chuva. A temperatura local chegou a 31 graus.

Horário: 7h

Nesse horário, a área 01 não tinha visitante passando por ela. Como o local não possui um estabelecimento comercial, não havia funcionários chegando ao local. A temperatura estava agradável, cerca de 20 graus.

Horário: 8h

Alguns carros começaram a passar e estacionar pelo estacionamento, porém nenhuma pessoa chegou a desembarcar. Alguns ciclistas passaram pela via de bicicletas. Os espaços estavam silenciosos, havia apenas os sons dos pássaros e do balançar de folhas pelo vento.

Horário: 9h

Pelo menos quinze carros já haviam entrado no estacionamento. Alguns começaram a estacionar pelas margens do estacionamento.

Horário: 10h

Havia cerca de quarenta carros no local. Alguns ficavam rodando pelo estacionamento e outros permaneciam estacionados. Alguns pedestres passavam pelos carros. O movimento da área estava concentrado no estacionamento.

Horário: 11h

O fluxo de carros no estacionamento começou a diminuir gradativamente. Sete carros permaneceram no local. As atividades continuavam as mesmas, carros rodando no estacionamento e alguns parados.

Horário: 14h

Nesse horário a temperatura local estava alta. No começo do horário o local tinha apenas quatro carros estacionados, um longe do outro. O fluxo de carros começou a aumentar no estacionamento. Ao todo Passaram vinte e oito carros no local.

Horário: 15h

O fluxo de carros no estacionamento começou a aumentar lentamente. Havia chegado mais catorze carros no estacionamento ao longo do horário. Alguns pedestres também estavam no local.

Horário: 16h

Nesse horário o fluxo de carros já havia aumentado para vinte e cinco carros no local. E cerca de dez pedestres passavam pelos carros.

Horário: 17h

O fluxo de carros no estacionamento ficou parecido com o horário de 11h desse mesmo dia na área. Cerca de trinta carros que ficavam rodando pelo estacionamento e outros permaneciam estacionados. Alguns pedestres passavam pelos carros.

Horário: 18h

O fluxo de carros diminuiu levemente nesse horário. Ficaram pelo vinte carros e alguns pedestres no estacionamento.

Dia 16 de novembro

Foi um sábado curioso, pois nas outras áreas observadas, durante o sábado o fluxo normalmente aumentou. Porém nessa área o fluxo ficou menor que a sexta. O tempo estava ensolarado com poucas nuvens o tempo chegou a fechar em alguns momentos, mas não teve chuva. A temperatura local chegou a 28 graus.

Horário: 7h

A área 01 ainda não tinha muitos visitantes e comparando com o dia anterior, o movimento era ligeiramente maior. As primeiras pessoas começaram a chegar ao local.

Horário: 8h

O estacionamento começou a ter um movimento maior. Cerca de quinze carros passaram no local. Poucos ciclistas passaram pela via de bicicletas. E no geral o espaço estava silencioso, havia apenas os sons dos pássaros e do balançar de folhas pelo vento.

Horário: 9h

Alguns carros começaram a passar e estacionar pelo estacionamento, porém nenhuma pessoa chegou a desembarcar. Cerca de vinte e cinco carros estavam estacionados.

Horário: 10h

O movimento continuou o mesmo e as atividades, incluíram ficar dentro do veículo estacionado, andar pelos carros no estacionamento e poucos passaram de bicicleta pelo local.

Horário: 11h

Nesse horário o fluxo de veículos diminuiu drasticamente. Foi de vinte e cinco para menos de dez carros. Acredita-se que a causa tenha sido o horário de almoço.

Horário: 14h

O estacionamento ainda permanecia com pouco movimento nesse horário. Na área do parque não havia movimento algum.

Horário: 15h

Aos poucos o estacionamento começava a apresentar fluxo de veículos moderado. Os carros no local chegavam a cerca de quinze estacionados.

Horário: 16h

O movimento no estacionamento aumentou de quinze para dezoito carros. A maioria encontrava-se estacionados de forma variada pelo local e poucos estavam em movimento.

Horário: 17h

Havia alguns pedestres próximos aos carros que estavam parados. O movimento continuou estável com os mesmos valores do horário anterior.

Horário: 18h

Nesse horário o movimento baixou para menos de cinco carros no local. O local começava a escurecer gradativamente. Os carros não saíram do local mesmo com a iluminação precária.

Dia 17 de novembro

Foi um domingo com poucos visitantes. O tempo estava um pouco nublado, porém não houve chuvas no local. A temperatura chegou 27 graus, foi o dia mais fresco das análises realizadas no local.

Horário: 7h

A área 01 não tinha visitantes nesse horário. A temperatura no local estava mais agradável que nos outros dias. Havia movimento apenas nas vias à margem do parque por veículos de passagem.

Horário: 8h

O fluxo de veículos na área de estacionamento começou a aumentar. Havia alguns pedestres que andavam pelo estacionamento. Alguns veículos estavam estacionados.

Horário: 9h

A quantidade de veículos na área foi aumentando mais ainda. Chegou a cerca de vinte e cinco visitantes. Havia alguns pedestres e veículos apenas na área de estacionamento.

Horário: 10h

O movimento de visitantes alcançou seu pico nesse horário. Muitos veículos entravam, estacionavam e saíam do local. Uma contagem de vinte e sete carros passou pelo local. Havia alguns pedestres que andavam pelo estacionamento. Alguns veículos estavam estacionados.

Horário: 11h

Nesse horário o fluxo abaixou consideravelmente. O espaço ficou apenas com dois pedestres e quatro em veículos estacionados. As pessoas que não estavam nos carros, conversavam entre si.

Horário: 14h

O local ainda permanecia com pouco movimento nesse horário. Na área interna do parque não existia movimento pedestres ou outros visitantes.

Horário: 15h

O estacionamento aos poucos começava a ter um fluxo moderado de carros. O número de veículos nesse horário havia aumentado para dez.

Horário: 16h

O fluxo de carros no estacionamento não aumentou muito. E a atividade que os visitantes realizavam era: estacionar os carros e conversar entre si e entre os pedestres que rondam o espaço.

Horário: 17h

O número de pessoas que ocuparam o parque nessa área e horário diminuiu para oito. Um número reduzido da manhã. Dado em conta que a Área não possui iluminação efetiva.

Horário: 18h

O fluxo continuou baixo. Com menos movimento que o horário do dia. Porém ainda permaneciam no local cerca de cinco visitantes.

ÁREA 09**Dia 22 de novembro**

Foi uma sexta-feira com pouco fluxo de pessoas. O tempo estava ensolarado e a temperatura local chegou a 27 graus. A área na sua maior parte do tempo ficou vazia.

Horário: 7h

A Área 09 não tinha visitante passando por ela nesse horário. Como o local só possui um estabelecimento comercial, poucos funcionários estavam chegando ao local. Apenas uma pessoa em situação de rua encontrava-se no local, ele estava deitado em um dos únicos bancos que tinha uma árvore.

Horário: 8h

Alguns ciclistas passaram na ciclovia próxima. Cerca de 3 pessoas chegaram com seus carros. As pessoas que haviam chegado começaram a montar um circuito de exercícios. O circuito foi montado próximo ao estacionamento na praça das fontes.

Horário: 9h

Mais algumas pessoas chegaram para participar do circuito de exercícios. Não foram registrados ciclistas nem outros pedestres próximos. Cerca de sete pessoas estavam se exercitando no circuito montado por um instrutor de educação física.

Horário: 10h

O circuito de exercício foi desmontado e as pessoas que participaram foram aos poucos se despedindo e indo embora em seus carros. Alguns ciclistas e caminhantes passaram nas vias próximas, porém apenas três chegaram a entrar na área da praça. Uma pessoa usando patinete e duas usando patins também passaram nesse horário.

Horário: 11h

Alguns pedestres passaram na via de caminhadas. Mas logo o espaço ficou vazio novamente. Apenas com um morador de rua que permaneceu deitado no banco. O estabelecimento tinha apenas três pessoas sentadas nas mesas.

Horário: 14h

Nesse horário a temperatura local estava alta. O morador de rua não estava mais deitado no banco, apenas suas coisas estavam no local. A área permaneceu sem visitantes por um longo período.

Horário: 15h

Cerca de 10 ciclistas passaram pelo local. Alguns pedestres, cerca de 30, passaram nas vias de caminhadas. O estabelecimento estava vazio. Não havia pessoas circulando pela Praça das Fontes.

Horário: 16h

O espaço começou a ter uma redução de pedestres. A maior parte das atividades se concentrou longe da Praça das Fontes, mais precisamente nas vias de caminhada e bicicleta.

Horário: 17h

O fluxo começou a diminuir mais ainda nesse horário. Por volta de trinta pessoas passaram pelo local.

Horário: 18h

A partir desse horário, a maioria do público estava voltando para seus carros estacionados. O fluxo de pessoas ficou em torno de vinte pessoas.

Dia 23 de novembro

O sábado na área teve um fluxo de visitantes maior que na sexta-feira. O tempo estava ensolarado, com poucas nuvens e não houve chuvas durante todo o dia. A temperatura local chegou a 28 graus.

Horário: 7h

A área 01 tinha pouco movimento, algumas pessoas estavam estacionando seus carros. Alguns funcionários chegaram esse horário no restaurante. A maior parte das pessoas passava com bicicletas e caminhando pela via interna longe da Praça das Fontes.

Horário: 8h

Esse horário apresentou um início de aumento do fluxo. Boa parte do público estava de passagem, caminhando e andando de bicicleta, patins ou skate. Havia também pessoas que passeavam com seus cães.

Horário: 9h

As atividades percebidas no local não mudaram muito do horário anterior. Foi observado que havia apenas duas pessoas em situação de rua que usavam dos bancos sombreados da praça. Em torno de cinquenta pessoas passaram pela área.

Horário: 10h

O fluxo alcançou seu pico nesse horário. Cerca de trinta pessoas passavam pelo local. A Praça das Fontes não era visitada, apenas a vias de caminhada e bicicletas. Próximo ao estabelecimento do restaurante havia uma barraquinha de cocos que estava com um bom fluxo de clientes.

Horário: 11h

A partir desse horário o fluxo diminuiu demasiadamente por conta do período de almoço. O restaurante local não tinha consumidores. Aproximadamente vinte pessoas passaram pelo local esse horário.

Horário: 14h

O fluxo nesse período começou a aumentar, próximo de vinte pessoas. As atividades eram compra de cocos na banquinha próxima ao restaurante, caminhada, andar a bicicleta e patinete.

Horário: 15h

Aproximadamente trinta pessoas haviam passado pelo local. O fluxo começou a aumentar ligeiramente nesse horário. As atividades continuavam as mesmas do horário anterior.

Horário: 16h

O fluxo de pessoas no local aumentou para cerca de cinquenta pessoas. Existiam muitas pessoas que entravam com seus veículos apenas para comprar cocos. Outros passam caminhando, de bicicletas e skates.

Horário: 17h

Nesse horário a quantidade de pessoas se reduziu para quarenta. O fluxo começou a diminuir devido ao horário que estava começando à escurecer.

Horário: 18h

O fluxo continuou apresentando baixa, chegando à aproximadamente quinze pessoas no local. Como o local não é muito iluminado durante a noite e normalmente fica vazio, as pessoas optam por não realizarem tarefas no período da noite.

Dia 24 de novembro

O domingo apresentou um fluxo médio de visitantes nessa área do parque. O tempo estava ensolarado com algumas nuvens, não houve chuva no local. A temperatura local chegou a 30 graus.

Horário: 7h

No início desse horário, a Área 09 ainda não tinha público, o espaço estava vazio, nem as pessoas em situação de rua estavam no local. Algumas pessoas começaram a aparecer nas vias de caminhada. As pessoas, em maioria, eram idosos que caminhavam.

Horário: 8h

Nesse horário o fluxo maior era por parte da via de caminhada e da barraquinha de cocos. Aproximadamente vinte e cinco pessoas passaram no local.

Horário: 9h

A partir desse horário o fluxo começou a aumentar. A Praça das Fontes não era visitada, apenas a vias de caminhada e bicicletas. Cerca de trinta pessoas passaram.

Horário: 10h

O pico de pessoas foi alcançado nesse horário. Aproximadamente cinquenta pessoas passavam pela área. Estavam caminhando e andando de bicicletas. Algumas pessoas passavam com seus cachorros e outros andavam de patins. A polícia passou à cavalo pelo local.

Horário: 11h

Houve uma diminuição de 20% de pessoas, em comparação com o horário anterior. Como o horário de almoço estava próximo, a maior parte das pessoas não passava mais pelo local.

Horário: 14h

A maior parte do fluxo existente era de pedestres caminhando e andando de bicicleta. Apenas alguns carros consumiam do quiosque de cocos. Cerca de trinta pessoas passaram pelo local.

Horário: 15h

O fluxo não mudou esse horário, permaneceu em aproximadamente trinta pessoas e as atividades no local ainda eram as mesmas de passagem temporárias.

Horário: 16h

As atividades de passagem temporárias continuavam pelo local. Apenas algumas cinco pessoas pararam e sentaram nas mesas próximas ao quiosque de cocos, para consumir e passar o tempo. O fluxo no local permaneceu o mesmo do período anterior.

Horário: 17h

O público nessa hora, começou a diminuir. O quiosque de cocos estava terminando suas atividades e poucas pessoas passavam de bicicleta e patins.

Horário: 18h

O movimento nesse período ficou em torno de quinze pessoas que passaram caminhando ou em bicicletas. Não houve acesso à Praça das Fontes.

ÁREA 12

Dia 29 de novembro

Foi uma sexta-feira cheia de visitantes no parque. O tempo estava ensolarado com poucas nuvens. A temperatura chegou a ser registrada nos termômetros locais com 28 graus.

Horário: 7h

A área 12 ainda não tinha muitos visitantes. Chagavam as primeiras pessoas no local, algumas chegavam de bicicleta, outros de carro e outros de transporte público. Os funcionários dos quiosques começaram a chegar e aos poucos os estabelecimentos foram sendo abertos. Alguns visitantes idosos utilizaram os equipamentos de exercícios dos Pontos de Encontro Comunitários (PEC).

Horário: 8h

Alguns visitantes ocupavam os locais de exercício ao ar livre, outros se sentavam nos quiosques. Nesse horário algumas crianças com seus pais começaram a chegar para utilizar o parquinho infantil, Parque Ana Lúcia. Alguns vendedores ambulantes começam a chegar próximo ao Parque Ana Lúcia.

Horário: 9h

Atividades como caminhar, andar à bicicleta, fazer exercícios, jogar vôlei e acompanhar crianças brincando no parquinho, foram as principais observadas nesse horário. Aproximadamente cento e vinte indivíduos estavam no local.

Horário: 10h

Foi nesse instante que o público aumentou consideravelmente e alcançou seu máximo do dia com cerca de cento e oitenta visitantes. As atividades eram diversas. Principalmente caminhadas, ciclismo, prática de exercícios e vôlei, alimentação em quiosques e supervisão de crianças brincando no parquinho.

Horário: 11h

Nesse momento o parque de diversões abriu e começou um tímido movimento no local. O movimento no geral começou a diminuir e alcançou cerca de oitenta pessoas.

Horário: 14h

Nesse horário o movimento estava maior no parque de diversões Nicolândia. Existia um público considerável no local, aproximadamente quarenta pessoas só no Nicolândia. Fora do parque de diversões o movimento estava baixo, apenas os quiosques estavam com atividades de seus funcionários.

Horário: 15h

O público começou a crescer para em torno de setenta pessoas no local. Algumas começavam a ocupar o parquinho infantil Ana Lídia. Alguns clientes também ocupavam os quiosques.

Horário: 16h

O fluxo de pessoas aumentou para cento e dez, no geral. As atividades como: caminhar e andar de bicicleta começaram a aparecer na área.

Horário: 17h

A partir desse horário o número de visitantes começou a diminuir para pouco mais de cem pessoas. A maior parte do público se encontrava no parque de diversões Nicolândia. Outros estavam caminhando, andando de bicicleta, praticando exercícios e esportes, passando com seus cães, olhando suas crianças brincando e consumindo nos quiosques. Algumas pessoas estavam trabalhando como vendedores ambulantes e lavadores de carro.

Horário: 18h

Nesse horário ainda havia muito movimento, alguns quiosques estavam encerrando suas atividades. Um grupo de quarenta jogadores de vôlei chegavam na área, eles estavam

Dia 30 de novembro

O sábado foi o dia que mais registrou visitantes na Área 12. O tempo estava levemente nublado, porém não houve chuva no local. A temperatura estava agradável e a máxima chegou à 26 graus.

Horário: 7h

Novamente nesse horário uma das primeiras coisas a serem observadas é a chegada dos funcionários dos quiosques locais. O fluxo de pessoas visitantes do parque ainda é pequeno e existe uma boa parcela idosa nesse horário. Alguns vendedores ambulantes começam a chegar próximos ao parque infantil.

Horário: 8h

O público começou a aumentar exponencialmente. Por volta de sessenta pessoas estavam no local. Algumas estavam trabalhando e outras aproveitando das atividades que a área possibilita.

Horário: 9h

O fluxo mais que dobrou rapidamente, em comparação com o horário anterior. As atividades realizadas no local incluíam: pessoas caminhando; pais observando suas crianças no parque; pessoas andando de bicicleta, skate e patins; pessoas usufruindo dos quiosques de alimentos e massagem; pessoas passeando com cães; pessoas jogando vôlei, capoeira e futevôlei; pessoas sentadas observando o movimento, conversando ou apenas aproveitando o dia; pessoas trabalhando nos quiosques e no parque de diversões; e pessoas fazendo exercícios.

Horário: 10h

Nesse período a área apresentou o ápice de indivíduos na Área 12. Aproximadamente cento e noventa pessoas estavam no local e as atividades eram as mesmas relatadas no horário anterior. Os estacionamentos estavam cheios e não existia bancos livres, apenas alguns que não estavam sombreados. Algumas pessoas haviam levado seus próprios acentos para aproveitar melhor o espaço.

Horário: 11h

Nesse momento o número de pessoas começou a diminuir progressivamente em consequência do período de almoço. Porém o fluxo continuou alto, mais de cem pessoas estavam pelo local. As atividades reduziram para caminhadas, andar de bicicleta e patins, passear com cães, acompanhar crianças no parquinho brincando, praticar exercícios e consumir os serviços dos quiosques. O parque de diversões Nicolândia abriu nesse horário.

Horário: 14h

Nesse momento o fluxo era um pouco mais de oitenta pessoas no local. A maioria estava no Nicolândia. Outro lugar que ainda tinha um bom movimento era o parquinho infantil Ana Lúcia.

Horário: 15h

Nesse período o público começou a aumentar, chegando a aproximadamente cento e vinte indivíduos. O Nicolândia estava com a maior parte dos indivíduos, porém o parquinho infantil não estava longe em concentração de público.

Horário: 16h

A área apresentou uma alta de público nesse período da tarde, cerca de cento e sessenta pessoas. As quadras de esportes estavam cheias, o esporte praticado era o vôlei. Algumas pessoas caminhavam, andavam de bicicleta e praticavam exercícios. Outros estavam nos quiosques como clientes e alguns apenas estavam passando o tempo.

Horário: 17h

O número de pessoas começou a diminuir levemente. As atividades principais eram: pessoas caminhando, pais observando suas crianças no parque, pessoas andando de bicicleta e patins e pessoas consumindo alimentos dos quiosques locais.

Horário: 18h 110

O fluxo de pessoas teve uma diminuição moderada. Ainda aconteciam muitas atividades no local e a iluminação começou a se mostrar útil, pois a luz do sol começou a diminuir. Existiam aproximadamente cento e dez pessoas na área.

Dia 01 de janeiro

Foi um domingo com bastante visitantes no parque. O tempo estava ensolarado com poucas nuvens. A temperatura chegou a ser registrada nos termômetros locais com 28 graus.

Horário: 7h

A área 01 ainda não tinha muitos visitantes. No início do horário o público chegava a vinte pessoas. Chegavam as primeiras pessoas no local, alguns chegavam de bicicleta, outros de carro e outros de transporte público.

Horário: 8h

O público começou a aumentar consideravelmente. O estacionamento ficava cheio aos poucos, existiam pessoas circulando próximo dos carros. Aproximadamente quarenta pessoas estavam no local.

Horário: 9h

Atividades como: pessoas caminhando, pais observando suas crianças no parque, pessoas andando de bicicleta e patins e pessoas consumindo alimentos dos quiosques locais, estavam sendo realizadas no local. No final do horário a contagem chegou a cento e vinte pessoas.

Horário: 10h

Nesse horário o fluxo de pessoas atingiu seu máximo. Por volta de cento e cinquenta pessoas haviam passado na Área 12. As atividades incluíam: pessoas caminhando; pais observando suas crianças no parque; pessoas andando de bicicleta, skate e patins; pessoas usufruindo dos quiosques de alimentos e massagem; pessoas passeando com cães; pessoas jogando vôlei, capoeira e futevôlei; pessoas sentadas observando o movimento, jogando jogos de tabuleiro, conversando ou apenas aproveitando o dia; pessoas trabalhando nos quiosques e no parque de diversões; e pessoas fazendo exercícios.

Horário: 11h

As atividades continuaram as mesmas, porém houve uma diminuição por motivo do horário estar próximo do almoço. O fluxo ainda estava alto, mais de cem pessoas, mas estava

diminuindo. O parquinho infantil Ana Lúcia tinha um movimento de quarenta pessoas. E o parque de diversões Nicolândia estava abrindo.

Horário: 14h

Depois do período de almoço, o número de visitantes chegava a sessenta pessoas. Boa parte do público estava utilizando o parque de diversões. Poucas pessoas estavam caminhando ou andando de bicicleta, a maioria estava nas sombras.

Horário: 15h

O fluxo aumentou novamente para aproximadamente cento e vinte pessoas. Existia um grupo de pessoas começando a jogar vôlei na quadra de areia. Algumas pessoas estavam caminhando, andando de bicicleta e patins, passeando com cães, consumindo dos quiosques e existiam crianças com seus pais no parquinho infantil Ana Lúcia. Apesar do horário de sol intenso, existem muitas árvores no parquinho infantil.

Horário: 16h

O fluxo de visitantes começou a diminuir. Menos de cem pessoas estavam no local. As atividades ainda permaneciam as mesmas do horário anterior.

Horário: 17h

Nesse horário, a quantidade de pessoas foi reduzida para sessenta indivíduos. A maioria estava caminhando, andando de bicicleta, consumindo nos quiosques e alguns poucos estavam no parquinho infantil Ana Lúcia. O movimento do parque de diversões Nicolândia também diminuía.

Horário: 18h

A partir desse horário o espaço ficou bem menos movimentado. Apesar de ter um movimento considerável durante à noite, graças à iluminação e aos estabelecimentos, acredita-se que por ser o último dia do final de semana, o fluxo teve uma baixa de 50% nesse período, comparando com às 17h.



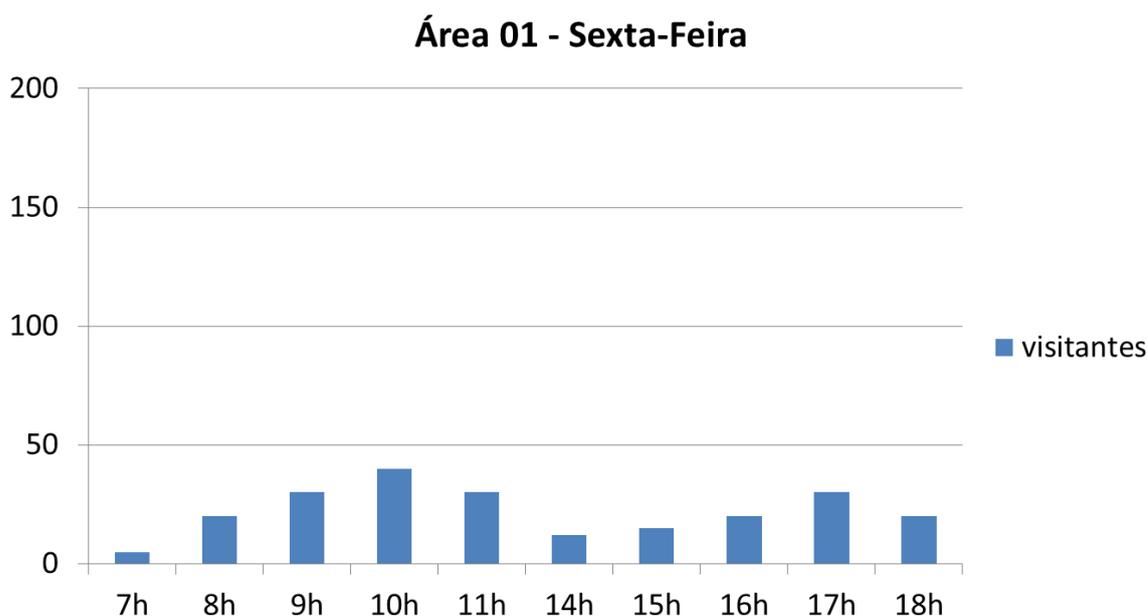
ANÁLISE DE RESULTADOS

6. ANÁLISE DE RESULTADOS

A partir das análises realizadas nas áreas, foram recolhidos dados de contagem de pessoas que passavam pelo local com o uso de um contador. Toda vez que um visitante entrasse no espaço delimitado de cada área este era contado, foi considerado o público de todas as idades. No final, foram criados nove gráficos com os dados da quantidade de visitantes por horário em cada dia.

A área 01 teve o pior desempenho de visitas durante o momento de pesquisa. Foi observado que o espaço é considerado um espaço de passagem. Alguns visitantes que permanecem no local apenas estacionam e permanecem em seus carros. A seguir estão os gráficos (Gráficos 1, 2 e 3) da quantidade de visitantes no local.

Gráfico 1 – Gráfico de visitantes da Área 01 na sexta-feira.

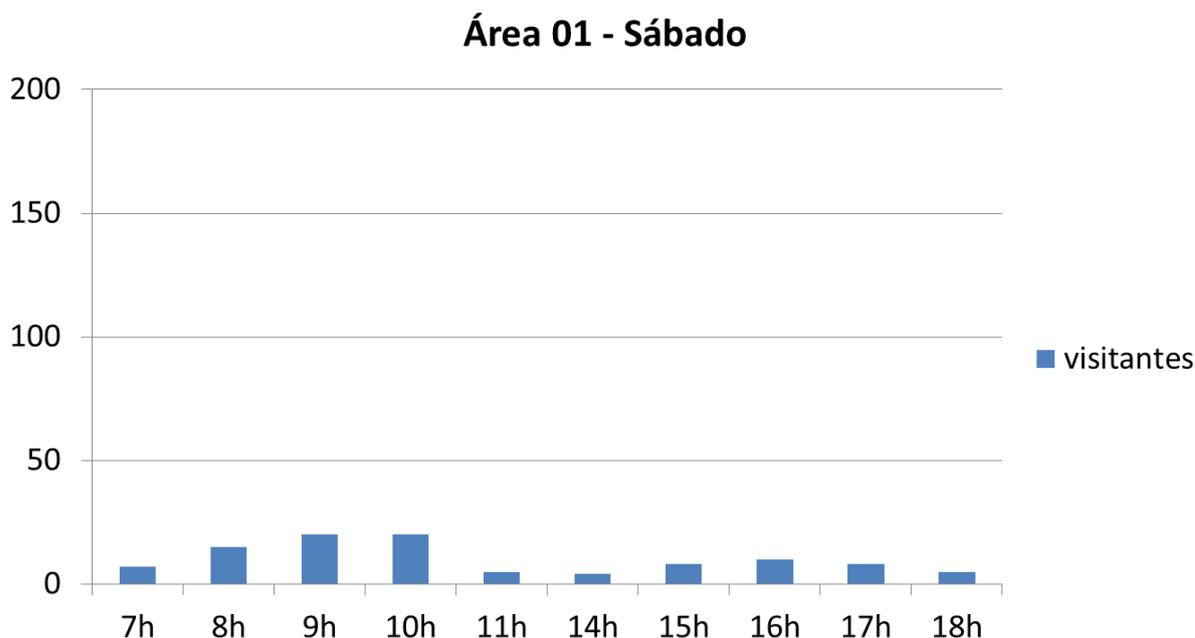


Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Durante a sexta-feira é possível notar, pelo Gráfico 1, que a maior parte do movimento foi nos horários de 10 h e 18 h. No horário das 10 h os responsáveis pela maior parte do movimento foram pessoas em automóveis. A maior parte dos visitantes era passageira. Os poucos que permaneciam, ficavam dentro de seus veículos.

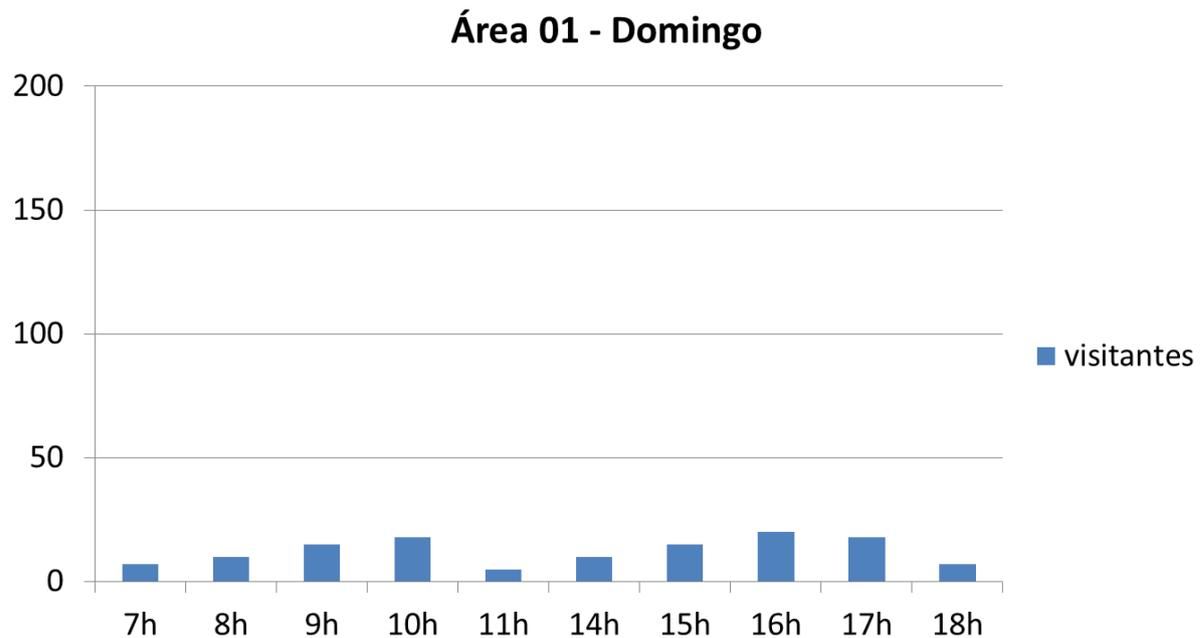
O Gráfico 2, a seguir, mostra algo interessante que aconteceu durante o sábado na Área 01. O sábado representou para as outras áreas um aumento de fluxo de visitantes. Mas isso não aconteceu na Área 01.

Gráfico 02 – Gráfico de visitantes da Área 01 no sábado.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Durante a visita no sábado, foi constatado que o fluxo na área foi menor que no dia anterior. Acredita-se que essa situação aconteceu porque no espaço é mais comum a passagem de funcionários que trabalham próximo à área. No sábado essa situação muda, pois a maior parte dos serviços fecha. O Gráfico 3, a seguir, mostra a situação do domingo na Área 01.

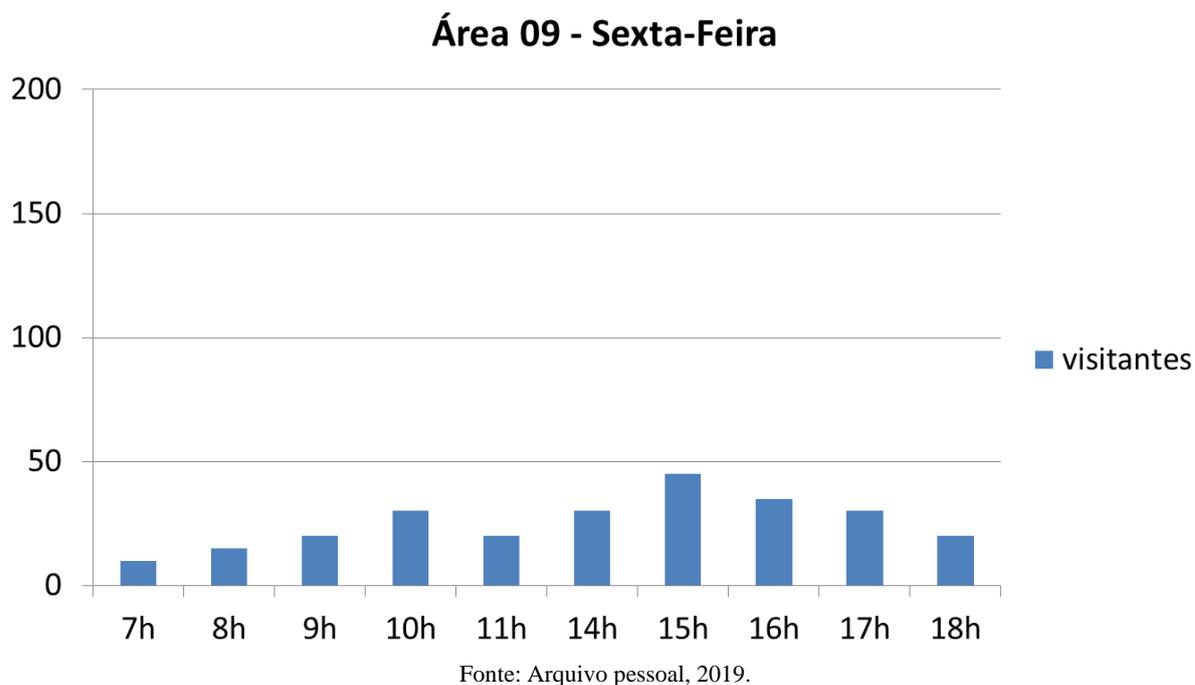
Gráfico 3 – Gráfico de visitantes da Área 01 no domingo.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O Domingo apresentou um aumento considerável durante as 10 h da manhã por parte de ciclistas que passavam na área. E no período vespertino, o horário com maior fluxo foi durante as 16 h e as 17 h. Nesse horário, a maior parte dos visitantes ficavam nos carros estacionados.

A Área 09 apesar de ser uma área projetada especialmente para receber visitantes, não cumpriu muito bem sua tarefa. Atualmente por falta de manutenção e atenção por parte da administração o espaço encara sérias condições de degradação. Isso acarreta diretamente no fluxo da população. A falta de um estabelecimento que promova a atração no local também influencia.

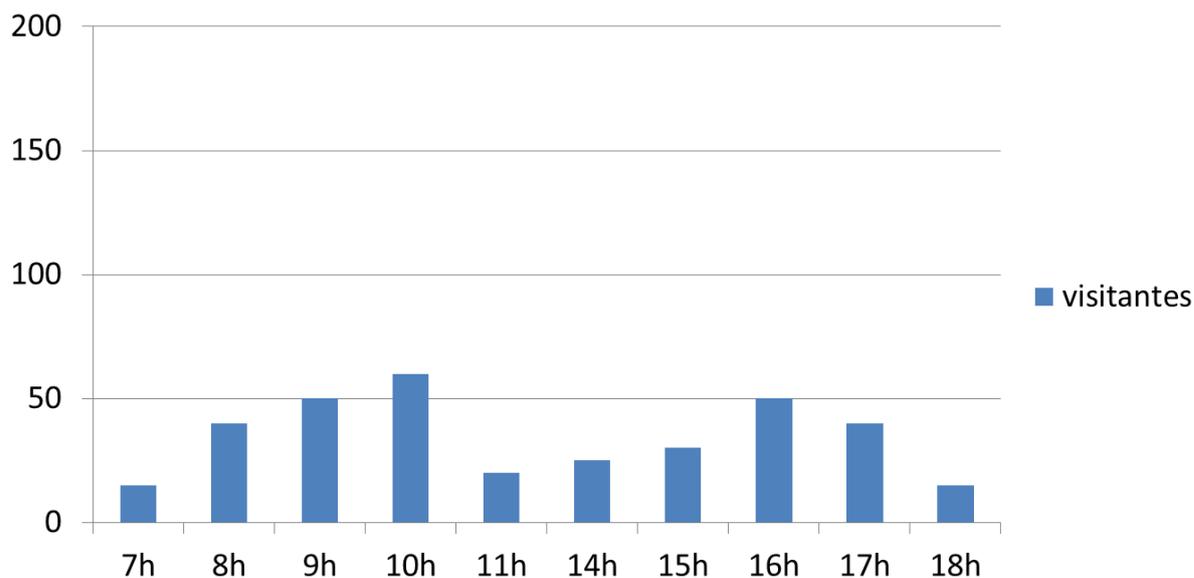
Gráfico 4 – Gráfico de visitantes da Área 09 na sexta-feira.



Durante a sexta-feira foi notado a partir do Gráfico 4, que boa parte da população passou pelo espaço às 15 h. É importante ressaltar que a maioria do público que passou pelo espaço, não ficou muito tempo no local. Normalmente as pessoas tratavam o local como um espaço de passagem.

O Gráfico 5, a seguir, mostra o fluxo de pessoas durante o dia onde normalmente a maioria dos brasileiros sai para apreciar o dia com exercícios. No sábado o fluxo aumentou consideravelmente. Em geral, o sábado representou um acréscimo no fluxo de visitantes.

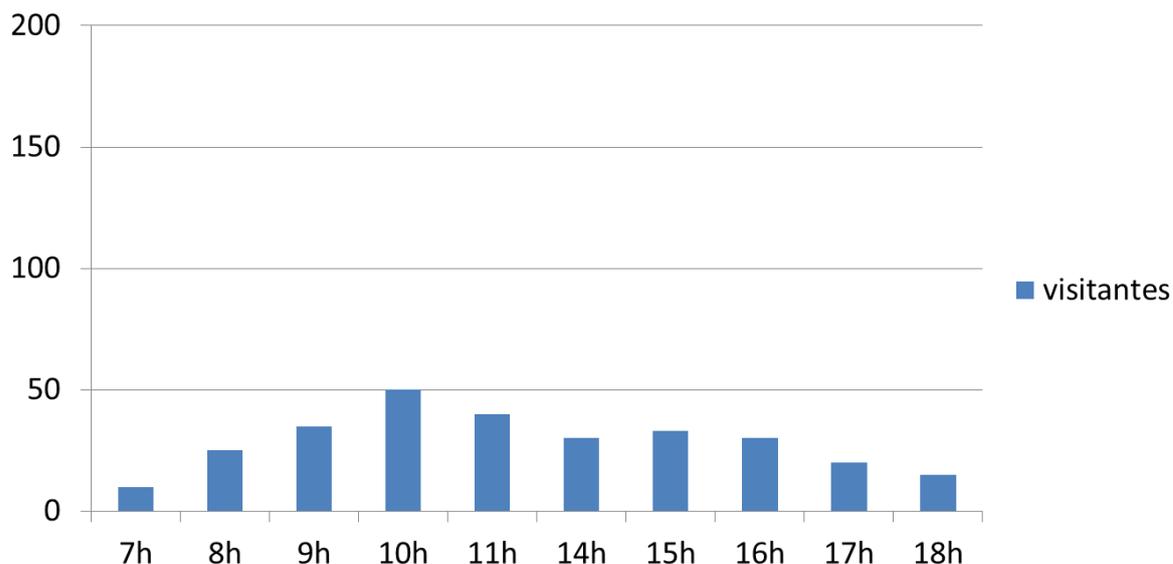
Gráfico 5 – Gráfico de visitantes da Área 09 no sábado.

Área 09 - Sábado

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A Área 09, no sábado, apresentou o maior número de visitantes no período das 10 h. Nesse horário o fluxo alcançou mais de 50 pessoas. Novamente a maioria estava apenas de passagem pelo local. Tão somente algumas pessoas permaneceram no local por algum tempo, que também não foi significativo. Nenhuma deles chegou a utilizar os bancos da praça. O Gráfico 6, a seguir, mostra a situação do domingo na Área 09.

Gráfico 6 – Gráfico de visitantes da Área 09 no domingo.

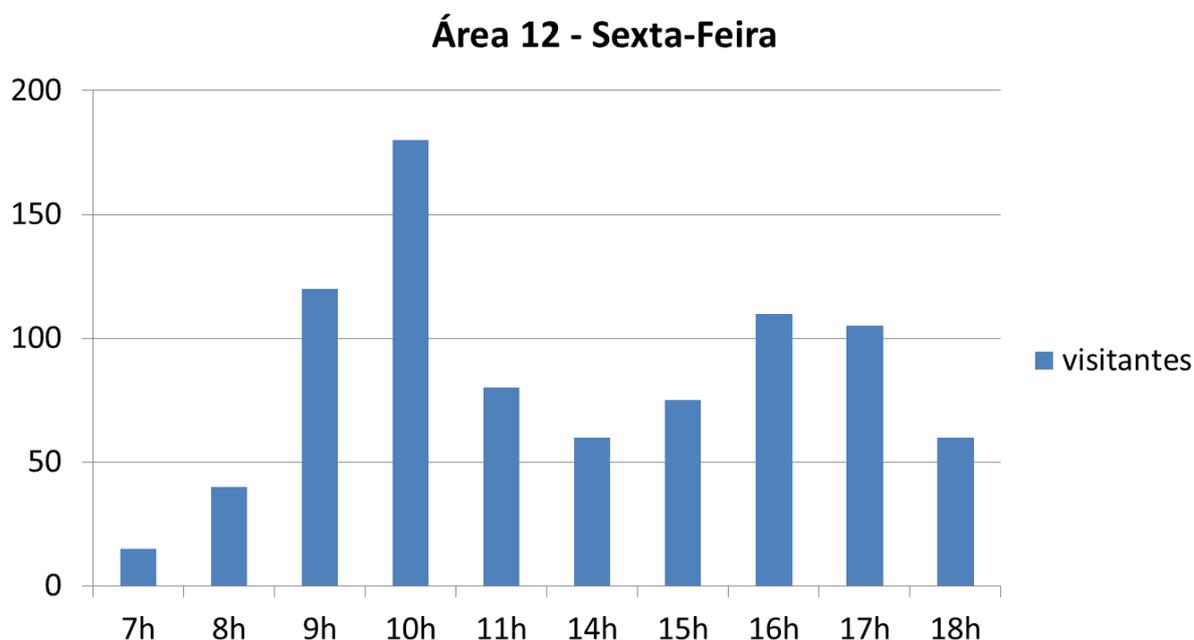
Área 09 - Domingo

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O Domingo apresentou uma diminuição do público em comparação com o sábado. O horário com maior movimento foi durante às 10 h da manhã. Demasiadamente o fluxo foi em detrimento de ciclistas e pessoas fazendo caminhada que passavam na área. No período vespertino, o fluxo abaixou para menos de 40 pessoas. Nesse horário, a temperatura do local estava alta, alcançando máximas de 30 graus.

A Área 12 teve os melhores resultados de fluxo de visitantes de todas as áreas avaliadas. A maioria dos visitantes intencionalmente chegava ao local para permanecer e usufruir de suas atividades. Os Gráficos 7, 8 e 9, a seguir, mostram a quantidade de pessoas que visitaram o local nos dias de sexta-feira, sábado e domingo, respectivamente.

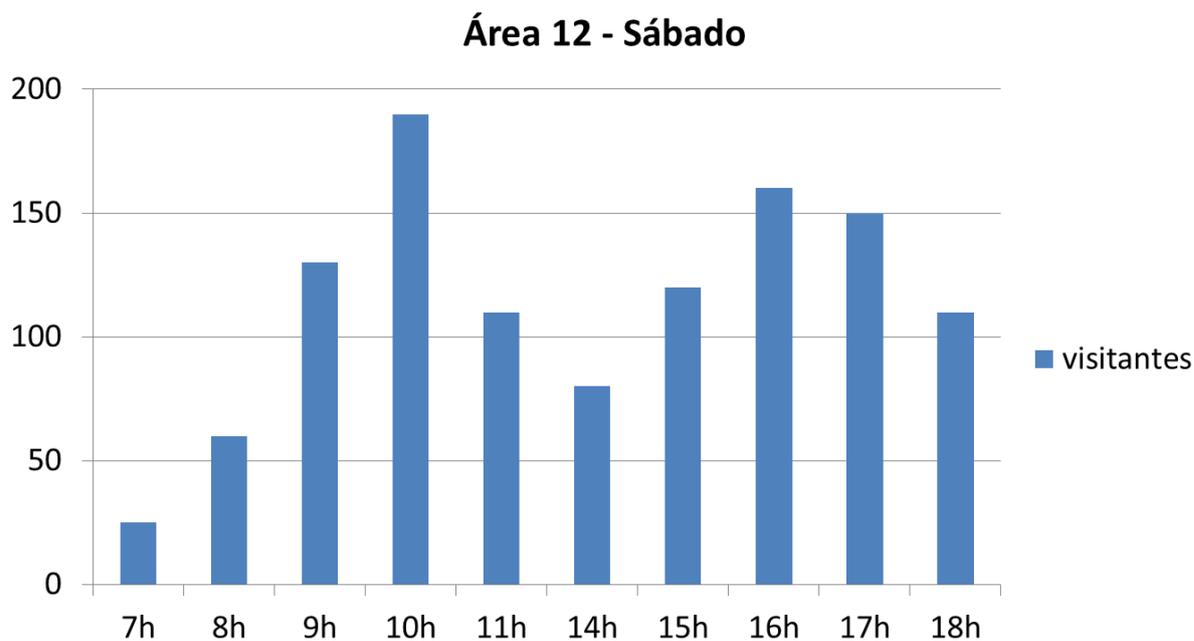
Gráfico 7 – Gráfico de visitantes da Área 12 na sexta-feira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

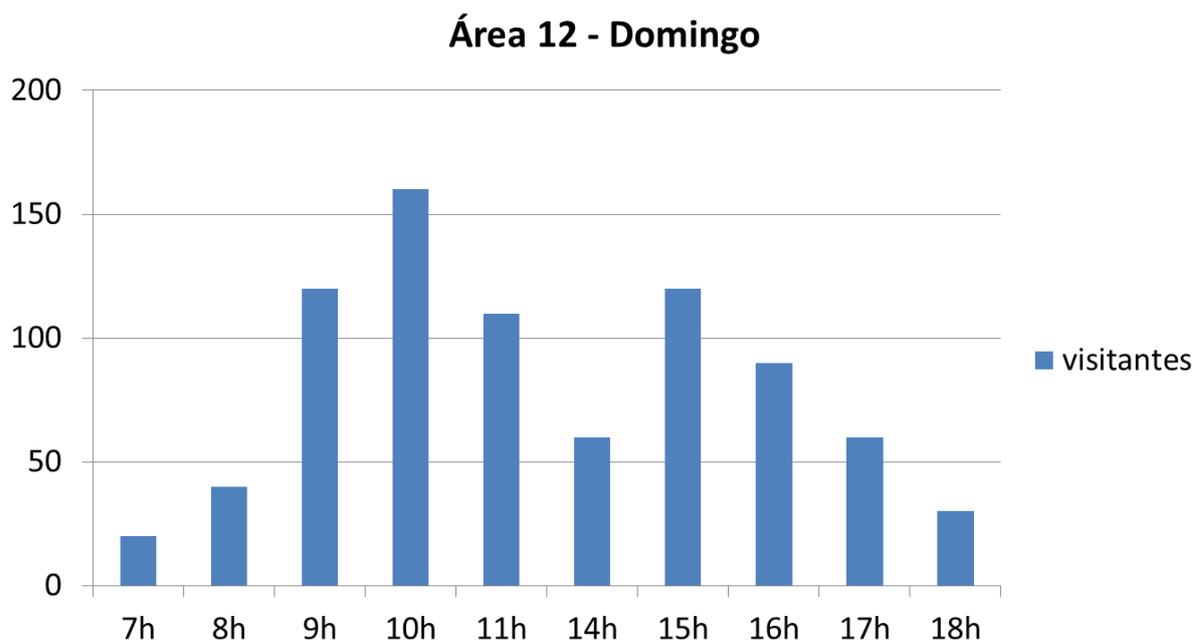
Durante a sexta-feira foi notado, pelo Gráfico 7, que o horário de maior movimento de pessoas foi às 10 h. Segundos os registros a área alcançou mais de 150 pessoas. Os horários de 9 h, 16 h e de 17 h também alcançaram altos níveis de pessoas no local. O fluxo começou pequeno nos períodos de 7 h e 8 h e teve uma redução nos horários de 14 h a 18 h por conta de almoço e da aproximação da noite, respectivamente.

O gráfico 02, a seguir, mostra o fluxo de visitantes no sábado. Foi o dia que mais registrou pessoas na área. No horário das 10 h o fluxo alcançou quase 300 pessoas. Em cerca de 60% do tempo o fluxo se manteve na faixa de mais de 100 visitantes.

Gráfico 8 – Gráfico de visitantes da Área 12 no sábado.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

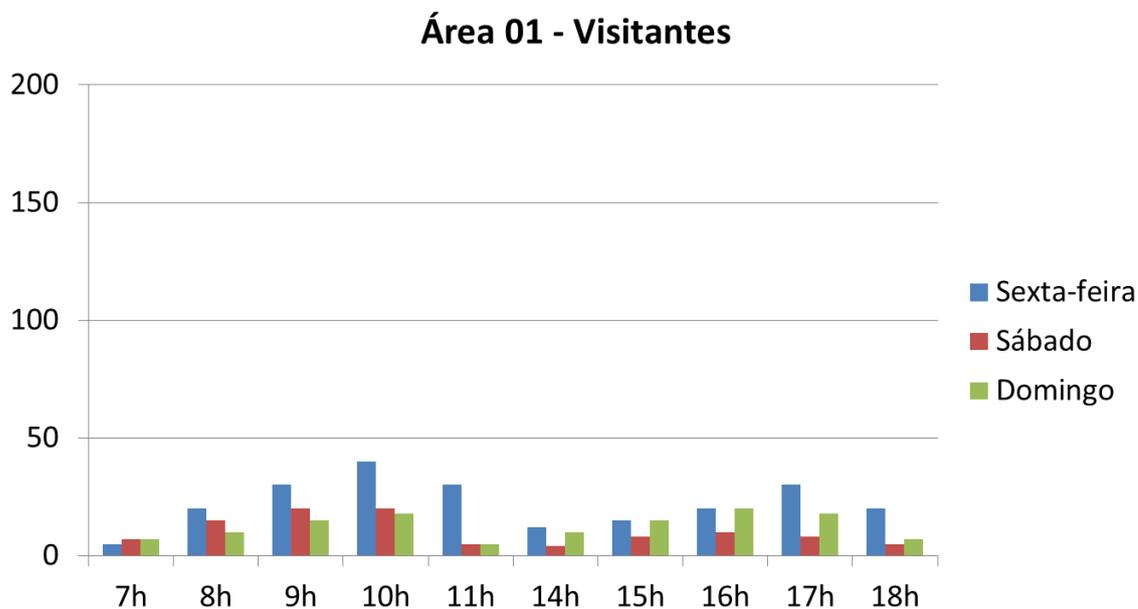
Durante a visita no domingo, foi observado que o fluxo na área foi bastante alto às 10 h. A partir das 15 h, o fluxo decaiu gradativamente até às 18 h. Acredita-se que esse quadro ocorreu, pois no dia seguinte era o início de uma nova semana de trabalho. A área 12 no geral teve um bom fluxo de pessoas.

Gráfico 9 – Gráfico de visitantes da Área 12 no domingo.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

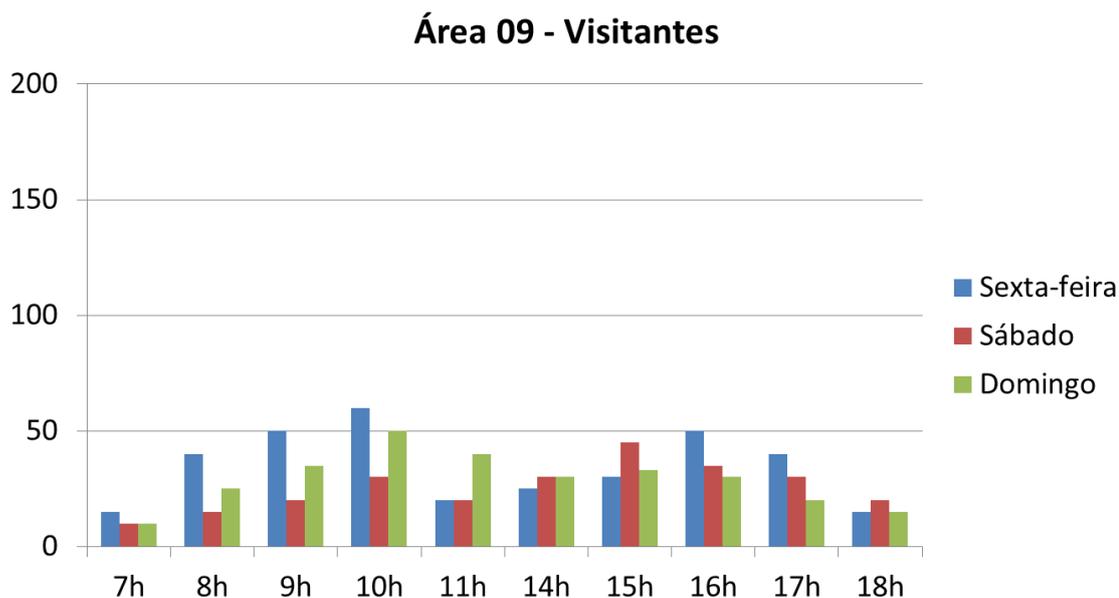
Por fim, foram elaborados três últimos gráficos, um para cada área. O objetivo foi entender e comparar o fluxo dos horários e dias de cada uma das áreas. Os gráficos 10, 11 e 12, a seguir, condizem à área 01, à área 09 e à área 12, respectivamente.

Gráfico 10 – Gráfico do total de visitantes da Área 01 no final de semana.

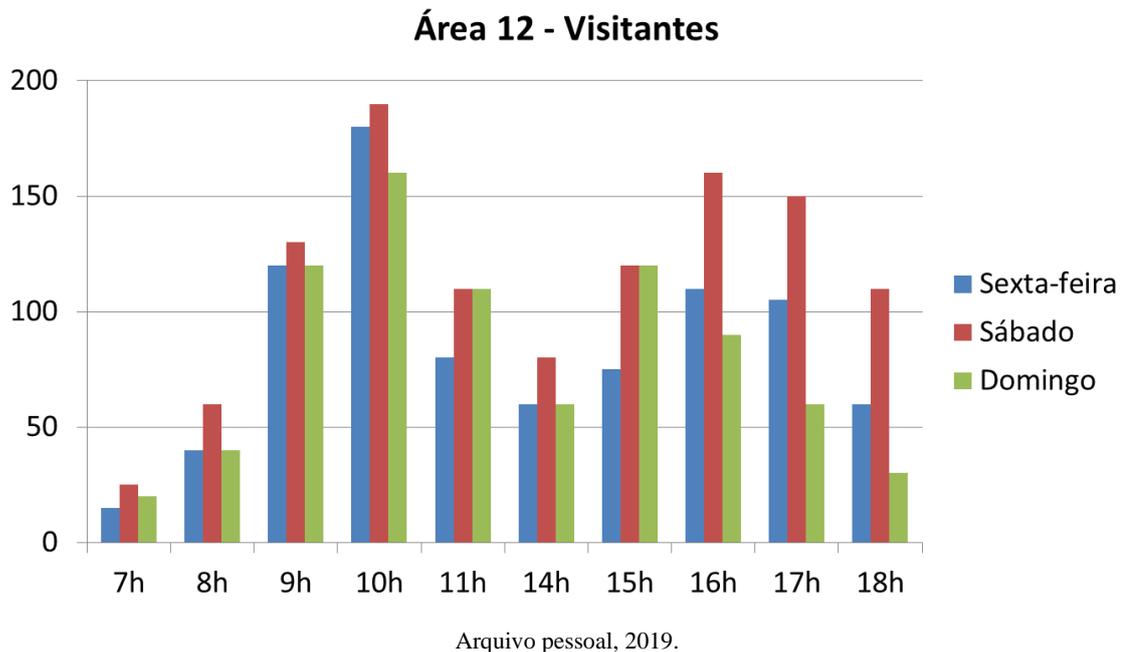


Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Gráfico 11 – Gráfico do total de visitantes da Área 09 no final de semana.



Arquivo pessoal, 2019.

Gráfico 12 – Gráfico do total de visitantes da Área 12 no final de semana.

Os gráficos resultantes dos dias de observação in loco, forneceram ideia da grande diferença de público que as áreas possuem. Um espaço tão amplo como o Parque Dona Sarah Kubitschek, e que ocupa um patamar de respeito na cidade de Brasília, não deveria apresentar tanto espaço inutilizado pela população. As fichas de avaliações e os gráficos ajudarão à administração sobre qual deve ser a área que mais necessita de manutenção e melhorias. Se eventualmente no futuro, um projeto for aprovado para contemplar apenas algumas áreas, torna-se necessário pensar sobre quais dessas áreas precisam mais ou menos.

Como forma de sintetizar e organizar os dados recolhidos nas pesquisas, foi composto um quadro (Quadro 37) contendo o resumo da pontuação dos pontos arquitetônicos analisados nas doze áreas do parque; e um gráfico (Gráfico 13) expondo o total de visitantes observados nas áreas 01, 09 e 12, nos três dias de visita (sexta- feira, sábado e domingo). Essa abordagem foi realizada para fins de comparação entre cada uma das áreas.

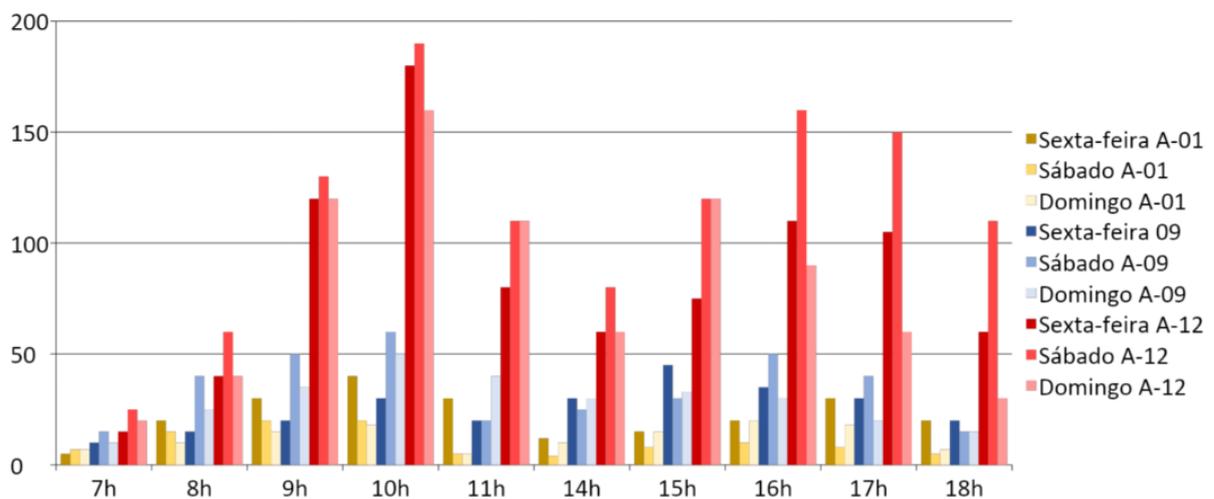
No Quadro 37, a seguir, foi resumido o resultado nas nove categorias dos elementos analisados. No quadro há o destaque das áreas escolhidas para o recolhimento de dados de visitantes a partir do diário de visitas. Nele é possível observar que a Área 01 teve a menor pontuação, a Área 09 teve uma pontuação baixa em vista de seu projeto da Praça das Fontes e a Área 12 obteve a maior pontuação.

Quadro 37 – Quadro síntese das análises arquitetônicas realizadas nas áreas do parque.

PONTOS DE AVALIAÇÃO	ÁREA 01	ÁREA 02	ÁREA 03	ÁREA 04	ÁREA 05	ÁREA 06	ÁREA 07	ÁREA 08	ÁREA 09	ÁREA 10	ÁREA 11	ÁREA 12
ELEMENTOS TÉRMICOS	2	2	4	5	5	3	4	4	3	8	5	5
PARADAS	1	2	2	2	2	2	2	1	1	3	2	3
ATIVIDADES	2	2	3	3	5	3	3	2	4	7	3	8
VISUAIS	2	2	3	2	2	2	2	2	3	6	5	8
ELEMENTOS AUDITIVOS	4	4	2	3	2	2	2	2	2	3	2	2
SEGURANÇA	3	3	5	5	7	5	6	6	6	9	5	9
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	4	5	7	10	11	6	7	8	6	11	6	13
ACESSIBILIDADE	5	5	7	4	6	7	6	5	6	7	6	10
MANUTENÇÃO	4	2	3	5	4	3	4	2	3	3	3	5
TOTAL	26	29	36	39	42	33	36	32	34	57	37	61

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No Gráfico 13, a seguir, foram integrados os dados de visitantes das três áreas visitadas. A Área 01 ficou com a coloração amarelada e a identificação dos dias como: Sexta-feira A-01, Sábado A-01 e Domingo A-01. A Área 09 ficou com a coloração azulada e a identificação dos dias como: Sexta-feira A-09, Sábado A-09 e Domingo A-09. Já a Área 12, ficou com a coloração avermelhada e a identificação dos dias como: Sexta-feira A-12, Sábado A-12 e Domingo A-12.

Gráfico 13 – Gráfico síntese do total de visitantes nas Áreas 01, 09 e 12.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

7.

CONCLUSÕES

7. Conclusões

A motivação inicial do trabalho foi o visível estado que algumas áreas do Parque Dona Sarah Kubitschek enfrentam. A preocupação pelos acontecimentos que geraram áreas marginalizadas dentro do parque, que podam as atividades dos frequentadores em geral. Apesar de algumas das áreas possuírem um grande fluxo de público, outros espaços se encontram degradados e pouco visitados. Desta maneira o trabalho teve como objetivo geral, o estudo desses espaços degradados, observando aspectos ambientais, a vegetação, a acessibilidade e o mobiliário urbano, de forma qualitativa. Foram utilizadas fichas de avaliação arquitetônica e bioclimática. Como aplicação do diário de visitas se estudou de forma quantitativa os visitantes das três áreas escolhidas, Área 01, Área 09 e Área 12.

No estudo geral das áreas se encontrou que essas áreas com baixo público, normalmente não possuem acesso favorável ao visitante; não existe atividade convidativa; o lugar de permanência é desagradável por não possuir bancos com sombreamento e outros fatores de infraestrutura; e os equipamentos e mobiliários não possuem manutenção ou precisam de reforma. As áreas que mais necessitam de intervenção são: a número 1, 2, pois foram as que obtiveram a menor pontuação pela Fica de Avaliação Arquitetônica. No estudo de visita em campo realizados nas áreas foi possível constatar as primeiras conclusões dos fatores envolvidos. Observou-se que as áreas (Área 01 e Área 09) que não possuíam sombreamento; equipamentos e instalações, como banheiros, lixeiras, bancos, mesas; quiosques; e variedade de atividades e entretenimento, apresentavam um fluxo baixo de visitantes. A Área 01 possui um movimento de veículos de passagem e nenhuma permanência. A Área 09 possui pouco movimento de pedestres e pouca permanência. Já a Área 12 foi a que obteve a melhor pontuação pela Ficha de Avaliação Arquitetônica, e o fluxo de visitantes é condizente à sua pontuação.

Sabe-se que o clima por seu caráter massivo é por si só imutável, porém o micro-clima tem a característica de ser mutável e por isso, controlável pelo homem. O micro-clima fornecido pela abundante vegetação diminui a temperatura do local e convida o público à permanência. Quando existe a diminuição ou falta de uma alta porcentagem da vegetação esta característica se perde trazendo como consequência o desconforto ambiental do espaço. A limitação e falta de mobiliário existente, como: elementos para iluminação, descanso e limpeza, contribuem também para o afastamento do público. E a carência de comércio, lazer e informação não satisfazem as necessidades de uso para a maioria dos usuários. Os espaços

destinados à permanência estão expostos à intensa radiação solar, por apresentarem pouca vegetação, assim como, carência de elementos arquitetônicos que gerem sombra. Os acessos são muitas vezes inexistentes ou ineficientes, com muita presença de barreiras arquitetônicas que dificultam uma apropriada relação dos usuários com o local.

Concluiu-se que o projeto carece de valoração pelas questões socioculturais e das características e potencialidades físicas e ambientais do entorno. Projetos pontuais com o enfoque na infraestrutura arquitetônica do local podem ser de grande impacto em algumas áreas. Além do mais, a falta de cuidado e atenção por parte da administração causa um aumento da degradação de espaços que estão abandonados, então essa seria alternativa perante as mudanças que podem ser feitas no local. No documento do Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade existem algumas propostas definidas a partir dos estudos realizados. Algumas das propostas do grupo foram: um projeto de restaurante e lanchonete para a praça das fontes; e um projeto do novo pavilhão de exposições que respeitasse as propostas originais do Parque. Nessa pesquisa o enfoque foi observado de forma mais pontual. Usando como exemplo a acupuntura urbana, uma teoria socioambiental que combina o design urbano contemporâneo com a acupuntura tradicional chinesa. Usando intervenções em pequena escala para transformar o contexto urbano maior. Assim como a prática da acupuntura visa aliviar o estresse no corpo humano, o objetivo da acupuntura urbana é aliviar o estresse no ambiente construído.

Pensou-se durante o recolhimento de dados de cada área, propostas que foram focadas nos pequenos detalhes de infraestrutura, como acessos, banheiros, quiosques e própria manutenção desses espaços. Pontos importantes para manter os locais vivos. Pequenos projetos de urbanização e humanização dos locais. Aproximar com novas atividades, as que já existem, pois muitas ficam numa distância que prejudica os pedestres. Muitas vezes essas pequenas mudanças, demonstram um impacto enorme no local. Durante a pesquisa encontrou-se a pesquisa encontrou-se algumas dificuldades com relação ao recolhimento de dados e os próprios diários de visita. Acredita-se que se existisse um grupo maior de colaboradores para observar e recolher os dados propostos na pesquisa, o tempo seria mais reduzido e as áreas poderiam ser observadas nas mesmas datas. Sugere-se que os trabalhos e pesquisas futuros envolvam, um estudo mais abrangentes, sobre as condições micro-climáticas, com medições de conforto térmico como temperatura, luminosidade, umidade e ruídos; e os estudos podem ser realizados em outras épocas do ano, e os diários podem ser feitos em um semana.



8.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Camila Lima. **Mapa para o uso do Parque Da Cidade Dona Sarah Kubitschek em Brasília/Df.** 2014. 52 f. Ensaio Teórico (Graduação) - Curso de Arquitetura, Fau - Unb, Brasília, 2014.

ALBUQUERQUE, Raquel Oliveira de. **Usos dos espaços e manutenção dos parques de madrid.** Brasília, ago. 2008. 56 p.

ARAUJO, Eliete De Pinho; CANTUÁRIA, Gustavo A. C.; RICHARDS, Simon; FILHO, Anthony De Souza Soares; CHAVES, Lucas Viana; FALCÃO, Manuela Paulino Teixeira; SILVA, Bruna Queiroz. Uso de los **espacios y manutención del Parque Sarah Kubitschek de Brasília – DF – Brazil y de los parques reales de Londres – UK.** In: *43º Congreso PARJAP - Ciudad entre jardines. Cultura y salud de la infraestructura verde urbana.* N°. 43, 2016, Huesca.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.

BORLAUG, N.E. **Feeding a word of 10 billion people: the miracle ahead.** En: R. Bailey. *Global warming and other eco-myths.* p. 20-60. Competitive Enterprise Institute, Roseville, EUA, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC. **Portaria nº 314, de 08 de outubro de 1992.** Brasília, DF: IPHAN. Disponível em:
<http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/52094/Lei_Complementar_265_14_12_1999.html>
Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Carta de Atenas.** Cartas Patrimoniais. Brasília, DF: IPHAN, out. 1931. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>>
Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Carta de Veneza.** Cartas Patrimoniais. Brasília, DF: IPHAN, out. 1964. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>

Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Carta de Florença**. Cartas Patrimoniais. Brasília, DF: IPHAN, out. 1981. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Florenc%CC%A7a%201981.pdf>> Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros. Carta de Juiz de Fora**. Cartas Patrimoniais. Brasília, DF: IPHAN, out. 2010. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>> Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 542, de 22 de setembro de 1993**. Dá a denominação de 'Parque Recreativo 'Ana Lúcia Braga' ao atual Parque de Recreação Iolanda Costa e Silva. Brasília, DF.

Disponível em: <http://www.tc.df.gov.br/SINJ/Norma/48501/Lei_542_22_09_1993.html>.

Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 1261, de 13 de novembro de 1996**. Dispõe sobre o uso e a preservação do Parque Recreativo Rogerio Pithon Farias. Brasília, DF. Disponível em:

<http://www.tc.df.gov.br/SINJ/Norma/49215/Lei_1261_13_11_1996.html>. Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 1410, de 18 de março de 1997**. Da a denominação de parque dona Sarah Kubitschek ao Parque Recreativo Rogerio Pithon Farias, DF. Brasília, DF. Disponível em:

<http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/49369/Lei_1410_18_03_1997.html>. Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei Complementar nº 84, de 13 de fevereiro de 1998**. Reserva área do Parque Dona Sarah Kubitschek para a instalação de Centros de Tradições Regionais, DF. Brasília, DF. Disponível em:

<http://www.tc.df.gov.br/SINJ/Norma/52000/Lei_Complementar_84_13_02_1998.html>.

Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 2005, de 14 de julho de 1998**. Dispõe sobre a criação do Programa de Preservação e Desenvolvimento de Atividades de Lazer do Parque Dona Sarah Kubitechek - PROLAZER, DF. Brasília, DF. Disponível em:

<https://www.tc.df.gov.br/SINJ/Norma/49964/Lei_2005_14_07_1998.html>. Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 2315, de 11 de fevereiro de 1999**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de unidade medica no Parque Dona Sarah Kubitscheck, situado na Região Administrativa do Plano Piloto - RA I, DF. Brasília, DF. Disponível em:

<http://www.tc.df.gov.br/SINJ/Norma/50273/Lei_2315_11_02_1999.html>. Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Lei Complementar nº 265, de 14 de dezembro de 1999**. Dispõe sobre a criação de Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo no Distrito Federal. Brasília, DF. Disponível em:

<http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/52094/Lei_Complementar_265_14_12_1999.html> Acesso em: 6 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 84.017, de 21 de setembro de 1979**. Aprova o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1979/D84017.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

BRANDÃO, Maria da Gloria de Sousa. **A Incorporação de Condições Climáticas em Projetos de Arquitetura: O Edifício Solar Hemiciclo**. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Urbana, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CANTUÁRIA, Gustavo A. C.. **Trees and Microclimatic Comfort: With Special Reference to Brasilia, Brazil**. 2001. 241 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Architectural Association School Of Architecture, Londres, 2001.

CERVO, A; SILVA, R; BERVIAN, P. Metodologia Científica. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2006.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. 67 v.

CORBUSIER, Le. **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. Coleção Face Norte, volume 06. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COSTA, Maria E. e LIMA, Adeido V. **Brasília, 57-85: do plano piloto ao Plano Piloto**. Brasília: TERRACAP, 1985.

COSTA, Lucio. Brasília 85-87. **Brasília Revisitada**. Anexo Leis de preservação: Decreto-Lei n° 10 829, de 14 de outubro de 1987 (GDF), e da Portaria n° 214, de 8 de outubro de 1992 (IPHAN).

COSTA, Lucio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. In Brasília, cidade que inventei. Brasília: ArPDF, Codeplan e DePHA, 1991. 76 p.

COTS, Pedro Marín (Org.). **Infraestructuras Verdes de la Ciudad de Málaga: Guía de Buenas Práticas**. Málaga, 2014. 212 p.

CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. 1ª ed. Lisboa/ Portugal: Edições 70, Lda, 2015. 202 p.

CZERNIAK, Julia; HARGREAVES, George; CORNER, James. **Large Parks**. Nova York: Princeton Architectural Press, 2007. 256 p.

DELPHIM, Carlos Fernando. **Manual de Intervenções em Jardins Históricos**. 2. ed. Brasília: Iphan/programa Monumenta, 2005. 151 p.

ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL, 14., 2016, Cascavel. BLANCK, Priscila; PAINI, Amanda; CONZAGA, Caruline; COSTA, Luana; ANJOS, Marcelo. **A Influência Das Cidades-Jardins No Plano De Brasília**. 2016. 13 p.

FALCÓN, Antoni. **Espacios Verdes para una Ciudad Sostenible**. Espanhã: Gustavo Gili, 2007. 176 p.

FERNANDES, Júlia Teixeira. **Código De Obras E Edificações Do Df: Inserção De Conceitos Bioclimáticos, Conforto Térmico e Eficiência Energética**. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FICHER, Sylvia; TREVISAN, Ricardo. Brasília Cidade nova. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 119.04, Vitruvius, abr. 2010. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.119/3384>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. London: Thames & Hudson, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.
- FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. **Manual de Conforto Térmico**. 7. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.
- GANEM, Roseli Senna; LEAL, Zita de Moura. **Parques do Distrito Federal**. Brasília: Câmara Legislativa do Distrito Federal - CLDF, 2000. 127 p.
- GEHL, Jan; GEMZØE, Lars; KARNAES, Sia. **New City Life**. 3. ed. Copenhagen: Danish Architectural Press, 2008. 264 p.
- GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2014. 280 p.
- GEHL, Jah; SVARRE, Birgitte. **A Vida na Cidade: Como Estudar**. São Paulo: Perspectiva, 2018. 184 p. Tradução de: Anita Di Marco.
- GIEDION, Sigfried. **Building in France, Building in Iron, Building in Ferroconcrete**. Los Angeles: Getty Research Institute, 1995. Tradução de: J. Duncan Berry.
- GOMARIZ, Pancrácio C. **Plazas y Plazuelas de Madrid**. Madri: Al y Mar, 1999.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL - SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO DISTRITO FEDERAL. **História de Brasília**. Disponível em: <<http://www.cultura.df.gov.br/historia-de-brasilvia.html>>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL - SECRETARIA DE ESTADO E DESENVOLVIMENTO URBANO E HABITAÇÃO. **Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2001. 70 p.
- GUIMARÃES, Sávio. **Projetando memória**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.
- HARIDASAN, M. **Aluminum accumulation by some Cerrado native species in Central Brazil**. Plant and Soil 65: 265-273. 1982.

- IBRAM/GDF. **Projeto MAPEAR: os parques do Distrito Federal / Gerência de Monitoramento da Qualidade Ambiental e Gestão dos Recursos Hídricos.** – Brasília, DF: IBRAM, 2012.
- IBRAM/GDF. **Guia de Parques do Distrito Federal / Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos.** – Brasília, DF: IBRAM, 2013.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2000. 510 p.
- JUCÁ, Jane Monte. **Princípios da Cidade-Parque: categoria urbana concebida no Plano Piloto de Brasília.** *Minha Cidade*, São Paulo, ano 10, n. 113.01, Vitruvius, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/10.113/1824>>. Acesso em: 11 mai. 2017.
- KLIASS, Rosa Grená. **Os Parques Urbanos de São Paulo.** Pini, 1993.
- MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do Paisagismo no Brasil.** São Paulo: Editora Quapá, 1999. 144 p.
- MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramado. **Parques Urbanos no Brasil.** (Brazilian Urban Parks). 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2003. 208 p.
- MACIEL, Alexandra Albuquerque. **Projeto Bioclimático em Brasília: Estudo de Caso em Edifício de Escritórios.** 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- MARTINS, Anamaria De Aragão Costa. **Brasília 1960-2010: passado, presente e futuro. Vazios urbanos em Brasília. Brasília 1960-2010,** p. 185-199, 2009. Disponível em: <<http://www.brasiliapatrimoniadahumanidade.df.gov.br>>. Acesso em: 21 mai. 2017.
- MASCARÓ, Juan Luis. **Sustentabilidade em urbanizações de pequeno porte.** Masquatro Editora, 2010. 166 p.
- MASCARÓ, Lucia; MASCARÓ, Juan Luis. **Vegetação Urbana.** 3ª ed. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2010. 212 p.

- PANZINI, Franco. **Projetar a Natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea**. São Paulo: Senac Sp, 2013. 720 p.
- MINDA, Jorge Eduardo Calderón. **Os Espaços Livres Públicos e o Contexto Local: O casa da praça principal de Pitalito - Huila - Colômbia**. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- ROMERO, Marta A. B.. **Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano**. São Paulo: Pró-Editores, 2000.
- ROMERO, Marta A. B.. **Frentes do Urbano para a Construção de Indicadores de Sustentabilidade Intra Urbana**. In Paranoá: cadernos de arquitetura e urbanismo da FAU-UnB. Ano 6, n. 4 (novembro/2007). – Brasília: FAU UnB, 2007a.
- ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura do lugar: uma visão bioclimática da sustentabilidade em Brasília**. 1ª ed. São Paulo: Nova Técnica Editorial LTDA, 2011. 164 p.
- ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura bioclimática do espaço público**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015. 225 p.
- SALDANHA, Nelson. **O Jardim e a Praça: Ensaio Sobre o Lado Privado e o Lado Público**. Porto Alegre: Sergio Antônio Fabris, 1986.
- SCALISE, W. **Parques Urbanos – evolução, projeto, funções e usos**. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v4, n. 1, p17-24, 2002.
- SILVEIRA, John. **Parque Urbano: Sustentabilidade e um Processo de Construção Social**. 2013. Coordenado por CAU/GO. Disponível em: <<https://www.caugo.gov.br/artigo-parque-urbano-sustentabilidade-e-um-processo-de-construcao-social/>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- SOARES, Thiago. **Descuido compromete Parque da Cidade o maior da América Latina**. Jornal Correio Brasiliense. Brasília, 07 de maio 2017. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/05/07/interna_cidadesdf,593429/descuido-compromete-parque-da-cidade-o-maior-da-america-latina.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- SPECK, Jeff. **Cidade caminhável**. São Paulo: Editora Perspectiva S/a, 2016. 272 p.

SUN, Alex. **Projeto da Praça: Convívio e Execução no Espaço Público**. Editora Senac. São Paulo, 2008.

TANURE, Joana Dias. **O projeto de paisagismo de Burle Marx e equipe para o “Parque da Cidade” em Brasília/DF**. (Pós-Graduação) - Curso de Arquitetura, Fau - Unb, Brasília, 2007.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo sobre a casa**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2012. 224 p.



ANEXOS

10 CORREIO BRASILIENSE
Brasília, sábado,
11 de outubro 2003

Área de 420 hectares é quase 3 vezes maior que o Ibirapuera, em São Paulo

O Parque é da Cidade

A maior área verde urbana do Distrito Federal tem cinco acessos. Confira a localização das quadras, restaurantes e áreas de lazer



Pista interna
Para quem gosta de cooper, caminhada ou outra atividade que necessite de contagem de distância de percurso, o parque já oferece marcações

4 Km 6 Km 10 Km



Observação
Os usuários podem pegar emprestado, na Administração do Parque (325-2451), mediante a apresentação de documento de identificação, os seguintes materiais: esportes: bolas de basquete, futevôlei, vôlei e futsal; redes de vôlei, futevôlei, tênis e pingue-pongue; mesas, raquetes e bolinhas de pingue-pongue. Quem quiser praticar calaque-pólo deve levar seu próprio equipamento e pedir autorização na administração

Arte: Anderson Araújo Fotos: Ronaldo de Oliveira e Kieber Lima

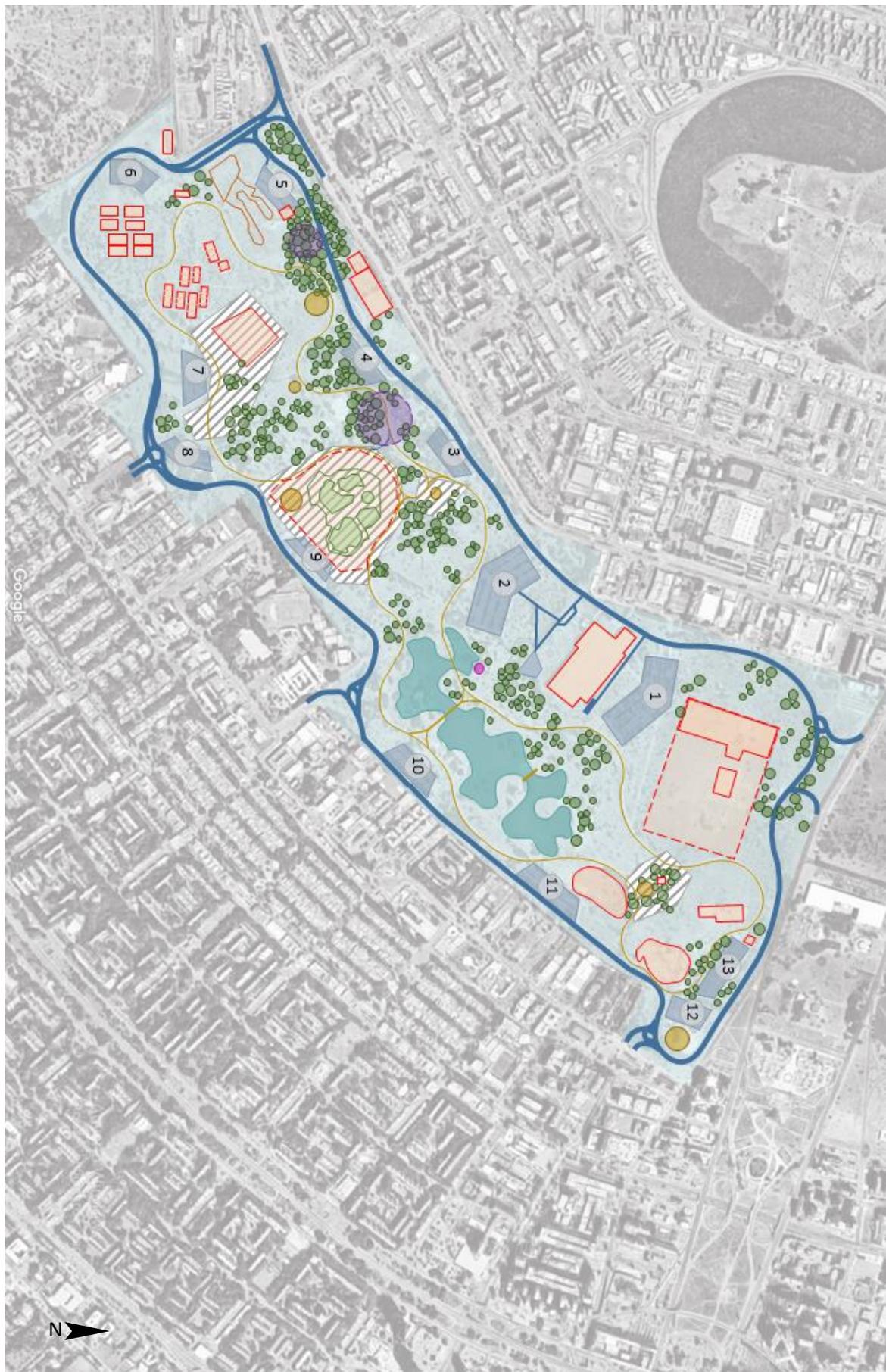


TABELA DE AVALIAÇÃO ARQUITETÔNICA			
PONTOS DE AVALIAÇÃO		DESCRIÇÃO BREVE	PONTUAÇÃO
ELEMENTOS TÉRMICOS	ÁGUA		
	VEGETAÇÃO ARBÓREA		
PARADAS	ABRIGOS/PROTEÇÃO CONTRA INTEMPÉRIES		
	PONTOS DE PAUSAS RÁPIDAS		
ATIVIDADES	VARIEDADE DE ATIVIDADES E ENTRETENIMENTO		
	QUIOSQUES		
VISUAIS	BOA ARQUITETURA		
	OBRAS DE ARTE		
ELEMENTOS AUDITIVOS	SONS AGRADÁVEIS		
	RUÍDOS		
SEGURANÇA	ILUMINAÇÃO		
	LOCAIS ISOLADOS		
	VIOLÊNCIA		
EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES	BANCOS		
	LIXEIRAS		
	BANHEIROS		
	CHUVEIROS		
ACESSIBILIDADE	ACESSOAS		
	CALÇADAS		
	RAMPAS		
MANUTENÇÃO	POLUIÇÃO		
	DEGRADAÇÃO		

		ESPACIAIS	ILUSTRAÇÕES	AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS	SOL		SENSAÇÃO DE COR		COR
		VENTO		RESSONÂNCIA DO RECINTO SOMBRA ACÚSTICA		SOM
		SOM		DIRETA DIFUSA REFLETIDA		RADIÇÃO CLIMA
	CONTINUIDADE DE MASSA	UMIDADE RELATIVA TEMPERATURA DO AR				
	CONDUÇÃO DOS VENTOS	VELOCIDADE DO VENTO TEMPERATURAS SUPERFICIAIS ALBEDO				
A BASE	ÁREA DA BASE			AMBIENTE SONORO		SOM
	COMPONENTES E PROPRIEDADES FÍSICAS DOS MATERIAIS	PAVIMENTOS		VARIAÇÃO SAZONAL		COR
		VEGETAÇÃO		CONJUNTO DE CORES		
		ÁGUA		TONALIDADE		
		MOBILIÁRIO URBANO				
A FRONTEIRA	CONVEXIDADE			MANCHAS DE LUZ		LUZ
	CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE			ESTÉTICA DA LUZ		
	TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA			LUMINÂNCIA		
	ABERTURAS			INCIDÊNCIA DA LUZ		
	TENSÃO			DIREÇÃO DE FLUXO		CLIMA
	DETALHES ARQUITETÔNICOS			ABSORÇÃO		
				REFLEXÃO		SOM
	NÚMERO DE LADOS			PERSONALIDADE ACÚSTICA		COR
	ALTURA			MATIZES		
	ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE			CLARIDADE		
		QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS				